

Altemar da Costa Muniz

Organizador



100

Anos

**da Revolução Russa:
olhares contemporâneos**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

EDITORA DA UECE

Erasmio Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

| | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| Antônio Luciano Pontes | Lucili Grangeiro Cortez |
| Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes | Luiz Cruz Lima |
| Emanuel Ângelo da Rocha Fragozo | Manfredo Ramos |
| Francisco Horácio da Silva Frota | Marcelo Gurgel Carlos da Silva |
| Francisco Josênio Camelo Parente | Marcony Silva Cunha |
| Gisafran Nazareno Mota Jucá | Maria do Socorro Ferreira Osterne |
| José Ferreira Nunes | Maria Salete Bessa Jorge |
| Liduina Farias Almeida da Costa | Silvia Maria Nóbrega-Therrien |

CONSELHO CONSULTIVO

| | |
|----------------------------------|---|
| Antônio Torres Montenegro UFPE | Maria do Socorro Silva Aragão UFC |
| Eliane P. Zamith Brito FGV | Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça UNIFOR |
| Homero Santiago USP | Pierre Salama Universidade de Paris VIII |
| Ieda Maria Alves USP | Romeu Gomes FIOCRUZ |
| Manuel Domingos Neto UFF | Túlio Batista Franco UFF |

Altemar da Costa Muniz

Organizador



100

Anos

**da Revolução Russa:
olhares contemporâneos**

1ª Edição

Fortaleza - CE

2019



100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA: OLHARES CONTEMPORÂNEOS

© 2019 *Copyright by* Altamar da Costa Muniz

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Coordenação Editorial

Erasmio Miessa Ruiz

Diagramação e Capa

Narcelio Lopes

Revisão de Texto

Organizador

Ficha Catalográfica

Lúcia Oliveira CRB - 3/304

C394 100 anos da Revolução Russa: olhares contemporâneos
[recurso eletrônico] / Organizado por Altamar da
Costa Muniz. - Fortaleza: EdUECE, 2019.
Livro eletrônico.
ISBN: 978-85-7826-763-6 (E-book)
1. Revolução russa. 2. União Soviética - História -
Revolução. I. Muniz, Altamar da Costa. II. Título.

CDD: 947.084

PREFÁCIO

Um público jovem, diversificado e animado lotava o auditório do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no dia 17 de outubro de 2017. O evento “Olhares contemporâneos sobre a revolução russa” contou com a presença de professores e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais, História, Serviço Social e Filosofia, além de colegas de outras universidades, o que proporcionou um ambiente rico em ideias e debates. A parceria entre o MAHIS e a rede de pesquisa Observatório das Nacionalidades (ON), em comemoração ao centenário da revolução russa, foi bem-sucedida ao propiciar uma oportunidade de refletir sobre suas influências junto aos movimentos operário, indígena, artístico, nacionalista e anarquista no Brasil e nas Américas. A diversidade de enfoques observada nas nove apresentações e a grande participação durante as palestras por parte do público, ao longo de quase 12 horas, excedeu as melhores expectativas. Em parte, o êxito deve-se ao empenho da equipe de organização, composta por bolsistas da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PRAE), monitores e professores.

É com satisfação que oferecemos aos leitores esta obra coletiva, reunindo trabalhos que nasceram de um amplo debate e que dialogam entre si. Seus autores assumem abordagens teórico-metodológicas distintas sobre um tema sensível e polêmico: a revolução. Pensar este conceito, para muitos uma ultrapassada categoria da ciência política, e suas consequências práticas nos dias de hoje, nos obriga a um exame de interpretações consolidadas do passado e das perspectivas do futuro.

A primeira contribuição vem de Natália Silvestre Domingos, jovem pesquisadora do Observatório das Nacionalidades e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE. Seu trabalho trata da produção de artes visuais vividas pela Rússia nas primeiras décadas do século XX, com destaque para as chamadas vanguardas russas e o realismo socialista. A autora lembra que o engajamento político dos artistas foi incontestável, independentemente das correntes as quais pertencessem. Estudar o cenário artístico na Rússia exige um esforço de compreensão das rápidas transições político-ideológicas após a revolução soviética. Ao tempo que a produção de alguns vanguardistas pretendeu acompanhar um regime que caminhava rumo ao totalitarismo, outros artistas foram perseguidos e deixaram a União Soviética. Conclui Natália que o realismo socialista se tornou um propagador das conquistas do governo revolucionário.

Prosseguindo no campo das artes, o professor José Eudes Baima Bezerra, atuando no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAEI) da UECE, apresenta um conjunto de notas sobre as preocupações

de Leon Trotsky acerca de questões pertinentes à literatura. Pondera que, tanto no plano teórico quanto prático, a política sempre permeou as inquietações artísticas e científicas de Trotsky. O capítulo está organizado em duas partes, sendo o enfoque inicial na vida cultural dos primeiros anos da Revolução, com base no livro *Literatura e Revolução*, editado em 1923. A pretensão de Eudes é encontrar as raízes teóricas das posições literárias de Trotsky. Já a segunda parte trata da literatura no contexto da consolidação da burocracia stalinista na URSS e de seu aparelho internacional, em meados dos anos de 1930, abordando especialmente a obra *A Revolução Traída*.

As mutações nos debates historiográficos, as batalhas de memória e a dimensão política que acompanham o centenário da Revolução de Outubro de 1917 são pontuadas por Raimundo Nonato Pereira Moreira. Este professor do Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais (PPGHPCS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) adota como estratégia de exposição a análise de dois cartazes de propaganda anticomunista, veiculados pelo Exército *Branco*. Sua hipótese de trabalho é a de que as ferramentas teóricas e metodológicas da História Cultural e dos estudos acerca do imaginário político podem contribuir para a análise da Revolução Russa e de alguns dos seus desdobramentos. A luta de representações, que provocou entusiasmo e despertou aversão, parece reaparecer no Brasil, em pleno século XXI. O que leva Raimundo a fazer um convite aos jovens acadêmicos: visitar temas clássicos, ao tempo em que reconsiderem interpretações consolidadas e proponham novas vias para o conhecimento histórico.

Na sequência, dois artigos exploram o legado da Revolução de Outubro para compreensão do moderno movimento sindical em todos os continentes e o surgimento da esquerda como força política, bem como as alternativas ao capitalismo, gerando discussões que alimentaram a organização da classe trabalhadora no início do século XX e suas lutas renovadas na contemporaneidade.

Jersey Oliveira de Albuquerque, doutorando em sociologia na UFC, se debruça sobre o movimento operário brasileiro, a partir de impressões dos trabalhadores nos minicursos de formação política, tendo como foco a Revolução Russa. Sua intenção é discutir alguns mitos que envolvem esse acontecimento e as prováveis causas para o surgimento desses mitos. Jersey comenta o esquecimento da influência da Revolução Russa no Brasil, resgatando a experiência de 1917 no país e as possíveis lições desse processo. O autor avalia que a revolução continua uma questão atual para que os trabalhadores do país se libertem de sua penosa condição de vida, agravada nas crises com a retirada de direitos conquistados com muito esforço e o aumento de financiamento público para interesses privados. Recorda, ao final, que a gerência do Estado não é uma opção para resolver os problemas e que na origem dessa estratégia está uma negação da saída revolucionária.

Nos Estados Unidos, os ecos de outubro se fizeram ouvir com vigor, como nos conta William James Mello, professor de Estudos de Trabalho na Universidade de Indiana e professor colaborador no MAHIS – UECE,

e Altemar da Costa Muniz, professor permanente do MAHIS-UECE. A Revolução Russa não deve ser vista como modelo nem entendida fora do contexto histórico em que ocorreu, sob pena de ofuscar sua influência na formação da sociedade estadunidense e nas transformações políticas entre 1917 e 1935. Foi uma experiência de mudança radical e as reivindicações por Paz, Pão e Liberdade continuam a mobilizar milhões em todo mundo contra o neoliberalismo e a crescente desigualdade social. Embora movimentos e organizações da classe trabalhadora possam mudar ao longo do tempo, o que fica claro, apesar dos retrocessos atuais, é que as demandas apresentadas pelos trabalhadores rebeldes da Rússia de 1917 continuam a inspirar milhões de trabalhadores à ação.

O texto final é de autoria da professora da UECE e coordenadora do Observatório das Nacionalidades Natalia Monzón Montebello que nem se prende à revolução social, ainda que que questione de um ponto de vista libertário a ideia de revolução política estatal, nem tampouco se preocupa em narrar uma história do anarquismo. Natalia busca dispensar a formalidade do pensamento que legitima, e apologiza, na revolução moderna, uma certa maneira de tomar o Estado. Não se trata de espaço a ser conquistado, mas da irrupção do impossível que escapa ao espaço (da ordem) e ao tempo (da história). Natália pensa a revolução social enquanto ampliação de liberdades, algo intempestivo, que caminha em direção à questão ética e política. O acontecimento da revolta resiste à formatação ideológica que anima a revolução e

a projeta como utopia; instala-se na suspensão do tempo histórico, que diferencia a insurreição da revolução.

Encerramos esta coletânea com a expectativa de que os desafios lançados por estes múltiplos olhares ajudem a democratizar a produção de um saber transformador. O longo caminho percorrido pela humanidade em busca de conhecer a si mesma e ao meio em que vive para nele intervir constitui um campo de estudo abrangente e complexo. Nos deparamos forçosamente com questões que envolvem diferentes valores e interesses em conflito. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? As tendências associativas são maiores do que as agressivas? Queremos uma sociedade que assegure liberdade ou igualdade? Por que e em que condições os homens obedecem? Somos condicionados pelo medo ou pela esperança? Perguntas sobre as quais dificilmente nos pomos de acordo. Assim, os momentos mais fecundos da elaboração do pensamento corresponderam a crises profundas, a graves confrontos, a mudanças intensas.

Se o atual contexto global e brasileiro é um destes momentos (de um lado, desigualdades, epidemias, genocídios, tsunamis, guerras, opressão cultural; de outro, mobilizações, indignação, resistências, utopias, multiculturalismo), então, cabe descobrir novos caminhos para as ciências humanas. Nosso “objeto” - as coisas, as gentes e as ideias - move-se em múltiplas direções; conceitos, categorias, interpretações sobre diversos aspectos da realidade social parecem sem sentido ao “sujeito” do conhecimento; alteram-se sensações e noções de próximo e distante, lento e rápido, passado e futuro, visível e

invisível, singular e universal, colocando desafios epistemológicos. Não há certezas: tudo que é sólido se desmancha no ar! A assertiva de Marx persiste válida ainda hoje, passados 171 anos!

Mônica Dias Martins

Professora da UECE,
Editora de Tensões Mundiais
Coordenadora do Observatório das Nacionalidades



Sumário

Arte e Revolução..... 13

Natália Silvestre Domingos

Leon Trotsky literatura e arte: do despertar da personalidade humana ao campo de concentração das letras 51

José Eudes Baima Bezerra

A Revolução de Outubro de 1917 como luta de representações: imaginário anticomunista em dois cartazes de propaganda do Exército Branco104

Raimundo Nonato Pereira Moreira

Movimento sindical brasileiro e revolução russa: senso comum e verdade 122

Jersey oliveira de albuquerque

Ecos de outubro. Notas sobre a influencia da Revolução Russa nos Estados Unidos (1917-1935)..... 156

william J. Mello

Altemar da Costa Muniz

Kronstadt. 188

Natalia Monzón Montebello

Arte e Revolução

Natália Silvestre Domingos¹

Completam-se cem anos desde que a Rússia protagonizou a mais audaciosa tentativa de mudança social verificada na história moderna. A experiência socialista concentrou a atenção dos que a temiam e dos que se engajavam na luta por reformas sociais. Este artigo tem como objetivo realizar uma breve análise da produção de artes visuais ao longo das profundas transformações vividas pela Rússia nas primeiras décadas do século XX. Mais especificamente, trato das chamadas vanguardas russas e do realismo socialista.

Pensar o cenário artístico na Rússia nos períodos pré e pós-revolucionários exige um esforço que vai além do estudo das questões diretamente inerentes às artes visuais. As rápidas e radicais transições políticas não podem ser desconsideradas ao estudarmos as vanguardas que predominaram até meados da década de 1920, para perderem sua força ao tempo em que o realismo socialista, por razões político-ideológicas, tem sua oficialização estabelecida. Enquanto a produção de alguns vanguardistas acompanhou, ou pretendeu acompanhar, as demandas de um regime que rumava em direção ao

¹ Graduada em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE).



totalitarismo, outros artistas foram perseguidos e deixaram a União Soviética. O realismo socialista se impôs como arte oficial ao assumir o papel de propagador claro e inequívoco das conquistas do governo revolucionário. O engajamento político dos artistas foi incontestável, independentemente das correntes às quais pertencessem.

1. A questão social na arte

Ao final do século XIX, o regime político russo, autocrático e repressivo, fundado em extrema concentração da propriedade e em uma nobreza obscurantista, não se adequava aos tempos do capitalismo industrial, que prometia progresso social e democracia representativa. Na literatura, a morte do nobre romântico Aleksandr Pushkin, em 1837, assinalara o fim do predomínio da aristocracia, e a produção intelectual terá agora seus maiores representantes na *intelligentsia*.² Em *O poeta e o povo* (1828), considerado o epítome de sua obra, Pushkin assim se refere aos poetas:

Não nascemos para a agitação da vida,
Nem para os lucros, nem para os combates.
Nascemos para a inspiração,
Para os sons harmoniosos e as orações.
(PUSHKIN apud PLEKHANOV, 1977, p. 10)

Em *A arte e a vida social*, publicado em 1912, o esteta marxista Georges Plekhanov (1977) conclui que esse alheamento da realidade popular resultaria de um

² Na Rússia pré-revolucionária, *intelligentsia* não designava uma parte da população formada por escritores, acadêmicos ou pessoas cultas em geral. *Intelligentsia* designava um grupo social unido por perspectivas de mundo e direção política similares. A palavra implica radicalismo e desejo por uma drástica mudança sócio-política.

desacordo irremediável entre os artistas e o meio social que os rodeia. Os célebres versos de Pushkin, recitados por seus contemporâneos defensores da beleza pura, que não serve a nenhum propósito social, foram lembrados por Nekrassov, poeta de uma geração posterior, defensora do papel social da arte. Em *O poeta e o cidadão* (1856), Nekrassov descreve um diálogo em que o povo clama por um posicionamento do artista como cidadão:

E tu, poeta, eleito dos deuses,
Exprime verdades eternas!
Não julgues que aquele que está privado de pão
É indigno de tua lira inspirada
[...]
Sê um cidadão! Servidor da arte,
Vive para o bem do teu próximo
Submete o teu gênio ao sentimento
Do Amor que abraça o universo
(NEKRASSOV apud PLEKHANOV, 1977, p. 9)

De fato, a partir de 1840 reforça-se na Rússia o desejo de participação de artistas e literatos nas lutas sociais. Representantes da *intelligentsia* inauguram a noção de que a arte deve contribuir para desenvolver o conhecimento humano e para melhorar a estrutura da sociedade, negando a noção da “arte pela arte”. Sobre o engajamento da literatura russa avançada, Plekhanov (1977, p. 20) escreve:

[...] a tendência para considerar as obras de arte como ‘juízos sobre as manifestações da vida’, tal como o desejo alegre de que está sempre animado em participar nas lutas sociais, nasce e reforça-se onde existir uma simpatia recíproca entre uma parte importante da sociedade e os que se interessam mais ou menos activamente pela criação artística.

Na pintura, a finalidade social da arte foi abraçada pela Sociedade das Mostras Itinerantes de Arte, mais conhecida como Peregrinos. Formado em 1870 a partir da recusa ao rígido academicismo limitado aos cânones clássicos, o grupo reuniu pintores que lideraram o cenário artístico avançado no último quartel do século XIX, unidos na orientação de que a arte deve expressar ideais humanitários e encorajar reformas sociais. Representando temas mais próximos à dura vida do povo russo, de intensa carga narrativa e muitas vezes com forte crítica social, o grupo será fonte de inspiração para correntes realistas durante o século XX.

Buscando a pureza da matriz tradicional russa, Vassily Maksimov absteve-se de estudar no exterior e dedicou-se a pintar, sobretudo, a vida no campo, mesmo enfrentando grandes dificuldades para vender suas obras. Em *O marido doente*, o artista alcança uma carga dramática especialmente comovente ao representar o modestíssimo interior de uma casa russa ortodoxa³, em que a religiosidade acalenta a camponesa diante do sofrimento infligido pela doença do marido. Já o quadro *Os rebocadores do rio Volga*, exibido em 1873 em Viena, rendeu a Ilia Repin, o mais celebrado membro dos Peregrinos, fama internacional. A obra, que denuncia a agonia imposta aos trabalhadores, afastando-se da visão romantizada da realidade campesina, percorreu toda a Europa.

³ Maksimov, como muitos outros pintores, teve sua primeira formação como pintor de ícones. Nesta cena destaca-se o *krasny ugol*, que pode ser traduzido como “canto bonito” ou “canto vermelho”. Típico do interior de casas russas ortodoxas, é concebido pela disposição de pinturas de ícones num determinado canto da casa, sendo que um ícone escolhido deve sustentar-se entre duas paredes. Esta disposição espacial do *krasny ugol* será revisitada pelos movimentos de vanguarda, como veremos adiante.



Figura 1 – Vasily Maksimov. *O marido doente* (1881). Óleo sobre tela, 71,5 x 89,5 cm. Moscou, Galeria Tretiakov.



Figura 2 – Ilya Repin. *Os rebocadores do rio Volga* (1870-1873). Óleo sobre tela. 131.5 cm x 281 cm. São Petersburgo, Museu Estatal Russo.

2. As vanguardas

Os primeiros germes da vanguarda russa formaram-se logo no início do século XX, em torno da figura de Serguei Diáguilev e do grupo *O Mundo da Arte*. Idealizado como um protesto da jovem geração de artistas contra a pintura de salão, dedicada a temas distanciados da vida difícil do povo, o grupo era reconhecido por seus princípios democráticos e reunia artistas de correntes distintas. Iliá Repin, mesmo não sendo um integrante ativo, expunha regularmente com o grupo. Aberto à cultura mundial, *O Mundo da Arte* realizava exposições com participação de pintores da vanguarda europeia ao lado de nomes russos. Chamando atenção para a história e a cultura de diversos países – sobretudo da própria Rússia –, o grupo renovou o interesse em vários aspectos da vida artística, como o teatro, o balé, a ilustração e a reprodução gráfica em grandes tiragens. Sua mais notória área de atuação foi com os *Ballets Russes*, que seguiam o conceito de “obra de arte total” (*gesamtkunstwerk*). Em suas produções, cenário e figurino passaram a ser tratados como verdadeiras obras de arte, participando diretamente na construção pictórica do espetáculo juntamente com a música e a dança. Natalia Goncharova, membro ativo das vanguardas na década de 1910, projetou cenário e figurino para a ópera *O Galo de Ouro*, apresentada em Paris e Londres em 1914. Toda esta atividade visava divulgar a cultura eslava e se mostrou de enorme importância para a sociedade russa, em cujo cenário artístico se delineava aquilo que seria sua principal diferenciação frente à arte europeia:



O interesse geral da Europa pelo arcaico, pelo primitivo, característica da arte ocidental no limiar do século, transformou-se, na Rússia, num aumento de interesse pelas suas próprias tradições populares [...]. Não foi por acaso que Matisse, em sua visita à Rússia em 1911, admirando ícones e obras de artistas populares, afirmou que não havia razão para os pintores russos viajarem e estudarem no Ocidente, pois eles tinham sua maravilhosa arte tradicional.⁴ (PETROVA, 2002, p. 54-55).



Figura 3 - Natalia Goncharova. Projeto de cenário para a praça da cidade (1914). Paris, Bibliothèqu Nationale de France.

Essa busca pelas raízes populares foi, ao lado da vontade revolucionária, a grande fonte da arte moderna russa, e marca a intenção dos artistas de vanguarda de

⁴ Esta viagem de Matisse foi feita a convite do colecionador de arte moderna Serguei Shchukin, importante comprador de suas obras. Em Moscou, o artista conheceu outro grande colecionador, Ivan Morozov. As coleções de Shchukin e Morozov, que guardavam, sobretudo, obras impressionistas, pós-impressionistas e cubistas, foram importantes fontes para os jovens artistas russos, que através delas tinham acesso a produções vanguardistas europeias. Após a Revolução de Outubro, ambos os acervos foram estatizados e os colecionadores passaram a viver em Paris.

superar o sentimento de atraso e inferioridade cultural em relação ao Ocidente, em especial à França.

Assim, o cenário artístico na Rússia, embora próximo do contexto ocidental, mantém características autóctones. No início dos anos 1910 surgem, nos grandes centros da Rússia, movimentos para os quais o fauvismo francês e o expressionismo alemão eram fontes de inspiração. Filip Maliávin, que fora aluno de Repin, aprofundou-se no estudo da vida popular e na história da Rússia antiga, pintando um ciclo inteiro de telas representando camponesas com roupas coloridas, onde o tradicional vermelho predomina. O frenesi do movimento e das cores caracteriza os neoprimitivistas russos e os aproxima dos *fauves*.



Figura 4 - Filip Maliávin. *Camponesas* (1906). Óleo sobre tela. 223 x 410 cm. Moscú, Galeria Tretyakov.

Outros artistas desenvolveram trabalhos influenciados pelo futurismo italiano e pelo cubismo, notadamente a partir de 1910. A respeito dessas influências na produção artística russa, Kazimir Malievitich escreve na *Biografia da Luz*:

O futurismo nos interessou, mas não existiu futurismo na Rússia, pois sua produção limitou-se a algumas obras minhas (*Afiador*), algumas de Goncharova (*Movimento da carruagem*, *Cidade*), duas ou três obras da Kliun (*A paisagem passando*), o que é muito pouco para conformar um movimento. (MALIEVITCH apud PETROVA, 2002, p. 59).

Prosseguindo seus escritos biográficos, Malievitich fala do cubismo:

Tanto Larionov como Goncharova, Chevchenko e mesmo eu fomos adeptos dos princípios pictóricos que admiramos no cubismo – o estilo que pode ser considerado, certamente, uma tendência russa (Ibidem, p. 60).



Figura 5 – Kasimir Malievitich. O afiador de facas ou Princípio da cintilância (1912–13). Óleo sobre tela. New Haven, Yale University Art Gallery.



Figura 6 - Natalia Goncharova. O ciclista (1913). Óleo sobre tela. 78 x 105 cm. São Petersburgo, Museu Estatal Russo.

De fato, a experiência da destruição da forma tradicional do objeto trouxe um novo grau de liberdade. Logo começa o processo de divisão da arte russa em alguns movimentos importantes. Wassily Kandinski lança em 1911, na Alemanha, *Sobre o Espiritual na Arte*⁵, primeiro manifesto da arte abstrata, buscando uma arte não figurativa através da cor e do ritmo.

⁵ Kandinsky desenvolve a ideia da arte como uma atividade espiritual, ou manifestação de uma vontade interior; aproxima a pintura de composições musicais, em que as cores se movimentam como o som.



Figura 7 - Wassily Kandinsky. *Composição VII* (1913). Óleo sobre tela. 300 x 200cm. Moscou, Galeria Tretiakov.

Seu contemporâneo Larionov dedicou-se particularmente ao desenvolvimento do raionismo. Em *O Galo*, o sujeito da imagem é reduzido a um sinal, com suas formas preservadas no traço da pintura. O quadro mostra a imagem – ou os raios refletidos – de um galo em diferentes fases de um movimento, simultaneamente.



Figura 8. Mikhail Larionov. *O Galo. Estudo radiante* (1912). Óleo sobre tela. 68,8 x 65 cm. Moscou, Galeria Tretiakov.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1919), tanto nas artes quanto alhures, teve profundo e decisivo impacto. Natalia Goncharova deixa Paris, onde acompanhara a produção de *O galo de ouro*, e retorna a Moscou. Lá, executa uma série de quatorze litografias intitulada *Imagens místicas da guerra*, que demonstram o apreço pela estética modernista. Nas gravuras, a aura mística que envolve a história da arte russa tradicional se encontra com a violência da guerra e a impressionante inovação tecnológica que representou a aviação.

Marc Chagall também deixa Paris e volta à sua cidade natal, Vitebsk. Impressionado com a violência da guerra, suas pinturas dos anos 1914 – 1915 são marcadas pela força dramática e pela expressão do sofrimen-

to humano. Chagall não abandonou a figuração para se dedicar às formas abstratas ou suprematistas, o que mais tarde lhe rendeu conflitos com Malievitch.



Figura 9 - Natália Goncharova. Anjos e aviões (1914). Litografia da série Imagens Místicas da Guerra. 30,5 x 22,5 cm. São Petersburgo, Museu Estatal Russo.



Figura 10 - Marc Chagall. *Judeu vermelho* (1915). Óleo sobre cartão. 100 x 80,5 cm. São Petersburgo, Museu Estatal Russo.

Embora Kandinsky tenha sido pioneiro na composição de formas puramente abstratas, amorfas, ritmadas e espontâneas, foi o suprematismo de Malieievitch que atentou para as possibilidades puramente geométricas e arquitetônicas da pintura – ou seja, para a supremacia da pura percepção da forma e ausência do objeto. O Suprematismo nasce no desejo da superação da estética esgotada de representação do mundo, e sua consequência

lógica resulta no *Quadrado Negro*, o ícone suprematista⁶. Com esta obra, Malievitch nega os ilusionismos da pintura figurativa tradicional para afirmar a condição matérica da superfície plana do quadro.



Figura 11 - Kazimir Malevich. *Suprematismo* (1915-1916). Óleo sobre tela, 80,5 x 71cm. São Petersburgo, Museu Estatal Russo.

6 A pintura de ícones foi o centro da produção artística eslava por mais de dez séculos. Muitos artistas de vanguarda, como Tâtilin e Goncharova, iniciaram suas atividades na pintura de ícones. As tradicionais imagens sacras continuaram sendo produzidas após a revolução e ainda na atualidade. Nas casas russas ortodoxas, os ícones são dispostos no *krasny ugol*, como mostra a obra de Vassily Maksimov (figura 01), marcando um local de culto e oração. Esta disposição entre duas paredes, no alto, foi escolhida por Malievitch para ser ocupada pelo *Quadrado Negro* em sua sala na 0,10. A *ultima exposição futurista* (1914-1915), fazendo as vezes de ícone (figura 13). “Para Malievitch, o ícone suprematista devia criar uma nova relação pictorial, que fosse além do ícone ortodoxo e do quadro de cavalete; trata-se da expressão de uma imagem essencial, desembaraçada de adereços figurativos, oposta a *imago*, e efigie voltada para o Único” (MARCADÉ, 2002, p. 105).



Figura 12 - Kazimir Malevich. *Quadrado preto sobre fundo branco* (1913). Óleo sobre tela, 80 x 80 cm. Moscou, Galeria Tretyakov.



Figura 13 - Sala Malievitch na exposição 0,10. A última exposição futurista. 1914-1915.

3. A vanguarda na guerra civil

O mundo prometido pelos líderes da Revolução de Outubro não devia ser

meramente um mundo mais justo ou que poderia prover maior segurança econômica ao povo, mas era também e talvez em maior medida destinado a ser um mundo belo. A vida desorganizada e caótica do passado deveria ser substituída por uma vida que fosse harmoniosa e organizada de acordo com um plano artístico unitário. (GROYS, 1992, p. 3).

Com a revolução de outubro, o cenário muda drasticamente. A Rússia, que já sofrera intensamente na Primeira Guerra Mundial, entra num difícil período de guerra civil, durante o qual os vanguardistas serão especialmente ativos ao lado dos bolcheviques. De fato, a arte de vanguarda russa nesse período constitui o único exemplo de movimento artístico moderno concretamente engajado numa ação política revolucionária, visando também modificar as modalidades de organização da atividade artística, as relações com a sociedade e com o Estado. (ARGAN, 2010).

O novo governo tinha em conta a importância da arte para construir e consolidar o regime socialista. Além do interesse da vinculação da arte à propaganda, existia uma ideia da revolução cultural, que era condição premente para a sobrevivência do novo sistema. Um trabalho de agitação e propaganda por parte dos artistas de vanguarda foi intensamente desenvolvido durante o período da guerra civil que sucedeu a revolução e durou até pelo menos



1921, quando o Exército Branco foi finalmente subjugado. Assim, vanguardistas abandonaram a marginalidade do período pré-revolucionário⁷ para exercer papéis centrais na reorganização da cultura. Fortaleceu-se a tendência suprematista, que seria inspiração para materiais gráficos como os cartazes de propaganda bolchevique de El Lissitzky.



Figura 14 - El Lissitzky. *Quebre os brancos com a cunha vermelha* (1919-1920). Gravura sobre papel, 48,8 x 69,2 cm. Eindhoven, Coleção Van Abbemuseum.

As primeiras e mais evidentes mudanças no cenário artístico concentram-se entre a eliminação do merca-

⁷ Como afirma Patrícia Greco (2007, pp. 4-5), “ser um vanguardista significava estar, muitas vezes, à margem dos salões expositivos oficiais, bem como ser foco da crítica artística mais ferrenha. Na revolução, eles viram a possibilidade de construção de uma nova sociedade, menos autocrática. A revolução, por sua vez, via nesses artistas sua principal base de apoio, artisticamente falando, como se o novo sistema político, econômico e social que se almejava construir na Rússia exigisse também novos alicerces artísticos”.

do privado de arte e a criação do *Narkompros*⁸, o Comissariado do Povo para Instrução Pública, responsável pela administração da educação pública e pela maior parte das matérias relativas à cultura, seu estímulo e conservação. Anatoli Lunatcharski foi designado comissário do povo para a instrução pública e permaneceu no Comissariado até 1929. Nos primeiros anos de revolução, a figura de Lunatcharski foi fundamental no meio artístico. Seu trabalho não apenas no sentido de resguardar o patrimônio já existente, mas também de estimular as novas tendências artísticas, permitiu, pelo menos até 1929, a coexistência de diversas linhas de arte, mesmo que divergentes. Muitos artistas da vanguarda russa estavam envolvidos no *IZO Narkompros* de uma forma ou de outra. Em Moscou, o órgão foi dirigido primeiramente por Tatlin. Malievitch, Rodchenko e Kandinsky também passaram por sua diretoria. Chagall seria nomeado por Lunatcharski como comissário das Belas Artes ainda em 1917.

Com a eliminação do mercado privado, os artistas que anteriormente vendiam a colecionadores agora trabalhavam no novo Comissariado e nas novas escolas de arte criadas durante a reorganização pós-revolucionária. O incentivo à produção artística era fundamental: com uma ampla população analfabeta, a imagem constituía ferramenta de primeira importância.⁹ Em 1920, ainda

8 O *Narkompros* era dividido em várias seções; além do *IZO Narkompros*, dedicado às artes visuais, havia aquela dedicada ao cinema (*FOTO-KINO Narkompros*), literatura e publicações (*LITO Narkompros*), música (*MUSO Narkompros*), teatro (*TEO Narkompros*) etc.

9 O decreto *Sobre a Mobilização*, de 1918, instituiu que todos os cidadãos deveriam aprender a ler e escrever, indicando a preocupação do governo com o esforço de alfabetização da imensa massa iletrada. Em 1919, outro decreto, denominado *A Liquidação do Analfabetismo*, obrigou a alfabetização do povo com faixa etária entre oito e cinquenta anos, em língua russa ou em língua materna, sendo que aos empregados seriam cedidas duas horas do trabalho sem desconto de salário (GRECO, 2007).

na luta pelo estabelecimento do regime, é criado o Instituto Decorativo em Petrogrado, que exercia atividades práticas (decoração de colunas festivas de passeatas, enfeite de fachadas de edifícios nas datas de férias estatais e criação de cenários teatrais), além de um trabalho teórico acerca das artes e ofícios. No mesmo ano, a maquete de 25m de altura do *Monumento à III Internacional* de Tatlin é apresentada em Moscou e depois em Petrogrado. O monumento, mais tarde exibido na exposição internacional de Paris (1925), embora nunca tenha sido de fato construído, é a grande celebração do novo regime e tornou-se um marco também do Construtivismo.



Figura 15 - Vladimir Tatlin. *Monumento para a Terceira Internacional* (1920).

4. A Força da *Construção*

“Pela primeira vez, uma palavra nova no campo da arte – construtivismo – veio da Rússia, não da França”¹⁰ (Maiakovski, 1923).

Para muitos artistas europeus de esquerda, sobretudo a partir da década de 1920, o mais significativo ponto de referência não se encontrava mais na vanguarda parisiense. Buscavam-se, agora, as conotações revolucionárias da construção, e a Rússia era o novo símbolo de cultura avançada. O termo “Construção” possuía conotações diversas, e uma delas dizia respeito à construção gramatical da linguagem e ao modo pelo qual a linguagem era formada.¹¹ No discurso político, a “construção” do socialismo era uma referência recorrente. O termo envolvia uma visão particular da modernidade, não apenas no sentido de o que era considerado “moderno” em arte, mas de como a arte moderna estava associada a uma cultura racionalizada e moderna.

Nesse cenário, a característica de engajamento social da arte construtiva foi especialmente forte. Para além das pinturas e abstrações geométricas, características das produções ocidentais, os russos dedicaram-se a fotomontagens, construções espaciais e à fotografia.

10 As correntes construtivas coexistiram na Europa, notadamente na França, na Alemanha e na Holanda, vinculadas aos processos mais amplos de modernização – a indústria, a ciência e a tecnologia. Mas, apesar dos pontos em comum e da similaridade na aparência, o construtivismo russo possui significado único e recusa o *status* de arte. Obra de arte, para os construtivistas russos, significava a pintura de cavalete e a escultura decorativa. (FER, 1998)

11 Maiakovski, à frente da LEF assim como o crítico Osip Brik, foi o mais célebre poeta do movimento, e desenvolveu com Rodchenko projetos para a revista do grupo, unindo o design gráfico às letras.



Assim, exposições como a da OBMOKU, ou Sociedade dos Artistas Jovens, exibem não *obras de arte*, mas “experimentos”, com conotação científica. Nesse sentido, o trabalho tridimensional de Medunetsky era um experimento sobre os materiais básicos, originalmente usados na indústria, e os elementos espaciais da construção. A premissa das construções espaciais era de investigação científica; os princípios estruturais básicos estabelecidos no trabalho de laboratório seriam aplicados para produzir bens úteis, e esse trabalho na “produção intelectual e material” exerceria um papel vital na construção da cultura comunista (FER, 1998, pp. 91-92). Para os teóricos do construtivismo, não cabia mais à arte ou aos artistas o papel de representar a vida, mas o de atuar nela, de construí-la.



Figura 16 - instalação para a terceira exposição OBMOKU (1921).

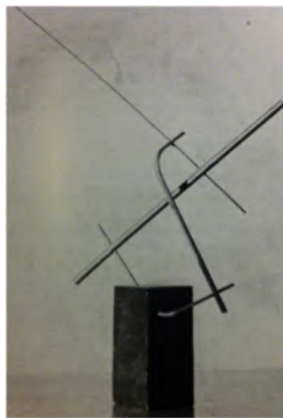


Figura 17 - KonstantinMedunetsky, *Construção (sem título)*. Ilustrada em *L'Esprit Nouveau*, nº 21, 1924.

A partir de 1922, os debates se concentraram em torno do grupo LEF (Frente de Esquerda das Artes). Embora o construtivismo fosse a tendência predominante, o grupo reunia pintores, poetas, críticos, cineastas, fotógrafos e teóricos de diversas correntes de vanguarda. Buscava-se a superação da cisão entre arte e vida, bem como a reformulação de paradigmas tradicionais da arte; trata-se, portanto, da revolução da própria concepção de arte segundo sua nova função social, capaz - esperava-se - de transformar as relações de produção e as relações sociais subsequentes. Como lembra Clara Figueiredo (2017), estes são conceitos que a historiografia da arte tradicional falha em esclarecer: cartazes, pinturas e construções espaciais russas eram apresentados no Ocidente como objetos autônomos, sem especificações

histórico-políticas, e muitas vezes como desdobramento do cubismo.

Os *lefstas* pretendiam transformar a fábrica em centros de pesquisa, estimulando a criatividade dos trabalhadores e a formação de modos de produção não alienados. Neste sentido, Varvara Stepanova trabalhou em fábricas têxteis, produzindo estampas para tecidos e uniformes para trabalhadores e esportistas no início dos anos 1920. Rodchenko e El Lissitzky dedicaram-se à elaboração de móveis multifuncionais de fácil fabricação em madeira, numa tentativa de responder à forte carência material da Rússia assolada pela guerra civil e aos anseios de transformação do modo de vida cotidiano e do psiquismo burguês (FIGUEIREDO, 2017).



Figura 18 - Varvara Stepanova. Design de uniformes publicados na revista LEF,



1923.

Figura 19 - Aleksandr Rodchenko. Design de móveis para o clube dos trabalhadores no Pavilhão Soviético. Exposição em Paris, 1925.

Rodchenko estabelece uma ligação específica entre o construtivismo e o suprematismo, as duas grandes correntes da arte avançada russa, às quais unirá sua pesquisa estética com a fotografia. Criada em 1924, a fotomontagem para o anúncio *Livros* mostra a imagem da atriz Lilia Brik¹² de lenço amarrado na cabeça (como era tradicional entre as camponesas russas) e largo sorriso, anunciando a boa notícia: “livros - para todas as áreas do conhecimento”. Do lado direito, acima e abaixo, a palavra “lengiz” (ленгиз) designa o Departamento do Leningrado Gosizdat, responsável pelas publicações soviéticas, numa declarada missão rumo à socialização dos

12 Lilia Brik, esposa de Osip Brik, foi uma espécie de musa para muitos artistas da vanguarda russa no início do século XX, mais notadamente o poeta Vladimir Maiakovski, seu amante.

meios fundamentais de produção cultural e de comunicação. O vermelho, o preto e o branco são cores tipicamente utilizadas na arte russa. A leitura é clara, como deve ser para um anúncio público: a fonte *bold*, sem serifa, é marca do trabalho de Rodchenko e da tipografia de vanguarda em geral. O uso de diagonais é característico do artista, repetindo-se em trabalhos como os cartazes produzidos para *O Encouraçado Potemkim*, de 1925¹³.



Figura 20 - Aleksandr Rodchenko. Livros. Cartaz para Lengiz (1924).

13 O filme de Sergei Eisenstein (1898-1948), lançado em 1925, foi considerado o melhor filme de todos os tempos na Exposição Universal de Bruxelas, em 1958 (a primeira exposição universal ocorrida após a Segunda Guerra Mundial). Na obra, o cineasta aprofunda pesquisas estéticas com o conflito de formas visuais opostas e expressões faciais teatralizadas. A história do *Encouraçado* – um símbolo da capacidade militar do Império – remonta ao contexto da Revolução de 1905, quando a tripulação amotinou-se contra os desmandos de oficiais e recebeu o apoio da população de Odessa, sendo brutalmente reprimida pelas tropas czaristas.



Figura 21 - Aleksandr Rodchenko. Cartaz para o filme *O encouraçado Potemkim* (1925).

Como fotógrafo, Rodchenko buscou afastar-se dos princípios de composição próprios da pintura, contestando os cânones dominantes com angulações desafiadoras e closes inusitados, que repensam o próprio olhar o observador:

É preciso tirar diferentes fotos de um sujeito, de diferentes pontos de vista e em diferentes situações, como se o examinasse por toda sua volta, ao invés de olhar para ele por através do mesmo buraco de fechadura sempre (RODTCHENKO apud MEGGS, 1998, p. 157).

A partir de meados da década de 1920, com o endurecimento do regime sob o comando de Stalin, suas fotografias passaram a desagradar: causavam estranha-

mento e não se alinhavam com o perfil forte, alegre e heroico que a produção soviética deveria seguir. Rodchenko passa então, sob a orientação do partido, a se concentrar em fotografias de esportistas¹⁴.



Figura 22 - Aleksandr Rodchenko. Capa da revista Foto Soviética, n. 10 (1927). 26, 3 x 18,4cm. Nova York, Museum of Modern Art

¹⁴ O estímulo à prática esportiva também estava ligado à ideia de edificação geral do socialismo, além de, nas palavras de Kalinin, contribuir para a “criação de homens sãos, fortes, hábeis, engenhosos, valentes, que saibam lutar contra os obstáculos e olhar seguros para o futuro”.

5. O realismo socialista

Aproximando-se a década de 1930, o cenário artístico se torna cada vez mais conturbado para as produções vanguardistas. A reivindicação construtivista de um sistema científico de avaliação social e de produção representava uma “frente de esquerda” unida contra a tendência contemporânea do realismo, e se viu cada vez mais enfraquecida com o avanço do poder totalitário de Stalin. Desde meados da década de 1920, as poucas somas destinadas ao *Narkompros* eram direcionadas prioritariamente para tendências artísticas mais condizentes com a ideia de um figurativismo narrativo de propaganda, debilitando a política inicial de conciliação de todos os movimentos artísticos. Alguns acontecimentos são emblemáticos do declínio das vanguardas em um curto período: em 1928, o grupo LEF é desfeito; em 1929, Lunatcharski pede demissão de seu cargo de comissário; Maiakovski comete suicídio em 1930. Muitos vanguardistas saem da União Soviética para a Europa Ocidental, e os que permanecem, como Rodchenko e Malievitch, procuram se adequar às demandas do partido, mas veem seu papel cada vez mais diminuído e sufocado dentro do regime. Paralelamente, a corrente realista é cada vez mais fortalecida por estímulos institucionais.

O realismo, como exposto inicialmente, era uma corrente artística forte desde os anos 1870 não apenas nas artes visuais, mas também na literatura e na poesia. A 47ª Exposição dos Peregrinos, aberta ao público em 1922, teve grande receptividade dentro do partido, incitando os que desejavam voltar a ver na pintura os temas politicamente engajados segundo uma represen-



tação naturalista. A partir dessa exposição, nasceu a Associação dos Artistas da Rússia Revolucionária, que em seguida se tornou Associação dos Artistas da Revolução (AKRR) e empreendeu inúmeros embates com a vanguarda soviética. Os membros da AKRR tomam por tarefa apresentar de uma maneira ao mesmo tempo artística e “documentária” o aspecto solene das grandes transformações vindas com a Revolução de Outubro¹⁵.

O Realismo Socialista surgiu como resultado de um complexo debate que se desenrolou ao longo dos anos 1920 em torno do que constituiria uma arte apropriadamente revolucionária. Nesse debate, a figuração estabeleceu gradualmente um domínio sobre as tendências associadas à vanguarda. Isso porque seria vista como uma forma de pintura adequada às necessidades da nova elite política hegemônica, capaz de “refletir” e exaltar a vida cotidiana de proletários e camponeses, além de celebrar os heróis do socialismo. Ao discorrer sobre a obra *Uma reunião de comitê de partido em uma aldeia*, de Iefim Cheptsov, Briony Fer (1998, p. 120) evidencia a disparidade entre a corrente realista e aquelas associadas às vanguardas:

O contraste não podia ser mais violento – de um lado, a pintura de um trabalhador do partido falando em um palco que poderia ser a sala de reuniões de uma aldeia, retratando um “discurso”, e evocando os observadores do quadro como seu “público”, e, de outro, a ideia de arte como um sistema autônomo com uma linguagem própria.

15 Outras organizações artísticas foram instituídas procurando responder ao chamado do partido, como os grupos NOJ e Bytje, que preconizavam a criação de uma nova pintura, apoiando-se sobre a tradição e utilizando as formas menos modernistas, portanto as “menos perigosas”.

Seguindo uma linha não propriamente narrativa ou de exaltação heroica e romantizada do novo regime, a natureza morta *Pães*, de Ilia Machkov, alinha-se de modo subjetivo, mas não menos eloquente, às demandas do partido:

Nossa arte soviética deve estar em sintonia com nosso tempo, persuasiva e fácil para o trabalhador entender. Eu quis que esse tema inequívoco representasse uma arte realística. A natureza morta *Pães* está na culinária diária de nosso tempo [...] e a composição, que pode parecer desordenada, é ‘nossa’, moscovita, daqui mesmo, não de Paris... Pão é nossa Mãe Rússia (MACHKOV apud Galeria Tretyakov, tradução nossa).

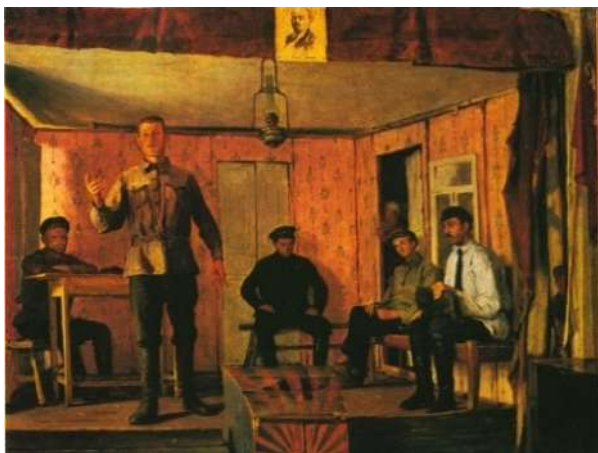


Figura 23 - IefimChepstov. *Uma reunião de comitê de partido em uma aldeia* (1924). Óleo sobre tela, 59x77cm. Moscou, Galeria Tretyakov.



Figura 24 - IlyaMachkov. Comida moscovita. Pães (1924). Óleo sobre tela. 129 x 145 cm. Moscou, Galeria Tretiakov.

Em abril de 1933, entrando no segundo Plano Quinquenal de Stalin, o comitê central publica o decreto sobre a “unificação das organizações literárias e artísticas”. A introdução, a partir de agora oficial, da expressão “realismo socialista” e a formulação teórica de suas premissas, elaborada por Maxim Gorki, abrem uma nova etapa: os artistas devem servir aos ideais dos comunistas seguindo princípios temáticos e formais claros e submetendo-se ao crivo das novas regulamentações.

Há que se considerar um fator decisivo no cenário político internacional: com a chegada de Hitler ao poder

na Alemanha, o Realismo Socialista foi amplamente considerado como uma doutrina que permitiu unir os artistas não apenas na União Soviética, mas em todo o mundo, preocupados com a propagação do fascismo. Assim, o realismo socialista pode ser visto como componente de um poderoso movimento artístico internacional, a Frente Popular, como explica Paul Wood (1998, pp. 257-258):

Preocupados com o avanço do fascismo, com a crise mundial do capitalismo e, mais recentemente, com a deflagração da guerra civil espanhola, eles se sentiram impelidos a participar como artistas no que se oferecia como um movimento mundial plausível pela justiça social. [...] o Realismo Socialista, em suma, ofereceu aos artistas envolvidos um lugar tanto mais acolhedor, nos frios anos 30, do que muitas histórias do pós-guerra parecem ter-se dado conta (Ibidem, pp. 257-258).



Figura 25 - Serguei Gerasimov. *Feriado na fazenda coletiva* (1937). Óleo sobre tela. 234,5 x 372cm. Moscou, Galeria Tretiakov.

Um conjunto massivo de artistas abraçou o Realismo Socialista dentro de uma nova ordem de produção artística que traz, de modo geral, temas que se repetem: a vida farta e pacífica de camponeses (mesmo em tempos de coletivização forçada), como pintou Sergei Guerassimov¹⁶; os retratos dos chefes do partido, sempre a pensar e trabalhar em benefício do povo soviético; a epopeia revolucionária e o elogio ao exército vermelho (e toda uma gama de temas batizados em seu conjunto de “realismo heróico”); ou ainda a força e altivez dos proletários, inclusive da mulher, como as operárias na construção do metrô de Moscou pintadas por Aleksandr Samohválov. A mais emblemática e majestosa obra do regime soviético, peça-chave do pavilhão russo na exibição internacional de Paris em 1937, ficou por conta de uma escultora: Vera Mukhina, com *O operário e a camponesa*, que unidos formam o símbolo maior do regime (a foice e o martelo).

Após a Segunda Guerra Mundial, a política rigorosa de sufocamento de manifestações artísticas que não seguiam fielmente os preceitos do Realismo Socialista passou a ter caráter declaradamente persecutório. Em 1946, Zhdanov saiu em campanha contra a apreciação dos valores burgueses ocidentais e declarou: “Os trabalhadores da cultura e da arte que não se queiram reformar não poderão satisfazer as exigências crescentes do povo, e perderão rapidamente sua confiança.” Com a morte de Stalin em 1953 e o chamado degelo cultural, uma cena artística não oficial passou a ser tolerada pelas autoridades, mas não foi aceita pelas instituições oficiais. Assim, como

16 No último plano desta composição, o artista lembra que os benefícios da modernidade chegaram ao campo no novo regime: a eletrificação do vasto território soviético também foi tema recorrente do realismo socialista.

aponta Boris Groys (2008), a política de inclusão implementada por Nikita Krushev jamais levou à verdadeira abertura e ao pluralismo artístico na União Soviética.



Figura 26 - Aleksandr Gerasimov. I.V. Stalin e K.E. Voroshilov no Kremlin depois da chuva (1938). Óleo sobre tela. 296 x 386 cm. Moscou, Galeria Tretiakov.



Figura 27 - Petrov-Vodkin. A morte do comissário. 1927. Óleo sobre tela. 196 x 248cm. Moscou, Galeria Tretiakov.



Figura 28 – Aleksandr Samohválov. *Garota do metrô com furadeira* (1937). Óleo e têmpera sobre tela. 205 x 130 cm. São Petersburgo, Museu Estatal Russo.



Figura 29 - Vera Muchina. *O operário e a camponesa*. 1937. Moscou.

Referências Bibliográficas

ARGAN, G. C. **A arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **Virada Russa**. A vanguarda russa na coleção do Museu Estatal de São Petersburgo. São Petersburgo: Palace Editions, 2009.

FER, B.; BATCHELOR, D.; WOOD, P. **Realismo, racionalismo, surrealismo**. A arte no entre-guerras. São Paulo: Cosac & Naify Edições Ltda., 1998.

FIGUEIREDO, C. F. Construtivismo russo: história, estética e política. In: JINKINGS, I. e DORIA, K (Orgs.). 1917 - **O ano que abalou o mundo**. Cem anos da Revolução Russa. São Paulo: Edições SESC/Boitempo, 2017.

GRECO, P. D. Arte e revolução na Rússia bolchevique. **Revista Contracultura**, n. 01, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistacontracultura/Arte%20Revolucao%20Greco.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2014.

GROYS, Boris. **The total art of stalinism**. Avant-garde, A esthetic dictatorship and beyond. Editora: Verso Books - USA. 2014.

_____. **Art Power**. Editora: MIT Press. USA. 2008.

HAUSER, A. **Historia social de la literatura y el arte**. Volume III. Naturalismo e impressionismo bajo el signo del cine. Madri: EdicionesGuadarrama, 1969.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte – e na pintura em particular**. Tradução: Álvaro Cabral e Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KALININ, M. I. **A senda gloriosa do Komsomol**. In: A educação comunista. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda., 1954. Pp: 31-43. Traduzido da edição em espanhol de “Ediciones en Lenguas Extranjeras”, 1949. Disponível: <https://www.marxists.org/portugues/kalinin/1938/10/komsomol.htm>. Acesso: 18 jul 2017.

LACLOTTE, M; CUZIN, Jean-Pierre. **Dictionnaire de la peinture**. Paris: Larousse, 1999.

MARCADÉ, J-C. Ícone e vanguarda na Rússia, duas faces maiores da arte universal. In: **500 Anos de Arte Russa**. São Petersburgo: Palace Editions, 2002.

MEGGS, P. B. **A history of graphic design**. New York: John Wiley & Sons, 1998.

PETROVA, I. Arte russa dos ícones até os dias atuais. In: **500 Anos**

de Arte Russa. São Petersburgo: Palace Editions, 2002.

PLEKHANOV, G. **A arte e a vida social.** Lisboa: Moraes Editores, 1977.

SEGRILLO, A. **Os russos.** São Paulo: Contexto, 2012.

ZHDANOV, A. **O papel social da arte progressista.** In: *Revista Princípios*, edição 8, Mai, 1984, Pág. 46-52. São Paulo: Fundação Maurício Grabois. Disponível: <https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/papel.htm>. Acesso: 18 jul 1917.

Biblioteca Nacional da França: <http://data.bnf.fr/41007535/le_coq_d_or_spectacle_1914/>. Acesso em: 12 out. 2017

Galeria Tretyakov: <<https://www.tretyakovgallery.ru/en/collection/>>. Acesso em: 12 out. 2017.

Museu Estatal Russo:<<http://en.rusmuseum.ru/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

Museum of Modern Art: <<https://www.moma.org/>>. Acesso em 12 out. 2017.

Leon Trotsky literatura e arte: do despertar da personalidade humana ao campo de concentração das letras

José Eudes Baima Bezerra¹⁷

“A revolução é principalmente o despertar da personalidade humana nas massas.”
Leon Trotsky

PARTE I OUTUBRO E O DESPERTAR DA PERSONALIDADE HUMANA

Em 25 de março de 1935, Leon Trotsky registrou em seu Diário do Exílio (TROTSKY, 1980, p. 52) que “somente após as minhas notas de 23 de março (...) percebi que, nas páginas precedentes, não escrevi um diário pessoal, mas um caderno político e literário”. Para arrematar, mais adiante: “a política e a literatura constituem (...) o conteúdo de minha vida pessoal”.

Não deixa de ser surpreendente esta declaração de um homem cuja vida consciente foi dedicada inteiramente à revolução proletária. O leitor eventual de Trotsky com certeza não esperaria do autor uma equiparação, no balanço de sua vida, entre política e literatura.

¹⁷ Professor do Curso de Pedagogia da FAFIDAM/UECE e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da FAFIDAM-FECLESC/UECE.



Ao repassar algumas obras de Trotsky, contudo, o leitor logo verá que a declaração não chega a ser inusitada e que, no plano teórico e prático, suas preocupações diretamente políticas nunca estiveram separadas de suas inquietações artísticas, científicas, literárias e com o modo de vida, em geral.

Apresentamos aqui um conjunto de notas sobre as contribuições de Trotsky acerca das questões pertinentes à arte e à literatura. Uma primeira parte está concentrada na análise do autor do estado da vida cultural no contexto dos primeiros anos da Revolução, pondo o foco no livro *Literatura e Revolução* (TROTSKY, 2007), editado originalmente em 1923. Aqui a pretensão é tão somente a de repassar as posições de Leon Trotsky sobre a questão literária e artística nos primeiros anos de 1920, tomando como esquema de exposição os seguintes passos:

1. Vida cotidiana, arte e ciência no pensamento de Trotsky, em que passaremos sumariamente por estes temas, tomando algumas passagens do autor em textos principalmente dos anos de 1920.
2. Literatura e revolução permanente, onde, tomando como objeto certos trechos do livro *Literatura e Revolução*, buscamos encontrar as raízes teóricas das posições literárias de Trotsky.

Uma segunda parte destas notas abordará a continuidade e o desdobramento das posições teóricas e políticas de Trotsky quanto à arte e a literatura no contexto da consolidação da burocracia stalinista na URSS e de seu aparelho internacional em meados dos anos de 1930, abordando especialmente a obra *A Revolução Traída*.

1. Vida Cotidiana, Arte e Ciência

Em 1923, em meio às atribuições do Comissariado do Povo para o Exército e a Marinha, ainda sob os ecos da cruenta guerra contra os Brancos e as potências estrangeiras que assediaram a Rússia pós-revolucionária, seu titular, Leon Trotsky encontrou tempo para redigir uma brochura dedicada aos problemas da vida cotidiana, abordando temas tão amplos, como o comportamento dos dirigentes comunistas com os militantes e o povo, a linguagem jornalística e a qualidade dos jornais, o cinema e o lazer; e temas talvez inusitados como o combate ao hábito de praguejar, o refinamento da linguagem e o abuso no uso da vodca.

Não por acaso, o capítulo introdutório da obra é sintomaticamente intitulado com uma paráfrase da máxima bíblica, “nem só de política vive o homem”, onde Trotsky explica que a decisão de dedicar maior atenção aos detalhes da vida cotidiana, como contraparte das transformações estruturais, é, contudo, uma decisão política.

Isto porque Trotsky enxerga, por exemplo, o hábito de praguejar e a linguagem grosseira no contexto da

longa história russa de opressão das classes subalternas. Para ele, “a linguagem abusiva e as pragas são um legado da escravidão, humilhação e desrespeito pela dignidade do homem...”, distinguindo claramente a tensão de classe que funda este hábito linguístico: “praguejar, em nossas classes inferiores, era resultado do desespero, da amargura (...) da escravidão sem esperança de fuga (...) as pragas que saíam da garganta da nobreza e das autoridades (...), do domínio de classe, do orgulho (...) e do poder inabalável” (Apud DEUTCHER, 2005, p. 207).

Voltando a Marx, Trotsky vai opor a esta expressão da indignidade a ideia de que “a revolução é principalmente o despertar da personalidade humana nas massas”, para daí se perguntar como criar uma vida nova baseada nesse despertar da personalidade humana e, sem dar resposta categórica, indicar que a melhoria na expressão oral e nos modos da população são parte importante na solução para esta questão: “a luta contra ‘a linguagem obscena’ é uma condição essencial para a higiene mental” (Idem, *ibidem*).

Estas passagens são exemplos de quão vastas eram as preocupações de Trotsky com o destino da revolução. E foi deste ponto de vista que o dirigente comunista enfrentou a questão literária e artística que se colocou nos primeiros anos da Revolução Russa.

Contraditoriamente com a penosa situação do país nos primeiros anos da Revolução, as mesmas forças sociais e econômicas que alçaram as massas populares russas à vanguarda da luta de classes mundial despertaram também uma ampla gama de tendências artísticas

e literárias represadas na vida boêmia nos anos finais do czarismo na Rússia. Os anos de 1920 conheceram uma confusa, babélica e multitudinária manifestação de busca de novas formas de expressão artísticas e literárias, por meio de artistas mais ou menos ligados à Revolução, ou simplesmente lançados em meio à explosão renovadora que o país viveu, malgrado a miséria econômica e social que marcaram os anos imediatamente posteriores ao Outubro de 1917.

Por uma tendência quase espontânea, setores do Partido Comunista (Bolchevique) enxergaram mecanicamente entre estas tendências aquelas portadoras de uma arte, mais que revolucionária, proletária ou mesmo comunista. Ao lado disso, uma outra perspectiva, que chegaria ao paroxismo sob Stálin, nos anos de 1930 e 1940, tomava forma: a tendência a reconhecer uma arte proletária, uma ciência proletária, uma cultura proletária em oposição a seus correlatos burgueses.

Tal tendência foi objeto de uma imediata desconfiança de Trotsky (e de Lênin), que enxergava nela uma negação de todos os pressupostos marxistas para a transição ao socialismo: a superação dialética, a forja do novo sistema na base dos desenvolvimentos últimos do sistema capitalista, a apropriação, num novo patamar, do patrimônio humano constituído ao longo da história da sociedade de classes.

Esta desconfiança tinha ademais uma contraparte empírica: Trotsky não concebia uma arte proletária constituída na base do abandono do patrimônio comum da humanidade e como obra de uma classe trabalhadora

destituída, ainda mais na atrasada Rússia, dos traços elementares da cultura e da ciência, massas trabalhadoras que apenas naquele momento vislumbrava a perspectiva da instrução básica. Para Trotsky, ainda por cima, desviava o partido e o Estado da tarefa fundamental de lutar contra a ignorância.

Nosso Partido (...) jamais foi e jamais poderá ser um bajulador da classe operária (...) A conquista do poder não transforma, por si mesma, a classe trabalhadora, nem a investe de todas as virtudes: apenas abre à sua frente a oportunidade de aprender, desenvolver a mente e libertar-se de suas inadequações (Idem, p. 211-212).

Assim, para Trotsky, os slogans sobre a “cultura proletária” e “arte proletária” escondiam a impotência diante das tarefas reais, neste campo, a saber, de se apropriar da cultura e da arte historicamente acumulada e a de permitir, nesta perspectiva, a ampla difusão científica e experimentação artística. Depois, estas noções de arte e cultura “proletárias” serão objeto de uma crítica teórica mais categórica e de princípios, para além das determinações conjunturais. Voltaremos com mais vagar a este tema no item seguinte.

Esta visão derivava da percepção que Trotsky tomava do marxismo clássico de que o conjunto do conhecimento acumulado pela humanidade estava marcado, como produto das sociedades cindidas que prevaleceram até ali, em um aspecto progressivo, elementos que permitiram aos homens elevar sua capacidade produtiva e tomar conhecimento de si mesmo, e outro reacionário, o

soerguimento da estrutura produtiva e de sua contraparte social e política que permitem a exploração da classe trabalhadora e sua subjugação. Separar uma coisa da outra, efetivar a crítica da ideologia burguesa (ou levá-la a termo), exigiria liminarmente o domínio de tais conhecimentos em larga escala.

A refutação de todo mecanicismo, da falta de mediação entre a tomada do poder num país atrasado e o desenvolvimento de uma nova superestrutura ideológica (cultura, arte, conhecimento) se articulava, neste momento, no pensamento de Trotsky, com uma igual refutação da passagem mecânica do horizonte totalizante advogado pelo materialismo dialético à esfera íntima dos diversos ramos da ciência e das artes que tendia a recobrir com uma verborragia revolucionária a ignorância quanto às lei próprias de cada ramo do conhecimento humano.

É tendo em conta estes elementos que Trotsky vai tomar uma apaixonada defesa da especificidade de cada área do conhecimento, de um certo “desinteresse” científico que permitisse ao cientista, amparado na lógica própria de sua área de estudo, sem interferência de interesses sociais e políticos imediatos, ir o mais longe possível na descoberta das leis que regem certo aspecto da natureza e na exploração de suas consequências.

A crítica de Trotsky aos cientistas e intelectuais não residia nesta reivindicação de independência da ciência, mas no fato de que a imensa maioria deles era incapaz de entender a relação de seus estudos particulares com a totalidade natural, social e econômica. Para o dirigente comunista, os cientistas são plenamente materia-

listas enquanto se ocupam de seus ramos da ciência, mas se perdem na metafísica e mesmo na religião ao retornar à realidade social com o produto de seu trabalho. “A química trabalha com suas próprias chaves e só as encontra nos seus próprios laboratórios, através da experiência empírica e da generalização, da hipótese e da teoria”, dirá Trotsky, reafirmando sua crença em que a especificidade de cada ciência se completa na unidade da ciência em geral, e observará, contudo, que, ao invés disso, “os êxitos da ciência no domínio da matéria foram (...) acompanhados de uma luta filosófica contra o materialismo”. Esta realidade funesta é para Trotsky um obstáculo para a ciência: “se [os cientistas] aprendessem [a] combinar o raciocínio indutivo e dedutivo e o pensamento empírico e abstrato poderiam ver suas próprias descobertas sob uma perspectiva melhor” (Idem, p. 218-219).

Deste ponto de vista, Trotsky se enfrentará com a interdição da obra de Sigmund Freud na URSS, a partir de meados da década de 1920¹⁸. O argumento contra Freud, de que a psicanálise se afastava da base materialista (neste caso, da fisiologia), vai ser objeto do sarcasmo célebre de Trotsky: para ele, por exemplo, o fato de que os fenômenos químicos radiquem, em última análise, nos fenômenos físico e mecânicos não sugere que os problemas próprios da química possam ser resolvidos simplesmente remetendo-os à física.

18 Neste período, na URSS, procurou-se opor à psicanálise freudiana a psicologia fisiologista de Pavlov. Trotsky não se opunha às teses deste último, mas não via sentido em preterir as de Freud. Isto estava ligado justamente à afirmação feita mais acima acerca da defesa da liberdade científica.

Do mesmo modo, a escola de Freud advoga um campo próprio do movimento da mente, cuja subjacência seriam a experiência sexual *lato senso*, que se apoia no conhecimento fisiológico, mas não pode ser reduzido a ele, isto é, exige uma aproximação das leis específicas do campo da mente. Na mesma época, Trotsky sairá em defesa da difusão da teoria da relatividade restrita de Einstein na URSS, usando mais ou menos os mesmos argumentos, contra os que acusavam ambos os sábios de especulação: “(...) não temos razão nem o direito de banir um método que, embora menos fidedigno, procura antecipar resultados para os quais os métodos experimentais só muito lentamente avança”.

2. Literatura e revolução permanente

As posições de Trotsky nos campos da filosofia da ciência, das questões do modo de vida, da arte e da literatura são melhor apreciadas quando observadas contra o fundo de sua Teoria da Revolução Permanente. No estreito limite deste artigo, ela é apresentada sumariamente, de forma quase esquemática, apenas com o objetivo de elucidar a lógica da visão do autor sobre o fenômeno literário.

Na reflexão de Trotsky acerca da Revolução Russa, o caráter burguês da revolução (isto é, de suas tarefas abstratamente democrático-burguesas) não resultava em que a burguesia seria obrigatoriamente hegemônica no curso dos acontecimentos. A coincidência parcial de

objetivos entre burguesia, proletariado urbano e camponesinato não significava necessariamente a cessão por parte destes últimos do poder resultante da revolução à primeira. Para ele, no curso mesmo da luta, em parte comum, se desenvolvia uma luta entre as classes que se opunham ao czarismo pela hegemonia no processo revolucionário. Luta cujo desenlace não estava dado por nenhuma norma escolástica ou dogmática. Este desenlace estava completamente subordinado à capacidade de cada uma das classes de responder de forma radical, ou seja, de maneira consequente, às demandas situadas na base do processo revolucionário.

Sob outro e, para Trotsky, decisivo ângulo, esta questão não poderia ser abordada senão à luz dos desenvolvimentos do capitalismo que, há muito, deixara de se deter no terreno nacional e, já em meados do século XIX, se lançava a uma divisão do trabalho internacional que acarretava uma repartição do globo entre os poucos capitalismos dominantes, ditando um desenvolvimento que, em cada país, sobretudo naqueles subordinados às maiores potências, retirava das burguesias locais o que ainda lhes restava de autonomia nacional, atrelando-as, tanto à modernidade mais alta quanto à sobrevivência de modalidades atrasadas de sociabilidade, conforme o interesse da potência capitalista dominante.

Na Rússia de então, por exemplo, o ardor anticzarista da oposição liberal era mediado diretamente pelo interesse do capital britânico no enfraquecimento ou não do regime czarista. Assim como suas aspirações progressista e industrial também oscilava de acordo com as ne-

cessidades de mercado do imperialismo inglês. Isso para não falar dos laços sociais que prendiam esta burguesia à oligarquia rural, pedra fundamental da persistência anacrônica do czarismo.

Por tudo isso, Trotsky considerava que o velho esquema teórico do marxismo russo de duas etapas da revolução, fixados de antemão, à revelia da análise concreta da situação contemporânea, defendido pelos mais prestigiados marxistas da aurora do movimento operário russo, como Plekhanov e Mártov, uma construção puramente lógico-formal, abstrata, incapaz de integrar os desenvolvimentos mundiais e nacionais do capitalismo. Este esquema deduzia do caráter democrático da revolução russa o papel dirigente da burguesia, encarregada, “por direito natural”, de conduzir a construção da república democrática. A Teoria da Revolução Permanente partia de uma percepção oposta, segundo a qual não haveria uma interrupção entre a luta nacional e democrática e as tarefas socialistas, o que demandava uma ultrapassagem da concepção de dois programas, um mínimo e um máximo, que caracterizara o movimento operário na época pré-imperialista, em favor de um sistema de reivindicações transitórias que, partindo das tarefas imediatas, as ligasse às tarefas históricas da classe operária.

O caráter, assim, permanente, isto é articulado entre revolução nacional e democrática e revolução socialista, no quadro do desenvolvimento e estagnação das forças produtivas no plano mundial, não permitia que disto se deduzisse o abandono das tarefas burguesas retardatárias, que incluía a instrução das massas, mas

apontava para o fato de que a realização deste programa abstratamente burguês, em razão, de um lado, da natureza títere da burguesia russa e, de outro, dos limites do desenvolvimento capitalista em escala internacional, levaria a dinâmica revolucionária a forçar a fronteira da revolução burguesa.

Para Trotsky, dizer revolução permanente nunca quis dizer superação mecânica do programa democrático-burguês, mas situá-lo no horizonte da revolução proletária, onde sua realização corresponderia dialeticamente tanto a sua superação quanto a superação das formas políticas que outrora serviram à sua implantação nas principais potências capitalistas europeias.

Neste horizonte, Trotsky foi profundamente hostil, no contexto do regime de transição instaurado pela Revolução de Outubro, a toda manifestação de voluntarismo, de bravata ou de “bajulação da classe operária”, no que diz respeito às possibilidades da revolução.

Conseqüentemente, se colocou numa posição de combate a toda “teoria” que defendesse transformações como produto imediato e mecânico da tomada do poder pelos trabalhadores. Com efeito, o desdobramento da revolução democrática e nacional em revolução proletária não apagava o prodigioso peso do atraso da Rússia, fosse no campo econômico, fosse no campo da cultura. Da ideia de que as tarefas democráticas de nossa época só podem ser realizadas pelo proletariado e no contexto da expropriação do capital, nunca decorreu, para Trotsky, a ideia da revolução como panaceia, mas tão somente como condição para árdua batalha prática de varrer

o analfabetismo, a ignorância, a superstição e instaurar uma séria difusão do patrimônio científico, artístico e cultural acumulado ao longo da história humana.

Por isso, a ideia de uma cultura proletária, substitutiva da cultura burguesa, como produto imediato da expropriação do capital privado na Rússia, foi desde o começo inaceitável para Trotsky.

3. Cultura e Arte Proletárias ou Cultura e Arte Revolucionárias?

O livro *Literatura e Revolução*, composto de ensaios escritos entre 1922 e 1923, consistia tanto num amplo painel diagnóstico da literatura russa na quadra delimitada pelos anos imediatamente pré-revolucionários até os primeiros anos da República dos Sovietes, como num conjunto de ensaios teóricos que tematizavam a cultura e a literatura.

Entre estes últimos, o ensaio nuclear é *A Cultura e a Arte Proletárias*, uma diatribe ao mesmo tempo erudita e sarcástica, no estilo do autor, contra o movimento de Cultura Proletária (Proletkult) apadrinhado pelo PCR e pelo Comissariado do Povo para a Instrução, encabeçado por Anatoli Lunatchárski¹⁹.

Trotsky, naturalmente, reconhece que todas as classes dominantes constituíram sua própria visão de

¹⁹ A bem da verdade, Lunatchárski, se privilegiou o Proletkult, assumiu uma posição receptiva e estimulante em relação ao conjunto dos experimentos artísticos que floresceram na Rússia nos primeiros anos da revolução.

mundo, sua tábua de valores peculiar, enfim, uma cultura correspondente à sua hegemonia social, incluindo as formas de arte correspondentes. A partir desta constatação, o autor busca se apoiar na experiência histórica do domínio de classe da burguesia. O repasse sumário da experiência burguesa tem a função, no raciocínio de Trotsky, de alertar contra a tentação de deduzir dela a futura experiência do proletariado quanto à cultura.

Assim, o autor vai observar que a cultura burguesa foi produto de cinco séculos de desenvolvimento, “a partir de sua primeira manifestação aberta e turbulenta, isto é, a partir do Renascimento”, ao mesmo tempo, assinala que uma classe dominante “só alcança sua plena realização no período que precede à decadência política dessa classe, para a partir de aí se perguntar: “o proletariado terá muito tempo para criar uma arte proletária?” (TROTSKY, 2007, p. 149-150). A resposta a esta questão terá necessariamente um teor em parte especulativo, visto que lida com prognósticos acerca de uma sociedade socialista futura, ainda que Trotsky se mantenha ancorado ao máximo nos dados empíricos da experiência revolucionária russa.

A questão, se considerado o socialismo do ponto de vista da tradição marxista, é pertinente. A própria experiência russa, recém saída da guerra civil e as voltas com a destruição maciça de meios de produção, demonstra que a ditadura do proletariado seria na maior parte de sua vigência um instrumento de uma luta de classes encarnizada, portanto, um tempo mais de destruição do que de edificação, uma época transitória de afirmação do

proletariado como classe, e de sua nutrição pela apropriação não só do patrimônio material arrancado ao capitalismo, mas também de apropriação da cultura que floresceu sob seu domínio. Não é necessário observar que, neste sentido, o regime proletário não poderá se ocupar prioritariamente da elaboração de uma nova cultura, radicalmente oposta à cultura legada pela burguesia.

Ao passo que a consolidação da ditadura do proletariado, a superação da época da luta política e militar, isto é a época mais propícia para o florescimento cultural será, por sua vez, aquela da reabsorção do Estado pelo todo social, e com ele da própria classe operária no seio de uma nova comunidade socialista. Um período em que a própria ideia de classes sociais tenderia à dissolução. Trotsky repõe a questão: tomada nesta perspectiva, é lícito se falar numa cultura proletária, isto é, numa cultura distinta pela sua marca de classe?

A construção cultural, por outro lado, não terá precedente na história quando não mais houver necessidade da mão de ferro da ditadura. Aí, porém, não mais apresentará um caráter de classe (...) não haverá cultura proletária (...) não existe motivo para lamentar isso. O proletariado tomou o poder precisamente para acabar com a cultura de classe e abrir caminho para a cultura da humanidade (Idem, *ibidem*).

Neste sentido o autor frisa o fato de que a ditadura do proletariado não pode ser comparada à sociedade burguesa consolidada, consubstanciada numa organização econômica e cultural. O Estado emergido da Revolução de Outubro é tão somente o aparelho político



e militar necessário à instauração de uma nova ordem econômica, social e cultural que, por sua própria natureza, não visa a perpetuar a dominação de uma classe, mas a fazer desaparecer a sociedade de classe.

Trotsky, assim, descarta uma analogia histórica que legitimasse a ideia de uma cultura proletária em referência à existência da cultura burguesa, considerando-a uma transposição destituída de espírito crítico.

Como dito acima, a prospecção quanto à sociedade futura e as etapas a serem cumpridas até lá não poderiam deixar de ser relativamente especulativas, mas as condições de existência da ditadura do proletariado nos anos seguintes ao Outubro de 1917 eram empiricamente constatáveis e, para Trotsky, prefigurariam as condições de existência da sociedade transitória nascida da Revolução. Assim, o autor tenta se situar entre os limites e as possibilidades abertas pela tomada do poder.

Sendo assim, se a paisagem miserável da Rússia do pós-guerra civil desautorizava bravatas sobre o surgimento de uma cultura proletária imediatamente superior à cultura ocidental burguesa (como de resto desautorizava qualquer bravata de superioridade no campo econômico), a expropriação da burguesia abria às massas a possibilidade de botar os pés no limiar de uma nova cultura. Trotsky observará que, ao contrário da burguesia que assaltou o poder sobre a base de um vasto enriquecimento material de 3 ou 4 séculos, sob o teto do Estado absolutista, mas que mesmo assim só viu sua cultura consolidada às vésperas do esgotamento da fase ascendente de sua economia, o proletariado chega

ao poder equipado tão somente da “necessidade aguda de conquistar a cultura”.

Com efeito, o proletariado precisou “derrubar a sociedade burguesa pela violência revolucionária precisamente porque esta sociedade lhe barrava o acesso à cultura” (Idem, p. 156, grifos nossos). Nesta passagem, Trotsky se situa plenamente no quadro de sua Teoria da Revolução Permanente, num exemplo cristalino de como as tarefas não socialistas (democráticas) se articularam, na Rússia, na prática, com os meios propriamente de luta pelo socialismo. Esta dialética, contudo, não autoriza a esperar que os meios propriamente socialistas de que as massas lançaram mão em 1917 significassem a superação da herança de atraso e desvalia que pesava sobre o país e tampouco criavam por si uma nova cultura.

Tal realidade implicava o trabalho de “nos aposar (...) dos elementos mais importantes da velha cultura a fim de podermos abrir caminho à construção de uma cultura nova”. De forma realista, Trotsky apontará esta tarefa de maneira ainda mais prosaica: “Só o fato de que, pela primeira vez na história, milhões saberão ler, escrever e fazer as quatro operações constituirá um acontecimento cultural da mais alta importância”. Isto porque a tarefa espiritual mais importante do Estado parido pela Revolução de 1917 é a de “ajudar de forma sistemática, planejada e crítica as massas atrasadas a assimilar os elementos indispensáveis da cultura existente” (Idem, p. 154-155, negritos nossos).

Assim, a perspectiva cultural que a Revolução abria, na visão de nosso autor, não era a do florescimen-



to, ao cabo de algumas décadas, de uma cultura distintiva da classe operária em referência à história da instauração da cultura burguesa. Primeiro, porque a situação objetiva da classe operária, ao atingir o poder de Estado, era substancialmente distinta daquela encontrada no momento das revoluções burguesas. Segundo, porque o porvir da ditadura do proletariado não se assemelha ao desiderato da burguesia ao constituir seus instrumentos de dominação, esta voltada para a perpetuação de seu poder de classe, aquela destinada a extinguir a dominação de classe.

Conclui-se, assim, que a abertura da época das guerras e das revoluções, cuja expressão mais alta houvera sido a própria Revolução Russa, geraria, ao ver de Trotsky, necessariamente uma cultura, uma arte e uma literatura correspondente às tensões, lutas e sínteses do processo de transição ao socialismo. Cultura, arte e literatura, portanto, transpassadas de contradições, incongruências e incoerências, expressivas da atitude das classes em luta em face das transformações que se afigurariam, prognóstico que permitiria prever a emersão de uma arte expressiva das tensões revolucionárias, uma arte revolucionária, fortemente tingida pela presença da classe operária “despertada em sua dignidade humana”, mas não uma cultura e uma arte proletárias.

Quais condições, entretanto, seriam necessárias para que esta arte revolucionária, fortemente marcada pela dignidade humana despertada na classe operária, emergisse?

5. Cultura burguesa, papel do partido na arte e liberdade artística

Para Trotsky, no curso da luta de classes, o proletariado, em particular seu destacamento de vanguarda, constituiu um “estilo de classe”, efetivamente em apenas uma esfera da vida pública, na política, terreno aliás mais próprio das classes dominantes, mas onde a classe operária é chamada a combater e onde, na base de sua própria experiência, faz seu aprendizado e constituiu seus próprios marcos conceituais. Mas mesmo neste terreno, o proletariado não estabeleceu o “seu estilo” por silogismo: o estilo é a classe, o proletariado é uma classe, logo há um estilo proletário.

Tratou-se de uma construção histórica, num processo inseparável da absorção da própria ciência burguesa pelos elementos dirigentes da classe no curso das diferentes etapas e mediações por que os trabalhadores passaram a caminho de sua expressão política independente.

No que respeita à Rússia Soviética da década de 1920, o movimento de Cultura Proletária (Proletkult) fazia a apologia da produção dos chamados poetas das fábricas. Trotsky valorizava a emulação literária e poética que os variados grupos culturais nascidos no impulso da Revolução de Outubro realizavam nos locais de trabalho, na caserna, no campo. Tinha, contudo, uma extrema prudência na apreciação deste trabalho e de seus resultados.

Via na pressa em qualificar os ensaios poéticos provenientes dos trabalhadores versificadores como “poetas proletários”, ao invés de proletários poetas, que

pressupunha a existência de uma poesia proletária, uma jactância inútil, mas perigosa, como se assinala acima, na medida em que produzia uma ilusão que desviava o trabalho cultural de suas tarefas elementares. De outro lado, enxergava um desvio análogo nos pequenos grupos isolados que se ocupavam de moldar uma “poesia proletária” pela aproximação de seus motivos dos grandes temas da Revolução.

De todo modo, Trotsky via o despertar literário do trabalhador como um sintoma daquele “acontecimento cultural da mais alta importância” a que se refere quando aponta a necessária tarefa de ensinar a ler e escrever. Mas reclama uma clareza sobre esta etapa da produção literária das massas. Vê nela, neste momento, as raízes, o gérmen, as fontes da literatura socialista do futuro, mas demarca dois aspectos: primeiro, que, se tal literatura está ligada de maneira orgânica à vida e aos interesses dos trabalhadores, isto não quer dizer que indiquem a existência de uma “arte proletária”, sendo antes uma “expressão escrita do processo molecular de elevação cultural do proletariado”, um fenômeno da maior importância, mas que poderia se perder se seu verdadeiro caráter fosse submergido no oba-oba da “poesia proletária”; segundo, porque versos fracos decalcados da poesia tradicional, eles marcavam o caminho do progresso cultural destes trabalhadores, mas não tinham as qualidades para se afirmar nem como “poesia proletária” e nem mesmo como poesia.

Ademais a ideia de que as primeiras versificações, sem dúvida signo da realização daquela dignidade hu-

mana nas massas, fossem expressões da emergência de uma “literatura proletária” portava subjacentemente o desprezo pelo aprendizado da técnica literária e poética, e pela absorção do patrimônio literário legado pela civilização burguesa. Nesse sentido, Trotsky afirmará:

É preciso aprender, a importância de organizações como o Proletkult não se mede pela rapidez com que criam uma nova literatura, mas pelo que contribuem na elevação do nível literário da classe operária (...) Termos como *literatura proletária* e *cultura proletária* são perigosos quando comprimem artificialmente o futuro cultural no quadro estreito do presente, falseiam as perspectivas, violentam as proporções, desnaturam os critérios e cultivam de modo muito arriscado a arrogância dos pequenos círculos (TROTSKY, 2007, p. 163).

Isso nos leva ao aspecto que ocupou maior espaço entre os refutadores das teses de Trotsky quanto à literatura e a arte: sua insistência na linha da apropriação da cultura legada pela sociedade burguesa. A contundência de sua posição neste aspecto soava ao ouvidos mais dogmáticos como herética.

Sua explicação desta necessidade no campo da arte o faz lembrar da ideia de que cada geração artística sucede à mais antiga, acrescentando uma contribuição à acumulação anterior, mas ressalva que, antes de fazê-lo, precisa de uma etapa de aprendizagem, que não constitui ainda uma nova criação, mas estabelece as condições para que esta floresça (Idem, p. 156). Como já observado, uma peculiaridade da entrada em cena do proletariado

como polo fundamental da sociedade moderna é o fato de que um tal aprendizado lhe é negado pelas classes superiores e que seu acesso a ele o opõe radicalmente a elas.

Disso resulta, por lógico, que o proletariado não constitui uma cultura ou uma ciência proletária sob o teto da sociedade burguesa e, como já exposto, não constituirá, na medida em que, numa proporção histórico-universal, sua hegemonia de classe sobre a sociedade não está destinada a se perpetuar.

Por isso, Trotsky teve de responder à questão, “o socialismo científico e a teoria do valor não seriam então expressões de uma cultura e de uma ciência proletárias?”. A resposta de Trotsky a esta questão é categoricamente negativa, mas assentada numa visão dinâmica das relações entre a cultura dominante e a luta de classes:

Marx e Engels saíram das fileiras da democracia pequeno-burguesa, e foi a cultura destas que os formou, e não uma cultura proletária. Se não existisse a classe operária (...) não existiria o comunismo científico, porque não haveria a *necessidade* histórica. **A teoria do comunismo científico formou-se sobre a base de uma cultura científica e política burguesa, ainda que lhe declarasse uma luta de morte.** Sob golpes das contradições do capitalismo, o pensamento universalizante da democracia burguesa se elevou entre seus representantes mais audaciosos, honestos e clarividentes até uma genial negação de si mesma, armada com todo arsenal crítico da ciência burguesa. Tal é a origem do marxismo (Idem, p. 167, itálico do autor, negritos nossos).

Acerca desta polêmica cabe destacar como ela já houvera aparecido em termos semelhantes na apreciação de Trotsky sobre o grupo futurista que, na Rússia, realizou um verdadeiro esforço de se ligar à Revolução de Outubro.

Os futuristas se afiguravam para Trotsky justamente como aquela outra variedade da “literatura proletária”, referida mais acima, a dos pequenos grupos que se julgavam capazes de forjar a nova literatura a partir de sua própria consciência revolucionária ou pretensamente revolucionária, independentemente do progresso real da própria classe revolucionária. Partidário ferrenho da liberdade de criação e experimentação, Trotsky vai não só reconhecer talentos genuínos entre os poetas futuristas, em primeiro lugar em Maiakovsky (a quem dedica um dos ensaios de Literatura e Revolução), como a realização de verdadeiras conquistas formais alcançadas na intensa pesquisa estética a que se entregavam.

A objeção de Trotsky ao futurismo, embora não se esgotasse nisso, consistia justamente na crítica de sua negação dos processos dialéticos pelo qual as escolas rebeldes rompem, mas ao mesmo se nutrem, das formas literárias do passado. No caso dos futuristas, que se jactavam de produzir hoje a literatura socialista do futuro ou, ao menos, sua protoforma, esta pretensão estava em descompasso com os esforços da classe operária (afinal de contas, a mola propulsora da transição ao socialismo) de constituir um patrimônio cultural e literário.

Assim, os apelos do futurismo russo à ruptura com o passado eram encarados por Trotsky sob um duplo pon-

to de vista: representava uma tendência progressiva, na medida em estavam dirigidos aos velhos e fechados círculos literários ligados à aristocracia czarista, mas se justificava justamente porque indiretamente os futuristas se reconheciam devedores, no período anterior à Revolução, desses mesmos círculos. Daí a necessidade de afirmar uma ruptura sob a forma de um rompimento com a tradição.

De outro lado, isto é, no que se refere às massas proletárias, esta convocação ao rompimento com o passado resulta extemporâneo e anacrônico e mesmo carente de sentido, na medida em que, pela negativa, os trabalhadores não estão inseridos na tradição: “a classe operária não conhece a velha literatura”, diz Trotsky. Se bem que, para Trotsky, os futuristas tenham “agido bem” ao romper com o que se punha como uma confraria hostil à renovação formal, exatamente porque nada tinham a dizer de novo que exigisse novas formas. Contudo, ao exigir uma total negação do passado literário, os jovens poetas recaíam, não no ponto de vista da classe operária, mas no niilismo pequeno-burguês e boêmio; confundiam a ruptura do proletariado com a dominação capitalista, cujo conteúdo é a apropriação do patrimônio privado para torná-lo propriedade coletiva, com seu próprio rompimento intelectual levado a cabo no mundo fechado da intelectualidade russa.

Assim, Trotsky estabelecia uma clara distinção entre o ponto de vista boêmio-intelectual e o ponto de vista comunista, sintetizada nessa sentença: “Nós, marxistas, vivemos na tradição. Nem por isso deixamos de ser revolucionários” (TROTSKY, 2007, p. 110).

Dessa relação dialética com o passado que Trotsky reivindica para a obra cultural imediata, se desdobra uma distinção entre arte revolucionária e arte socialista. Tal distinção exige, mais uma vez, que a arte socialista seja descrita pelo autor em termos mais ou menos especulativos, para distingui-la da arte revolucionária, que seria socialista apenas do ponto de vista do horizonte que vislumbra para o devir da sociedade, mas que não pode ainda se realizar, na medida em que o socialismo mesmo não se realizou ainda.

Nesse sentido, se volta de novo ao tema recorrente da relação com o passado. Se a arte socialista pode apenas ser vislumbrada em grandes traços decorrentes de certos desdobramentos lógicos da concepção de uma sociedade que superou a competição da divisão em classes, a arte revolucionária se encontra mais próxima de nossa vista, mas ela nada tem de pureza socialista e, ao contrário, “reflete abertamente todas as contradições do período de transição, [mas] não se deve confundir com a arte socialista, para a qual as bases ainda não existem” (Idem, p. 180). Ao mesmo tempo, fincada neste momento em que, na Rússia Soviética, a Revolução tão somente abrisse a possibilidade de uma ampla elevação cultural da classe operária, Trotsky relacionava entre as características da arte da revolução a necessidade de incorporar criticamente “todos os métodos e procedimentos criados no passado para compreender a vida” (Idem, p. 184).

Com efeito, Trotsky se enfrentou duramente com uma crítica comunista sectária que condenava liminarmente toda expressão artística que refletisse o passado (e

o presente) capitalista, e que começava, já então, a criar na URSS um espírito contraditoriamente conservador que passaria a estigmatizar como decadentes expressões artísticas que não se rebaixasse ao nível estético de uma produção ainda rudimentar, mas que o espírito burocrático qualificava como arte proletária e mesmo socialista.

Em oposição a isso, Trotsky reivindicava não apenas a apropriação dos aspectos mais fundamentais da técnica e da arte produzida no contexto do capitalismo, como, igualmente, considerava que o surgimento de uma arte autenticamente expressiva da transição revolucionária dependia tanto de uma difusão maciça da cultura acumulada, de forma a dotar as gerações que cresciam à sombra da Revolução de Outubro dos saberes e técnicas artísticas, quanto de uma ampla liberdade de experimentação.

Para Trotsky, a própria experiência histórica seria suficiente para separar as expressões artísticas expressivas da época que se abria daquelas incapazes de se ligar ao seu tempo. Por isso, mesmo que colocasse em questão a pretensão dos futuristas, e especialmente a de Maïakovsky, de criar, num campo puramente lógico-consistente, uma forma artística revolucionária²⁰ (o que para Trotsky se resolveria numa outra esfera, a da elevação média da cultura em relação com a produção artística), Trotsky valorizava profundamente estes esforços em si mesmos, como reflexo da nova situação que reclamava também novas formas de expressão.

²⁰ Trotsky vai fazer uma curiosa analogia desta atitude dos futuristas com a de François "Gracus" Babeuf que realizou toda uma elaboração relativa ao comunismo numa época, a da Revolução Francesa, em que o desenvolvimento social não permitia ainda que a questão se colocasse no plano não-utópico.

Dessa atitude teremos duas conclusões no pensamento de nosso autor: a defesa intransigente da liberdade de experimentação e da liberdade da arte, mas amplamente, e a reprovação do controle partidário sobre a produção artística.

Estas duas posições eram ainda mais enfáticas no contexto em que, como já se assinalou acima, se confundiam nos círculos do partido e nos meios comunistas em geral, as primeiras manifestações de uma lenta apropriação dos rudimentos das artes pela classe operária com a emergência de uma arte proletária e mesmo de uma arte socialista (por sua vez, como discute Trotsky, identificada equivocadamente com uma pretensa arte proletária).

O temor de Trotsky, que depois se viu plenamente justificado, era não só a oficialização da esfera artística, mas a canonização, como arte proletária ou socialista, das formas ainda baixas de expressão artística daqueles primeiros anos da Revolução, que levaria a uma recusa criminosa da absorção crítica da tradição artística e dos impulsos advindos das escolas e correntes da arte que se debatiam no quadro da crise da Europa capitalista, bem como a estigmatização da experimentação nas artes.

Estas posições se desdobravam, por lógico, numa visão de extrema desconfiança face a uma diretriz partidária estrita para a artes. A citação a seguir é longa mas tem a vantagem de esgotar o essencial da argumentação de Trotsky sobre este item:

Isto quer dizer que o Partido (...) adota uma posição eclética no domínio da arte? (...) O marxismo oferece diversas possibilidades: avalia o

desenvolvimento da nova arte, acompanha todas as suas mudanças e variações por meio da crítica, encoraja as correntes progressistas, porém não faz mais que isso. A arte deve abrir por si mesma seu próprio caminho. Os métodos do marxismo não são os métodos da arte.

O Partido dirige o proletariado, não os processos da história. Há domínios em que dirige de forma direta e imperativa. Há outros em que apenas supervisiona e ajuda. E, por fim, alguns nos quais somente se orienta. **A arte não é um domínio em que se chame o Partido a comandar (...). [O Partido] não pode, em hipótese alguma, colocar-se na posição de um círculo literário e competir com os outros. Não pode e não deve** (Trotsky, 2007, p. 173, negritos nossos).

Neste ponto de Literatura e Revolução, Trotsky se volta a um de seus temas prediletos, o respeito às leis próprias de cada ramo do conhecimento e da cultura. Isto é, à ideia de que o marxismo, como perspectiva científica, não se substitui aos campos próprios de cada ciência, mas os coloca numa perspectiva de totalidade.

Este tema, cujos perigos Trotsky vislumbra já tão claramente nos anos de 1920, adquirirá dramática atualidade a partir da consolidação do poder do aparato stalinista sobre o partido e o Estado, nos anos de 1930. A arte e a literatura, sob a significativa denominação de “realismo socialista”, serão objeto da censura exercida literalmente pelas armas dos críticos da burocracia e passarão a ser mero instrumento de glorificação dos chefes geniais sob forma de um figurativismo arcaico, (mal) decalcado de mestres do passado. A ciência, por sua vez será submetida à vergonhosa mis-

tificação da “ciência proletária” de Trofim Lysenko²¹, tendo seus métodos violados não apenas por uma “dialética” metafísica, mas diretamente pelas necessidades políticas da casta stalinista.

Esta situação forçará Trotsky a retomar suas preocupações culturais e literárias, numa conjuntura marcada pelo que considerava “as maiores derrotas do proletariado” após 1917, a emergência do fascismo a oeste, e a consolidação do domínio stalinista a leste.

PARTE II: O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DAS LETRAS

Trotsky só voltaria a tratar correntemente da questão artística e literária em meados dos anos de 1930. A retomada do tema, mais uma vez, não tinha nada de diletante. A decisão de voltar a tratar da arte e da literatura correspondia a uma decisão política. Decisão determinada pela expropriação das mãos do proletariado russo do poder político conquistado em outubro de 1917 pela camarilha stalinista. A liquidação dos soviets e dos últimos traços de democracia operária entrava, contudo, em explosiva contradição com a manutenção

21 Trofim Lysenko, agrônomo russo, era partidário convicto da hereditariedade biológica dos caracteres adquiridos, e a partir desta crença absoluta, que foi beber na fonte de Mitchurine, arboricultor famoso, proclamou o repúdio à teoria dos cromossomas e dos genes como suportes da hereditariedade, negou o mendelismo, as mutações do material hereditário e o seu papel para a evolução.

dos fundamentos sociais e econômicos da Revolução, especialmente corporificada na persistência da economia planificada e do monopólio do comércio exterior. Abordamos abaixo especialmente a obra *A Revolução Traída* e o artigo *A Arte e a Revolução*, de outubro de 1938, publicada originalmente na revista estadunidense *Partisan Review*²².

Em 1935, sai *A Revolução Traída* (TROTSKY, 2007), um agudo balanço de 18 anos da Revolução, no momento em que Stálin instituíra a nova Constituição que decretava que a sociedade soviética atingira o socialismo, ou seja, extinguiu as classes sociais no país. Malgrado tal pretensão, o livro era publicado às vésperas dos processos de Moscou que condenou todos os sobreviventes da equipe dirigente do Partido Bolchevique de 1917 à morte em nome da...segurança do Estado.

A obra dedicava todo um capítulo (o VII, denominado *A Família, a Juventude e a Cultura*) ao estado da arte e da literatura soviética naquele momento. Neste capítulo, Trotsky retoma e atualiza o essencial de suas opiniões estéticas da época de *Literatura e Revolução*, aplicando-as à análise da cultura na URSS naquele momento. Roche (1985, p. 18) sublinha a essência da análise de Trotsky na obra citada:

O esforço de análise teórica da degenerescência burocrática (...) levou Trotsky a fazer uma descrição terrível da condição da arte e da cria-

22 Revista nova-iorquina fundada em 1934 por William Phillips e Philip Rahv como porta-voz cultural oficioso do Partido Comunista dos EUA, rompeu com esta organização em 1938 e se tornou um veículo para intelectuais independentes de esquerda, sem uma orientação política definida.

ção intelectual no mundo totalitário em que se transformou a URSS. Trotsky constata que o comando da burocracia “se exerce do mesmo modo nos campos de concentração, na agronomia e na música”.

Trotsky constata que o pensamento livre e independente, que ele considera a condição incontornável da criação artística, houvera sido sacrificado no altar do “realismo socialista”. A marginalização da poeta Anna Akhmátova, o “desaparecimento” num campo de concentração do poeta Iossip Mandelstan²³ e, de outra maneira, o suicídio de Maiakovsky foram marcas indeléveis do sufocamento da criação artística e intelectual que se processava no país.

O brilhante prosador Isaac Bábel²⁴, antes de ser condenado a um silêncio obsequioso, durante o I Congresso da Associação dos Escritores Soviéticos²⁵, num escárnio amargurado, dava voz à angústia que dominava o ambiente: “sou um mestre de um novo gênero literário, o gênero do silêncio”, para arrematar reivindicando “o direito do escritor de escrever mal” (BERNARDINE; ANDRADE, 2015, p. 211).

Para além da situação interna da URSS, Trotsky considerava uma necessidade política enfrentar a inge-rência da diplomacia soviética nos meios artísticos e li-

23 Anna Akhmátova(1889-1966) e Iossip Mandelstan (1891-1938): poetas da escola acmeísta que reivindicava uma espécie de poesia neoclássica, fundada na clareza e na simplicidade.

24 Bábel teve suas obras proibidas a partir de 1934 em território soviético, inclusive seu clássico O Exército de Cavalaria, um exercício de estilismo cru que retrata episódios da incursão do Exército Vermelho na Polónia nos primeiros anos de 1920 (BÁBEL, 2006). Bábel foi reabilitado no final nos anos de 1950, no contexto do chamado Relatório Krushev, apresentado no XX Congresso do PCURSS.

25 A organização literária oficial da URSS.

terários na Europa e nos EUA, uma verdadeira ofensiva para arrematar e colocar sob ordens um exército de intelectuais, escritores e artistas que passam a produzir ostensivamente peças de propaganda direta do regime stalinista e/ou a se dedicar a atacar os opositores de esquerda de Stálin²⁶.

Neste sentido, vai desenvolver uma fecunda relação com parte do grupo surrealista francês e europeu, notadamente com a figura do poeta e teórico do surrealismo, André Breton, e com o muralista mexicano Diego Rivera. O progresso da discussão política e teórica entre eles vai desaguar no lançamento do Manifesto por Uma Arte Revolucionária Independente, proposta como base programática para um reagrupamento amplo, não partidário, de artistas que se reclamavam da liberdade artística como condição para uma arte revolucionária. O esforço daria origem à Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI), de existência fugaz, mas cujas ideias fundadoras seguem incidindo sobre as questões fulcrais da relação entre arte e revolução. Trotsky inscreverá entre seus últimos combates à luta travada ao lado de Breton e Rivera sob a palavra-de-ordem “a revolução para a liberdade da arte, a liberdade da arte para a revolução”.

26 No Brasil, o exemplo notório, entre muitos outros, é o do romancista Jorge Amado que, em obras como *Os Subterrâneos da Liberdade*, de 1954, difamava dirigentes do PC brasileiro que se opuseram no final dos anos de 1930 (época em que parte da narrativa é ambientada) à orientação stalinista que empalmava o partido. O escritor baiano foi particularmente caluniador em seu retrato do jornalista Hermínio Sachetta, antigo secretário do Comitê Regional do PC em São Paulo que viria a romper com o stalinismo e se juntar à IV Internacional.

1. Stalinismo, Arte, Literatura

Ao analisar a situação da URSS em 1935, no quadro da nova Constituição, então recém adotada, Trotsky volta a enfrentar a questão da especificidade da arte em relação à economia e à política, ou seja, a combater a ideia de que os critérios do materialismo histórico se apliquem, diretamente e sem mediações, à criação e ao julgamento da obra artística. De fato, já em *Literatura e Revolução*, obra discutida em nosso artigo anterior, Trotsky assinalava: “a arte deve, em primeiro lugar, ser julgada segundo suas próprias leis, isto é, as leis da arte”.

Esta necessidade de estudar as formas efetivas pelas quais as determinações da existência material (as relações e o modo de produção, o estágio de desenvolvimento das forças produtivas, etc.) se desenvolvem na superestrutura ideológica dizia respeito, para Trotsky, ao domínio das leis próprias dos diversos ramos da cultura e da ciência. Esta é uma das pedras de toque do pensamento do autor sobre a arte e a literatura.

Na sua obra *Em Defesa do Marxismo* Trotsky apontará o dedo mais uma vez para o que julgava ser uma caricatura burocrática do marxismo:

Na maneira pela qual a base econômica determina a “superestrutura” política e jurídica, filosófica, artística, etc. existe uma literatura marxista muito rica. A ideia de que a economia determina “diretamente” e “imediatamente” a criação de um compositor e até mesmo o veredito de um juiz representa uma velha caricatura do marxismo, que professores burgueses de todos os países fizeram incansavelmente circular a fim de mascarar sua impotência intelectual (Apud ROCHE, 1985, p. 22).

Agora, tal caricatura do marxismo inventada pelos “professores burgueses” virava filosofia oficial do regime soviético, ensinada por “professores vermelhos”.

Com efeito, no Capítulo VII de *A Revolução Traída*, afirmando que “as necessidades culturais das nações, despertadas pela Revolução, reclamam autonomia”²⁷, ele começa por observar a indiscutível existência de uma contradição entre a necessidade da planificação da economia e a obrigatória autonomia da arte. Ao mesmo tempo, contudo, o autor não crê que tal contradição possa ser resolvida por fórmulas pré-concebidas, mas apenas pela “vontade flexível das massas” e que “só sua participação efetiva nas decisões cotidianas do seu próprio destino pode, em cada etapa, traçar os limites entre as reivindicações legítimas da centralização econômica e as exigências vitais das culturas nacionais” (TROTSKY, 2007, p. 182).

Deste ângulo, a questão cultural, em sua relação contraditória com a necessária centralização econômica e política, não encontrava solução na realidade soviética daquele momento, tendo em vista que a justa relação entre os dois termos da contradição exigiria um equilíbrio determinado pela intervenção das massas nas decisões, o exercício da democracia operária, esta sim em contradição insolúvel com as necessidades de domínio absoluto da nomenclatura. De outro lado, a velha questão do atraso econômico e cultural herdada pela Rússia soviética do regime dos czares volta a ser alvo das preocupações de

27 A URSS se constituía da união de um conjunto de diferentes nacionalidades, línguas e culturas.

Trotsky na mesma perspectiva que ele já a abordara em *Literatura e Revolução*, mas num patamar superior de gravidade, uma vez que a expropriação do capital agora já durava duas décadas.

Na esfera econômica, a identificação indevida da elevação do rendimento do trabalho e do consumo a níveis apreciáveis (mas ainda abaixo das principais potências capitalistas) com o atingimento do socialismo se transformava num obstáculo à utilização desse novo patamar como ponto de lançamento a um nível superior de produção e bem-estar. Justamente o relativo desenvolvimento das forças produtivas no quadro da economia planificada, ponto de apoio precioso para saltos mais significativos, se convertia num entrave, posto que assimilado à realização mesma do socialismo.

Da mesma forma, a glorificação de patamares ainda modestos no campo da cultura, apresentando o resultado conseguido até ali como o alcance de uma cultura socialista, amesquinhava a produção artística e literária e impedia seu avanço. Quanto a isso, Trotsky era de um realismo completo:

De certo modo, são progressos que, neste momento, não exprimem a superioridade do socialismo sobre o capitalismo, mas a predominância da cultura burguesa sobre a cultura patriarcal, da cidade sobre o campo, do centro sobre a província, do Ocidente sobre o Oriente (Idem, p. 184).

Ou seja, para Trotsky havia-se operado, de fato, uma extraordinária transformação: a Rússia patriarcal e agrária, atolada no analfabetismo e na superstição, por

força da expropriação do capital e da adoção da planificação econômica, havia dado um salto para os níveis da escolaridade ocidental, ainda que sob a gestão burocrática. A identificação deste patamar com o socialismo, por outro lado, erguia uma barreira à própria potencialização desta conquista na via da sociedade socialista.

Este diagnóstico, contudo, expressava apenas uma dimensão do problema, pois, para Trotsky, o estado de coisas projetava para o futuro um atraso da cultura em relação às possibilidades abertas pela socialização dos meios de produção e pela planificação da economia, o que tornava ainda mais grave o balanço de 20 anos da Revolução na esfera das artes e da literatura.

Neste cenário, Trotsky recoloca suas principais teses sobre a cultura, presentes em suas reflexões dos anos de 1920. A entrada do país, por decreto, no “socialismo”, no rastro da coletivização forçada da propriedade agrária, entre 1930 e 1931, medida tomada por Stálin de forma atabalhoada e sob pânico, joga por terra, no terreno mesmo da perspectiva burocrática, a ideia de uma arte proletária, já que “tendo entrado” no socialismo, por óbvio, não se poderia mais falar em classes sociais na URSS.

O absurdo da situação é justamente que o que deveria ser a arte socialista rasteja, por esta época, na repetição mecânica, figurativa e esteticamente inferior da arte clássica, advindas do romantismo e do realismo do século XIX. São poucos os exemplos de obras dignas de nota na URSS neste período (e nas décadas posteriores, diga-se).

Trotsky assinalava assim este estado de contradição:



A criação espiritual exige liberdade. A ideia comunista de submeter a natureza à técnica e a técnica ao plano para obrigar a matéria a dar ao homem (...) tudo que ele necessita (...) visa a um fim mais elevado: libertar as faculdades criadoras do homem (...) de todos os entraves e sujeições humilhantes a duros constrangimentos (Idem, p. 189).

O problema se colocava do ponto de vista do reconhecimento da etapa real do processo de transição da sociedade soviética em oposição à mistificação burocrática que buscava, afinal, uma justificação do próprio poder da camarilha de Stálin e das medidas de liquidação do regime dos soviets. Sob este aspecto, os progressos econômicos se afiguravam na propaganda stalinista como a realização do socialismo, estabelecendo de antemão um horizonte possível (e bem rasteiro) para a fruição da produção social. Já na esfera espiritual, os elementos não mais que preparatórios, os primeiros ensaios, ainda desajeitados, do progresso artístico e literário, no quadro da economia planificada, apresentavam-se como “arte socialista”, ou, como se convencionou chamar, realismo socialista²⁸.

Se na esfera material, a questão era a identificação da ditadura stalinista com a ditadura do proletariado, no plano cultural, tratava-se de legitimar como “arte socialista” aquela destinada à mistificação dos dirigentes.

28 A questão da confusão entre as manifestações iniciais, preparatórias e rudimentares dos trabalhadores no campo das artes (fato altamente relevante na elevação da consciência e da sensibilidade das massas) e a emergência de uma arte socialista já estava presente nos debates dos anos de 1920, no debate sobre o *Proletkult*. Ali, no entanto, era pouco mais do que uma manifestação do voluntarismo, da impaciência e da limitação teórica do partido acerca da criação artística.

2. O Gênero Literário do Silêncio

Para Trotsky, a Ditadura de classe do proletariado, uma etapa incontornável da luta pelo socialismo era ao mesmo tempo uma expressão da barbárie passada, um aparato determinado pelo peso do passado e pelo atraso na revolução mundial. Como Ditadura, ela “impõe, necessariamente, rudes restrições a todas as atividades, compreendendo a atividade cultural”. Diante de tais restrições, contudo, nunca ocorreu aos dirigentes da Revolução “pretender o comando do domínio científico, literário e artístico” (Idem, *ibidem*).

Conforme Trotsky, esta atitude da geração de Outubro correspondia a uma convicção de que a Ditadura do Proletariado era um regime transitório, limitado pela perspectiva da revolução mundial, que, como tal, não poderia temer “as experiências, as pesquisas, a luta de escolas, porque compreendia que uma nova fase da cultura não podia se preparar fora dessa via” (TROTSKY, 2007, p. 190).

A burocracia triunfante, por seu turno, amparada ela mesma na ficção do socialismo realizado, mas consciente de uma sobrevivência completamente dependente da manutenção de sua própria ditadura totalitária, não podia ver na liberdade cultural, científica e artística senão um questionamento de seu próprio poder. “A burocracia tem um medo supersticioso de tudo que não a serve e de tudo que não compreende”, escreverá Trotsky (Idem, *ibidem*). Em oposição ao encarceramento da arte a pretexto do socialismo realizado, Trotsky publicará em

Partisan Review seu artigo *A Arte e a Revolução*, datado de 17 de junho 1938. Neste artigo, o autor retoma o fio da meada das ideias contidas em *A Revolução Traída*:

(...) o homem expressa na arte a sua exigência da harmonia e da plenitude da existência (...) [do que] é justamente a sociedade de classe que o priva (...) a criação artística é sempre um ato de protesto contra a realidade (...) toda nova corrente em arte começa pela revolta (TROTSKY, 1985, p. 91).

Nosso autor retoma aqui o critério que cultivava desde as reflexões dos anos de 1920, a autenticidade e a sinceridade do artista consigo mesmo, o que determina que, toda nova tendência nasça sempre da impotência das antigas, já incapazes de se colocarem contra a ordem. Mas Trotsky também indica a tendência da sociedade de classes de assimilar e incorporar com o tempo a revolta na esfera artística, reprocessa-la e integrá-la ao cabedal de gêneros estéticos. O ciclo então se refaz, com o surgimento de uma nova ala esquerda da tendência assimilada pela sociedade.

Mais do que rascunhar uma teoria cíclica da sucessão das escolas estéticas, Trotsky quer, com esta afirmação, sublinhar que a liberdade de criação é insubstituível para que a arte autêntica subsista. Eis porque, uma vez adaptada à sociedade de classes uma escola, outra surja reivindicando-se da liberdade em face da hierarquia e da ordem social vigente.

Esta capacidade de conviver com as formas revoltosas da criação, necessária para assimilá-las num segun-

do momento, e mesmo a capacidade de tolerar a brotação de novas formas à esquerda, ou seja, de conceder certo grau de liberdade às artes e às letras, depende diretamente da potência econômica da sociedade capitalista (e, portanto, de sua margem de manobra). Quanto mais se acentua a decadência econômica da sociedade burguesa, tanto menos liberdade às artes se pode conceder e tanto mais utilitarista se torna o capital em face da criação espiritual. O conjunto das tendências inovadoras em arte no século XX ou foram empurradas para a marginalidade social ou assimiladas na qualidade de mercadoria imediata.

As escolas artísticas das últimas décadas, o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo, sucedem-se sem atingir seu pleno desenvolvimento (...) **A arte, elemento mais complexo, mais sensível e ao mesmo tempo mais vulnerável da cultura, é a primeira a sofrer pela decadência e degradação da sociedade burguesa** (Idem, p. 92, negritos nossos).

É no sentido de superar os estreitos limites da sociedade burguesa que Trotsky indicará que “a função da arte, em nossa época, define-se por sua relação com a revolução” (Idem, *ibidem*). Jamais no sentido de subordinar a criação ao controle programático das organizações revolucionárias. Do ponto de vista artístico, em sua visão, a tarefa da revolução proletária seria oferecer às artes e às letras o campo de liberdade que a lógica mercantil lhe nega. Ao assumir tal posição, o autor não se compromete com nenhuma relação idílica entre a arte e a revolução: como se observou acima, com efeito, Trotsky não está

alheio às contradições desta atitude com a centralização e planificação no campo da economia, nem às dificuldades teóricas e políticas que tais contradições acarretam.

Nesse ponto da reflexão, Trotsky repara no monstruoso paradoxo entre o estado da arte e da cultura na URSS e a promulgação da nova Constituição que decretava a realização do socialismo no país. A suposta supressão da contradição de classe acarretava, longe do que o raciocínio lógico indicaria, um reforço sem precedentes do Estado, em especial de seu aparelho coercitivo, um recrudescimento da vigilância sobre o pensamento e um estrito controle e utilitarismo político da produção artística, incluindo a adoção de um estilo oficial, o mal chamado realismo socialista.

Trotsky nota que, muito longe de instaurar “um regime anarquista de liberdade intelectual”, como escreveriam depois ele e André Breton, que libertasse as artes da prisão mercantil do capitalismo, a URSS vivia, ao contrário, um regime de controle totalitário da esfera espiritual e um intolerável processo de subserviência, à custa da verdade e da fidelidade do artista a si mesmo, aos ditames e necessidades propagandísticas da camarilha stalinista e de seus dignitários. Num breve repasse dos anos abertos pela Revolução de Outubro, o autor observará amargamente:

A Revolução de Outubro deu um impulso magnífico à arte em todos os seus domínios. A reação burocrática (...) sufocou a criação artística com sua mão totalitária. (TROTSKY, 1985, p. 92-93).

De novo ele volta ao critério fundamental, a saber, a ligação objetiva da arte com a revolução decorre de sua capacidade de ser fiel às suas próprias leis, de ser fiel a si mesma: “A arte é fundamentalmente emoção, exige sinceridade total. Mesmo a arte cortesã da monarquia absoluta fundamentava-se na idealização, não na falsificação” (Idem). O diagnóstico que Trotsky extrai da situação, partindo desta lente e fazendo analogia com a farsa encenada nos Processos de Moscou, é peremptório:

Ao passo que a arte oficial na União Soviética – e ali não existe outra – compartilha o destino da justiça totalitária, isto é, a mentira e a fraude. Ali, o objetivo da justiça, assim como da arte, é a exaltação do “chefe”, a fabricação artificial do mito heroico (Idem, *ibidem*).

Roche (1985, p. 18) resume assim a veredito de Trotsky sobre a situação naquele momento:

Trotsky constata que o comando da burocracia “se exerce do mesmo modo nos campos de concentração, na agronomia e na música”. O regime totalitário em que se transformou a URSS é igualmente funesto à literatura: a luta das tendências e das escolas que floresciam após a revolução deu lugar à interpretação dos chefes e dos burocratas. Todos os agrupamentos pertencem obrigatoriamente a uma organização única: “espécie de campo de concentração das letras” (as citações usadas por Roche são do artigo de Trotsky “La Bureaucratie et L’Art”).

3. Um exército de funcionários literários da burocracia

Como foi dito no início deste artigo, Trotsky apenas retomou o registro de suas reflexões acerca da arte e da literatura uns dez anos depois da primeira edição de *Literatura e Revolução*²⁹.

As novas reflexões críticas acerca do tema não foram ademais movidas por diletantismo. Trotsky, de um ponto de vista teórico, se interessava pela relação entre a produção artística, especialmente a literária, e os desenvolvimentos políticos dos turbulentos anos de 1930. Como assinalado acima, lhe interessava particularmente investigar como esta produção se relacionava com as marchas e contramarchas da revolução proletária e, ainda mais especificamente, como a degeneração burocrática da Internacional Comunista (III Internacional), do partido soviético e do Estado operário nascido da Revolução de Outubro.

Eram problemas novos, como novo era o problema da reação stalinista. A contradição entre a formação de uma camada burocrática nas entranhas do próprio partido revolucionário que expropria o poder político das massas e põe o Estado operário a serviço de seus próprios interesses como casta, ao tempo em que não pode liquidar as bases de classe desse mesmo Estado porque é dele que parasita seus privilégios (manutenção da economia nacionalizada e do monopólio do comércio exte-

²⁹ De fato, conforme algumas de suas obras, notadamente o *Diário do Exílio*, Trotsky nunca deixou de acompanhar a produção literária europeia e mesmo norte-americana, ainda que o registro sistemático de suas impressões seja rarefeito.

rior) engendrava paradoxos que exigiam uma elaboração teórica mais ou menos inédita. Com efeito, Trotsky se notabilizará pela elaboração, em relação com o enfrentamento de problemas políticos concretos, de uma teoria consistente da burocracia.

Neste bastidor, prenhe de dramaticidade tanto no plano soviético como no que se refere à política externa da burocracia do Kremlin, os problemas da arte e da literatura também ganham novo relevo. A primeira parte deste estudo, bem como os itens anteriores desta segunda parte visam a fornecer elementos para essa reflexão teórica.

Como afirmamos, estas questões teóricas logo ganhariam nas preocupações de Trotsky uma dimensão na luta política que opunha a Oposição de Esquerda Internacional (e, depois, a IV Internacional) às direções tradicionais do movimento operário.

A promulgação da Constituição Soviética de 1935, que estabelecia que o país atingira o socialismo, e os grandes expurgos que se seguiram, os infames Processos de Moscou, colocaram a questão da relação com os intelectuais como um problema político de primeira ordem, para quem, como Trotsky, procurava reunir uma opinião pública de esquerda que se opusesse às encenações judiciais conduzidas pelo procurador Vyshinski³⁰ e que levariam à execução de todos os remanescentes do Comitê Central bolchevique que dirigira o partido du-

30 Andréi Yanuárievich Vyshinski (1883-1954): menchevique até 1920, foi chefe de distrito de polícia em Moscou durante a Revolução de 1917, quando ordenou a prisão de Lênin em julho deste ano. Tendo aderido aos bolcheviques depois da revolução, foi beneficiário da ascensão de Stálin. Exerceu a função de Procurador do Estado nos Processos de Moscou, entre 1936 e 1938. Foi Ministro das Relações Exteriores e Embaixador soviético nas Nações Unidas.

rante os acontecimentos de 1917, exceção feitas ao próprio Stálin e a Trotsky, abatido em 1940, no México, numa operação de assassinato da GPU³¹.

A batalha política que resultaria no “contra-processo” levado a cabo no México, conhecido como Comissão Dewey, do nome de seu presidente, o filósofo e matemático estadunidense John Dewey³², conduziu a um exame por parte de Trotsky do curso dos intelectuais de esquerda dentro e fora da União Soviética.

Partindo da premissa já anunciada de que “a função da arte, em nossa época, define-se por sua relação com a revolução”, Trotsky resumirá no texto publicado na *Partisan Review*, numa forma esquemática, em que termos essa relação se desenvolvia naquele momento histórico:

Mas sob este aspecto [a de que a função da arte se revela na relação com a revolução], justamente a história armou aos artistas uma grande cilada. Toda uma geração de intelectuais “de esquerda”, no decurso dos 10 ou 15 últimos anos, voltou-se para o Leste, em graus diversos, ligou seu destino, se não ao proletariado revolucionário, pelo menos à revolução triunfante. *Mas não é a mesma coisa*. Na revolução triunfante há, não somente a revolução, mas também a nova camada privilegiada que subiu às suas custas. Na realidade, os intelectuais “de esquerda” mudaram de senhor. Ganharam muito com isso? (TROTSKY, 1985, p. 92, itálicos nossos).

31 GPU ou OGPU, polícia política, criada em 1922 e incorporada em 1934 à NKVD (depois, KGB).

32 A Comissão Dewey (“Comissão de Inquérito sobre as Acusações feitas contra Leon Trotsky nos Processos de Moscou”) foi uma iniciativa promovida pelo Comitê Americano pela Defesa de Leon Trotsky, frente às acusações formuladas contra ele e contra toda à equipe dirigente do Partido Bolchevique durante e nos anos seguintes à Revolução. Trotsky consta entre os condenados do processo levado a cabo em 1936.

A campanha levada a cabo pelas seções da Oposição de Esquerda Internacional pela constituição de Comitês pela Defesa de Trotsky esbarrou numa formidável estrutura de arregimentação de intelectuais pela diplomacia soviética, um verdadeiro exército de funcionários intelectuais a serviço da burocracia do Kremlin.

Este lado de funcionários a soldo do regime stalinista da parte dos intelectuais “de esquerda” vai deixar forte impressão em Trotsky, especialmente em relação àqueles em que via um talento genuíno. Vai ser o caso de André Malraux, autor do romance *A Condição Humana*, de 1933, que vai despertar fortes esperanças em Trotsky de que um poderoso talento estivesse nascendo em relação explícita com os acontecimentos revolucionários. Trotsky chegou a escrever aos editores Simon & Shuster, de Nova Iorque, sugerindo a publicação da obra em língua inglesa.

Malraux, de fato, tinha revelado uma natureza corajosa quando, no final dos anos de 1920, membro do PC Francês, tinha se oposto ao expurgo de Trotsky. Sobre o romance, Trotsky vai afirmar: “só um objetivo sobre-humano, pelo qual o homem está pronto a dar sua vida, dá sentido à existência pessoal. É essa a significação final do romance, que está livre de didatismo filosófico e permanece, do princípio ao fim, uma verdadeira obra de arte” (Apud Deutscher, 2006, p. 311).

Mas em 1935-36 a situação era diversa. A luta entre a camarilha stalinista e a oposição no interior do partido soviético e da Internacional já tinha se decidido em favor da primeira, o regime burocrático estava estabele-

cido e se alimentava do prestígio da Revolução de Outubro, o aparelho internacional do Kremlin contava com recursos inimagináveis frente aos frágeis grupos da oposição trotskista que ademais viram sua seção mais forte, com milhares de membros, a soviética, desbaratada com seus membros tendo sido fuzilados ou deportados para os campos de trabalho, quando não haviam capitulado. Malraux não teve dúvida em se juntar ao corpo de funcionários armados de pena recrutado por Stálin.

De fato, aos esforços dos trotskistas para organizar uma campanha em defesa de Trotsky, o Kremlin vai responder com um sem número de adesões a um manifesto assinado pelos mais prestigiados intelectuais “de esquerda”, aderindo ao boicote à Comissão de Inquérito presidida por Dewey, sob o pretexto de que a defesa de Trotsky “golpeava as forças do progresso”. Deutscher (2006, p. 312) chama atenção para o número dos que assinaram e que depois estiveram na linha de frente da cruzada anticomunista nos anos de 1940 e 1950 nos Estados Unidos e na Europa.

Outros tantos se recusaram a aderir à iniciativa da diplomacia soviética, sem, entretanto, atender ao chamado da Comissão de Inquérito de Dewey. Alguns alegaram a impertinência da iniciativa de Trotsky, que, segundo Bernard Shaw, por exemplo, esgrimia contra Stálin os mesmos inacreditáveis argumentos com que a Procuradoria do regime crivava Trotsky. Outros preferiram calar e argumentar com a própria obra a tese da impertinência, como foi o caso de Bertold Brecht em sua peça Galileu Galilei:



Foi através do prisma da experiência bolchevique que ele [Brecht] viu Galileu cair de joelhos ante a Inquisição, e agir assim segundo uma “necessidade histórica”, devido à imaturidade espiritual e política de seu povo. O Galileu de seu drama é Zinoviev ou Bukharin ou Rakovski vestido de roupas históricas. Ele se vê perseguido pelo martírio “inútil” de Giordano Bruno; esse exemplo terrível faz com que se renda à Inquisição, tal como o destino de Trotsky fez com que muitos comunistas se rendessem a Stalin (Idem, p. 420).

Mais graves eram as vozes que vinham de Moscou: “as vozes de Górkí, Sholokhov e Eherenburg se fizeram ouvir, unindo-se ao coro que enchia o ar com o grito Abatam os Cães Danados! ”, assina-la Deutscher (2006, p. 417). Autores promissores, como Alexis Tolstói, se dedicam a obras laudatórias dos dirigentes de turno, muitas absolutamente alheias à verdade histórica, enquanto a pintura regride a um figurativismo acadêmico, bastante inferior às experiências formais levadas a cabo na década anterior e distantes dos próprios experimentos realizados no Ocidente.

Mesmo o filósofo húngaro György Lukács, àquela altura vivendo na URSS, depois de ter sido eliminado da direção do PC da Hungria, gastará tinta para teorizar o “realismo socialista”. Em um ensaio intitulado *A Fisionomia Intelectual dos Personagens Artísticos*, onde pretende delinear os grandes traços da obra efetivamente realista, ao passo em que condena peremptoriamente a década de ebulição artística e literária que sucedeu à Revolução de Outubro como exemplos das influências

nefastas da arte burguesa decadente, encontrará no tema do Sthaknovismo a grande fonte de elementos para este realismo. A partir daí, a crítica e a teoria literária se convertem diretamente numa completa justificação do regime stalinista e inclusive de seu aparato policial.

A certa altura, Lukács toma como exemplo da cornucópia de temas humanos fornecida pela realidade soviética a peça *Os Aristocratas*, de Nikolay Pogodin. Nela procura mostrar como a o ambiente soviético é prenhe de ricas minas temáticas que Pogodin não soube explorar suficientemente. Vejamos:

O drama, como se sabe, está fundado na longuíssima discussão entre o chefe do Serviço de Segurança (GPU) e a ladra Sônia. Deste colóquio, Sônia sai completamente transformada. *Este é um dos traços grandiosos que distinguem nossa realidade soviética (...)* E isto porque, na realidade, tais colóquios têm efetivamente ocorrido e exercido uma ação transformadora sobre os homens, transformando-os em homens novos (LUKÁCS, 2010, p. 224, itálicos nossos).

A pretexto de criticar o autor por não dar lugar ao processo de transformação humana proporcionado por um edificante colóquio de uma ladra com um interrogador da temível GPU, passando diretamente a retratar seus resultados humanizadores, o crítico húngaro passa de contrabando (nem tanto) a defesa da repressão política como uma conquista do socialismo, de cujos interrogatórios saem os “homens novos”.

De fato, o reconhecido esteta do realismo lança mão de um exemplo pouco realista, posto que difícil-

mente homens vivos saiam dos interrogatórios da GPU, o que dizer de “homens novos”? Mas o que importa aqui é observar como a tendência à instrumentalização e à subserviência se imiscuía inclusive na crítica e na teoria literária, para além das obras artísticas em si.

4. Uma reação revolucionária se esboça

Tal era o clima intelectual dentro e fora da URSS em meados dos anos de 1930. Os problemas da arte e da literatura se recolocam, então, como um aspecto não desprezível do complexo programa revolucionário no quadro da degenerescência do Estado operário, de um lado, e da queda do sistema capitalista em suas formas bárbaras, o fascismo e o nazismo, de outro. O combate para recolocar, do ponto de vista da arte, o socialismo como condição para a liberdade artística ganhava um contorno dramático em face de sua instrumentalização pela casta burocrática que assaltara os soviets.

Contudo, uma reação minoritária se esboçou em meio à corrupção generalizada a que o stalinismo impôs à esfera intelectual. Como já assinalado, remetemos à terceira parte desta contribuição a análise da do agrupamento de artistas que Trotsky incentivou a partir de sua aproximação com Diego Rivera, André Breton e com o grupo surrealista, inclusive das formulações programáticas formalizadas no Manifesto por Uma Arte Independente Revolucionária, carta fundante da FIARI. Entretanto, é forçoso mencionar algumas posições que

sintetizavam a resistência que julgava necessária ao avassalador assédio da diplomacia soviética, e mesmo de política política (GPU), sobre os artistas que se colocavam na defesa da URSS.

Como vimos, “campo de concentração das letras” de que Trotsky fala, se referindo ao estado dos meios artísticos na URSS, se prolongava no Ocidente com um batalhão de escritores e artistas dedicados à apologia da burocracia de Moscou e de suas figuras dirigentes. Trotsky considerava uma parte necessária da luta pela regeneração do movimento operário, em face do stalinismo e da socialdemocracia, o resgate da posição marxista clássica acerca da produção artística, isto é, a retomada da luta por uma arte fiel a si mesma, como condição para se por como arte revolucionária.

Com efeito, no parágrafo 10 do Manifesto da FIARI, Trotsky e Breton (Apud ROCHE, 1985, p. 24) vão explicar esta posição nos seguintes termos:

(...) se para o desenvolvimento das forças produtivas materiais, cabe à revolução erigir um regime socialista de plano centralizado, para a criação intelectual ela deve, já desde o próprio começo, estabelecer um regime anarquista de liberdade intelectual (...)

Esta ideia se liga diretamente à compreensão, que em Trotsky é recorrente, de que é justamente o sistema capitalista que, no redemoinho da mercantilização de tudo, restringe a liberdade da arte, de tal modo que, para ele, toda arte autêntica procede de escolas rebel-

des, inclusive boêmias. A procura sincera do artista de se ligar à revolução exige, por conseguinte, sua fidelidade à liberdade espiritual, “fazendo passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta” (Idem, *ibidem*). Mais de 10 anos antes, em *Literatura e Revolução*, Trotsky se referia à presença da revolução na obra de arte como um “eixo invisível” em torno do qual a obra gira, fazendo-nos lembrar a famosa carta de Engels a Miss Harkness: “quanto mais as opiniões do autor ficarem escondidas, melhor para a obra de arte” (ENGELS, 2012, p. 68).

Trotsky, Breton e os demais signatários do Manifesto da FIARI defendiam assim que a revolução, longe de ser uma bandeira despregada na obra, deveria estar organicamente entranhada nela, não pela proclamação, mas pela permanente rebeldia do autor diante das condições de criação impostas pelo regime social e político. Tal estado de insurgência não poderia se expressar senão pela permanente busca pelo artista da liberdade diante destas mesmas condições.

Por fim, o cenário que justifica que Trotsky, no meio dos anos de 1930, buscando lidar com os fenômenos simultâneos e complementares da revolução e contrarrevolução (consolidação do regime stalinista na URSS, revolução espanhola, contrarrevolução nazifascista na Itália e na Alemanha), às vésperas das maiores derrotas da classe operária (a “meia-noite no século”, na inspirada assertiva de Victor Serge), tenha colocado no centro de seu combate a questão da arte, da ciência e da cultura pode talvez ser resumida em uma dramática afirmação sua:

Não se pode deixar de sentir uma repugnância física – é ao mesmo tempo cômico e terrível – à leitura dos poemas e novelas, à vista das fotos e dos quadros ou de esculturas nos quais funcionários armados com penas, pinceis e buris, sob a vigilância de outros funcionários armados com máusers, louvam chefes de “prestígio” e “geniais” que na verdade não têm a menor centelha de gênio ou grandeza. A arte da época stalinista permanecerá como a expressão mais crua da profunda decadência da revolução proletária (TROTSKY, 1985, p. 95).

Referências

- BERNARDINI, Aurora F.; ANDRADE, Homero F. Apresentação. In: BÁBEL, Isaac. **O Exército de Cavalaria**. São Paulo: Cosac Naify, 2015).
- DEUTSCHER, Isaac. **Trotsky, o profeta banido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ENGELS, Friedrich. Carta a Margaret Harkness. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, Arte e Literatura** (Textos Escolhidos). São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LUKÁCS, György. A Fisionomia Intelectual dos Personagens Artísticos. In: LUKÁCS, György. **Marxismo e Teoria da Literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- ROCHE, Gérard. Introdução: Breton, Trotsky e a FIARI. In: FACIOLI, Valentim. **Breton-Trotsky: por uma arte independente e revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- TROTSKY, Leon. A Arte e a Revolução. In: FACIOLI, Valentim. **Breton-Trotsky: por uma arte independente e revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. **Diário do Exílio**. São Paulo: Edições Populares, 1980.
- _____. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- _____. **A Revolução Traída**. São Paulo: Centauro Editora, 2007.
- _____. **Questões do Modo de Vida**. Lisboa: Antídoto, 1979.

A Revolução de Outubro de 1917 como luta de re-presentações: imaginário anticomunista em dois cartazes de propaganda do Exército Branco

*Raimundo Nonato Pereira Moreira*³³

A efervescência intelectual que costuma acompanhar as efemérides oferece aos historiadores (e às historiadoras) a oportunidade de revisitar temas clássicos, revisar interpretações consolidadas, recompor trajetórias de personagens e propor novas vias para o conhecimento histórico. Como sublinhou José Carlos Reis, os historiadores reescrevem continuamente a História, assim procedendo em razão de dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, pela própria especificidade do objeto do conhecimento histórico: as sociedades humanas no tempo. Assim, o sentido dos processos e eventos humanos não é reconhecível imediatamente e não permitem (por serem temporais) um conhecimento imediato, total, absoluto e definitivo. A história somente se torna visível e apreensível com a sucessão temporal, tornando, então, a reescrita contínua da História uma necessidade. Em segundo lugar, a História é reescrita porque o conhecimento histórico muda, acompanhando as mudanças do processo histórico. Novas fontes, novas técnicas, novos conceitos e teorias, novos pontos de vista levam à reava-

³³ Professor Pleno de História Contemporânea da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais (PPGHCPS).



liação do passado e das suas interpretações estabelecidas. O passado é repensado e ressignificado de forma renovada e fecunda. Finalmente, novos historiadores, ligados a novos sujeitos históricos, reinterpretam a história conforme as suas necessidades e a sua forma particular de relacionar o passado e o futuro³⁴.

Na perspectiva de complementar as primeiras reflexões, destaque-se, com Jacques Le Goff, que a Historiografia aparece como a sequência de novas leituras sobre o passado, plena em perdas e ressurreições, em falhas de memórias e revisões. Assim, a história da história não deve se preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas abarcar toda uma gama de fenômenos que constituem a cultura histórica, a mentalidade histórica de uma época. Portanto, o seu objetivo é bem mais este sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica e, nomeadamente, da sua forma de reagir perante o passado³⁵.

À luz das anotações iniciais, que ganharão maior clareza no decorrer da presente exposição, o autor do texto em tela pode justificar parcialmente a sua presença nesta coletânea e algumas das premissas que buscará desenvolver acerca do centenário da Revolução de Outubro de 1917. Muito longe de se tratar de mera discussão acadêmica, o tema em apreço é deveras sensível, considerando a natureza das controvérsias históricas, as mu-

34 REIS, José Carlos. Introdução. In: _____. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 7-8.

35 LE GOFF, Jacques. História. In: _____. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994. p. 48-49.

tações no estado da arte dos debates historiográficos, as batalhas de memória e a incontornável dimensão política que acompanha o objeto aqui focado. Não bastassem os óbices supracitados, a crise que esgarça a sociedade brasileira nos últimos anos adicionou novos elementos – há pouco tempo inimagináveis – ao problema. A existência de movimentos que ameaçam a liberdade de ensinar, aprender, pesquisar e divulgar as ciências, as artes e o pensamento e a hostilidade de tais organizações contra docentes de História (a exemplo do que ocorreu com a professora Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos, na UERJ, em 25 de outubro de 2017) obrigam os amantes de Clio a apresentarem as suas credenciais ao lidarem com temas controversos como Revolução Russa de 1917. De alguma forma, o melancólico cenário referido parece dar razão às observações de François Bédarida acerca das responsabilidades do historiador *expert*³⁶.

Assim, pode-se situar a incursão do autor nas searas tema em apreço, inicialmente, a partir dos 25 anos de docência da disciplina História Contemporânea (hoje, incluída na Área de Europa), no Curso de História do Campus II/Alagoinhas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ademais, desenvolve há 10 anos uma pesquisa acerca da trajetória política e da formação intelectual de Antônio Maciel Bonfim (1905-1947), codinome *Miranda*, militante revolucionário e secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB) entre os anos de 1934 e 1936. Concomitantemente, a pesquisa oportunizou a orienta-

36 BÉDARIDA, François. As responsabilidades do historiador expert. In: BOUTIER, Jean; JULLIA, Dominique (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998. p. 145-153.

ção de subprojetos de Iniciação Científica, Trabalhos de Conclusão de Curso e dissertações que abordaram o binômio comunismo/anticomunismo. Portanto, o expositor acredita ter algo relevante a comunicar acerca do tema tão candente e espera que seja relevante no contexto de uma publicação acadêmica estruturado a partir da premissa de incentivar os diálogos históricos e historiográficos.

A Revolução Russa de 25 outubro (7 de novembro, conforme o calendário gregoriano) de 1917 foi preconizada pelos bolcheviques e recebida por socialistas e trabalhadores ocidentais como o sinal da iminente revolução universal. Na perspectiva de investigar os mitos projetados pelo movimento revolucionário no Ocidente, Marc Ferro assinalou que, entre os anos de 1917 e 1920, a consumação da revolução, a promessa da sua expansão e a natureza da transformação radical suscitou entusiasmo. A política de terror do novo regime, considerada necessariamente transitória em um período de guerra civil, contou menos do que as suas realizações. As garantias sociais, a segurança do trabalho, a igualdade proclamada dos salários entre homens e mulheres, a escolarização generalizada, o laicismo, a integração das populações alógenas não russas, a emancipação da mulher e a liberalização da família constituíam medidas concretas esperadas no Ocidente, as quais tinham sido postas em prática pelos soviets, pelos bolcheviques. Os admiradores da Revolução afirmavam que a classe operária e as suas organizações haviam tomado o poder e, não obstante o círculo de ferro e fogo erguido pelos adversários (*brancos* e estrangeiros), o jovem Estado soviético triunfou. En-



fim, o comportamento da Revolução de Outubro testemunhava o caráter universal dessa realização, suscitando os fastos da predecessora francesa do século XVIII³⁷.

Na Rússia, ao tempo em que os exércitos *Vermelho e Branco* se enfrentavam em uma sangrenta guerra civil (1918-1921), revolucionários e contrarrevolucionários travavam outra luta: a do plano das *lutas de representação*³⁸. Os limites do presente trabalho impossibilitam uma análise minimamente satisfatória de alguns temas mobilizados pelos bolcheviques em defesa da Revolução, das suas conquistas e perspectivas ou sobre a natureza dos inimigos enfrentados. Como estratégia de exposição, o autor do trabalho em tela optou por buscar analisar dois pôsteres de propaganda anti-bolchevique, veiculados pelos *brancos*. A hipótese de trabalho que orientou a escolha é a de que as ferramentas teóricas e metodológicas da História Cultural e dos estudos acerca do imaginário político podem contribuir para a análise da Revolução Russa de 1917 e de alguns dos seus desdobramentos para o século XX³⁹.

37 FERRO, Marc. *O Ocidente diante da Revolução Soviética: a História e seus mitos*. São Paulo; Brasiliense, 1984. p. 37-38, 80.

38 Sobre as noções de *representação e lutas de representação*, ver: CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa; São Paulo: DIFEL; Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28; Id. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n° 11 (5), p. 173-191, 1991; GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: _____. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 85-103.

39 Sobre a noção de imaginário, ver: BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi* v. 5 (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332; GIRARDET, Raoul. Para uma introdução ao imaginário político. In: _____. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 9-24.

A primeira imagem, que pode ser traduzida como *Sacrifício para a Internacional* (c.1919), utilizada pelos brancos como peça de propaganda, não tem autor conhecido (o que é visível são as supostas iniciais do artista, M.V. ou V.M.) Na gravura, a *Mãe Rússia*, representada por uma mulher vestida de branco, desmaiada, atada e indefesa, jaz no “altar da Internacional”, aos pés de um ídolo com feições raivosas, cujos traços permitem identificar instantaneamente Karl Marx (1818-1883). No alto da charge, os caracteres cirílicos indicam os participantes do ritual. Presidindo a cerimônia, envolto em uma túnica vermelha, Lenin (1870-1924), ou seja, o sumo sacerdote da Internacional. Ao seu lado, com o avental de açougueiro (o detalhe é significativo!) e um punhal manchados de sangue, Trotski (1879-1940) prepara-se para imolar a vítima. Ao lado dos chefes, em estado de êxtase religioso, encontram-se, da esquerda para a direita, os bolcheviques Moisei Uritski (1873-1918), Iakov Sverdlov (1885-1919), Grigori Zinoviev (1883-1936), Lev Kamenev (1883-1936), e Karl Radek (1885-1939). Às costas do “pontífice”, está Anatoli Lunacharski (1875-1933), genuflexo e com as mãos juntas, em sinal de oração. No centro da imagem, ajoelhado e fitando a *Mãe Rússia*, outro bolchevique: Christian Rakovski (1873-1941). Ao seu lado, um indivíduo cuja fronte protuberante, o nariz adunco, a calvície, a barba e as tranças coincidem com as representações antisemitas do “judeu apátrida”. Ademais, o cartunista fez com que o participante do rito macabro carregasse uma bolsa na qual aparece pintado o numeral “30”. E tudo fica claro: trata-se

de uma alusão a Judas Iscariotes, o apóstolo que traiu e vendeu Jesus Cristo por 30 moedas de prata – um *tópos* da pretensa avareza judaica, extremamente operante no imaginário do antisemitismo. A segurança do ato parece estar entregue a três militares. À direita, rindo, um marinheiro revolucionário (quem sabe um tripulante do *Aurora* ou um efetivo da base do Kronstadt?), com traços fisionômicos eslavos e farto bigode, aparentando embriaguez, escora-se no monumento. À esquerda, dois soldados asiáticos (uma alusão à presença de não russos no Exército Vermelho) gargalham e um deles carrega uma sacola, insinuando os saques atribuídos pela propaganda *branca* aos bolcheviques. O toque final da obra de arte aparece no plano de fundo. Um homem, cuja postura recorda algumas das personagens mais marcantes do estilo expressionista alemão de cinema, assiste, impotente, ao sacrifício. As letras cirílicas identificam-no: trata-se de Alexander Kerenski (1881-1970), primeiro-ministro do governo provisório, constituído por mencheviques e socialistas-revolucionários, derrubado pela revolução bolchevique de outubro de 1917⁴⁰.

40 SACRIFICE to the International (c. 1919). Disponível em: <<http://m.vam.ac.uk/collections/item/O101949/sacrifice-to-the-international-poster-mv-or-vm/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.



Imagem 1: *Sacrifício para a Internacional* (c. 1919). Autor: MV ou VM.

O pôster em discussão condensa uma série de lugares-comuns atribuídos aos vencedores da Revolução Russa de 1917 por seus adversários e, posteriormente, apropriados pelo imaginário anticomunista: a violência contra as vítimas indefesas; o crime e traição (simbolizadas pelo punhal); o sacrifício da Pátria em proveito dos interesses estrangeiros; o fanatismo ideológico; e o desrespeito à propriedade privada, que desliza para o roubo puro e simples⁴¹.

Mas algo pode ser acrescentado: a associação estabelecida entre os bolcheviques e os judeus ou, ainda, entre anticomunismo e antisemitismo. Aqui, trata-se de

41 Acerca dos conceitos de anticomunismo e imaginário anticomunista, ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. p. xix-xxviii, 15-18, 47-49; RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundos, RS: UPF, 2003. p. 28-30.

colocar em discussão a análise de Marc Ferro acerca de um dos *tabus da História* no mundo soviético: a relevância do número de não russos e de judeus (embora agnósticos) no movimento revolucionário. Assim, conforme o historiador francês, um recenseamento, efetivado para a Enciclopédia Granat, entre os anos de 1920 e 1924, identificou que, dos 264 bolcheviques mais notórios, 119 eram alógenos e perto de um sexto deles provinha do gueto. Em que pese a constatação, quadros da estatura de Zinoviev, Radek, Kamenev e até o menchevique Julius Martov, (1873 -1923) não eram tidos como judeus. Quanto a Trotski, Kerenski (cuja a mãe era judia), em depoimento concedido a Ferro, contou que, na fuga do Palácio de Inverno, viu escrito, com carvão, sobre o muro em frente ao castelo, a curiosa frase: “Abaixo o judeu Kerenski, viva Trotski”. No que concerne a Lenin, um tabu reinava sobre as suas origens familiares, mas havia uma anedota, contada no fim da URSS: “Seus ancestrais? Alemães, judeus, tártaros...”. Ou seja, os inimigos da Rússia⁴².

Se a ascendência judaica de certos quadros revolucionários era problemática no mundo soviético, as representações veiculadas pelos *brancos*, anticomunistas e antisemitas insistiram, obsessivamente, nos elos que vinculavam o comunismo aos judeus. No pôster considerado, as alusões antisemitas não se circunscrevem à caricatura do homem que carrega o saco com 30 moedas de prata, representação clássica da usura. Assim, não foi

42 FERRO, Marc. Nas origens dos tabus. In: _____. *Os tabus da História*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 39-40.

por mero acaso a escolha de Trotski (nascido Lev Davidovich Bronstein) para imolar a *Mãe Rússia*. Na mesma perspectiva, é tentadora a hipótese de trabalho segundo a qual o avental de açougueiro, indumentária vestida pelo comissário da Guerra, remete-se não apenas às imputações de massacres cometidos contra o povo russo, assacadas pelos *brancos*, referindo-se, também, a uma profissão tradicionalmente reservada aos israelitas e considerada ilícita para os cristãos, durante a Idade Média, em razão do contato com o sangue⁴³. Na mesma charge, de pé, em transe, acompanhavam os movimentos de Trotski os bolcheviques Moisei Solomonovitch Uritski, Sverdlov (nascido Iankel Movchevitch Sverdlov), Zinoviev (Ovsei-Gershon Aronovich Radomyslsky), Kamevnev (Lev Borisovich Rosenfeld) e Radek (Karol Sobelsohn)⁴⁴. Os nomes próprios das personagens em apreço são por demais evidentes e a sua condição judaica era conhecida pela propaganda anti-bolchevique. Completando o painel, a raivosa divindade Karl Marx e o lívido Kerenski. A fantasmagórica e milenar crença na conspiração judaica contra a Cristandade, que então atingia a *Mãe Rússia*, ganhava um outro ingrediente: a cumplicidade dos bolcheviques.

43 Cf. LE GOFF, Jacques. Profissões lícitas e profissões ilícitas no Ocidente Medieval. In: _____. **Para um novo conceito de Idade Média:** Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1980. p. 85-99. O autor do presente trabalho agradece à Prof.ª. Me. Leticia Santos Silva (IFBA) pelas instigantes observações acerca do papel desempenhado pelo avental de açougueiro presente na caricatura de Trotski, na perspectiva de uma leitura das representações antisemitas da charge em debate. Contudo, salienta que a responsabilidade pelas conclusões (mesmo parciais) aqui publicadas é inteiramente sua.

44 Sobre os esboços biográficos das lideranças bolcheviques, ver DICIONÁRIO Político Marxist Internet Archives. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/index.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

A hostilidade aos judeus, instigada em maior ou menor grau pelo Estado e pela Igreja Ortodoxa, era uma das marcas da Rússia czarista. Os constantes *pogroms*, a exemplo da onda desencadeada entre os anos de 1881 e 1884, levaram à imigração de milhões de judeus russos para a Europa Ocidental ou para a América. Assim, em 1903, o jornal russo *Znamya (A Bandeira)* publicou, sob a forma seriada, trechos de um livro intitulado *Os Protocolos dos sábios de Sião*. Contudo, a versão que perdurou até os dias atuais (traduzida em dezenas de idiomas) foi divulgada como um apêndice à obra *Os Grandes e os Pequenos: a vinda do Anticristo e o domínio de Satã na Terra* (1905), do escritor e místico russo Sergei Nilus (1862-1929). Falsificação grosseira, *Os Protocolos* pretende ser um documento, ou, ainda, as atas de um congresso secreto de conspiradores judeus que planejaram uma infiltração em todos os níveis da sociedade – economia, Forças Armadas, imprensa, partidos políticos etc. A vitória dessa conspiração conduziria a uma monarquia judaica, que dominaria o mundo. A obra apócrifa se faz acompanhar de um *post-scriptum* do tradutor, explicando que o texto era a versão atualizada de um projeto conspiratório idealizado pelo rei Salomão e pelos sábios de Sião – pasmem! – em 929 a.C.

Nos anos seguintes à publicação de *Os Protocolos*, outras versões do opúsculo, em parte diferentes, apareceram nas terras do Império Russo. Contudo, a difusão mundial do texto se iniciou após a Revolução de Outubro de 1917, um acontecimento apresentado por uma parte da imprensa reacionária como resultado de uma

conspiração judaica. Em 1921, o jornalista irlandês Philip Graves (1876-1953) identificou *Protocolos dos sábios de Sião* como uma falsificação e evidente plágio de uma sátira política até então esquecida: *Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu* [*Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, 1868], do francês Maurice Joly (1829-1878). Ademais, outros estudos apontaram na obra lugares-comuns dos antissemitismos católico e antissocialista, difundidos pela imprensa de extrema-direita francesa nas últimas décadas do século XIX⁴⁵.

Considerando a circulação do panfleto na Rússia czarista, é plausível supor que o autor (ou os autores) do pôster conhecessem minimamente *Protocolos dos sábios de Sião*. De toda sorte, o público ao qual se destinava a propaganda *branca* (inclusive fora da Rússia) compartilhava um antissemitismo milenar, que se expressava através de uma série de temas: a persistente acusação do deicídio cometido pelos hebreus; a tese do complô judaico contra os cristãos; a avariza e a usura que caracterizariam os habitantes dos guetos; a suspeita de roubo de crianças pelos judeus; a imputação do infanticídio perpetrado em rituais israelitas; as denúncias de profanação das imagens sagradas e da hóstia pelos filhos de Abraão etc. *Mutatis mutandis*, o imaginário anticomunista (inclusive no Brasil) reiterou ou ressignificou as denúncias assacadas contra os judeus, aplicando-as aos herdeiros ou aos “companheiros de viagem” da Revolução. Mais uma vez, o antissemitis-

45 GINZBURG, Carlo. Representar o inimigo – Sobre a pré-história francesa dos Protocolos. In: _____. *O fio e os rastros*: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 189-209.

mo carregou água para o monjolo da Reação⁴⁶.

A segunda imagem a ser analisada intitula-se “Paz e Liberdade em Sovdepia” (c. 1919). Aqui, recorde-se que os *brancos* se referiam ao nascente Estado dos Sovietes de Trabalhadores e Camponeses a partir da expressão sarcástica “Sovdepia”. Na charge, Trotski aparece caricaturado como um grande demônio de pele rubra, com óculos dourados e uma estrela vermelha (desenhada como um pentagrama) no tórax. A personagem, esparramando-se arrogantemente sobre os muros do Kremlin, goteja sangue. Aos seus pés, aparecem, mais uma vez, soldados asiáticos, vestidos com uniformes azuis e amarelos, que, secundados por marinheiros louros, preparam-se para executar um prisioneiro, enquanto outros empilham uma montanha de crânios e ossos, representações das vítimas do bolchevismo. Na parede abaixo, um decreto (*Prikaz*) “assinado” pelo supremo comandante militar Lev Trotski parece oficializar o fuzilamento. Sobre as torres de “Sovdepia” tremulam dois estandartes: o da esquerda, traz a sigla da República Socialista Federativa Soviética da Rússia; já o da direita, contem abreviada a expressão “Governo dos operários e camponeses”. Detalhe significativo: na torre localizada na extrema esquerda da charge, um crucifixo aparece retorcido⁴⁷.

46 Sobre a associação entre antisemitismo e anticomunismo no Brasil, ver MOTTA, op. cit., p. 57-61.

47 PEACE and Freedom in Sovdepye (c.1919). Disponível em: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cf/WhiteArmyPropagandaPosterOfTrotsky.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

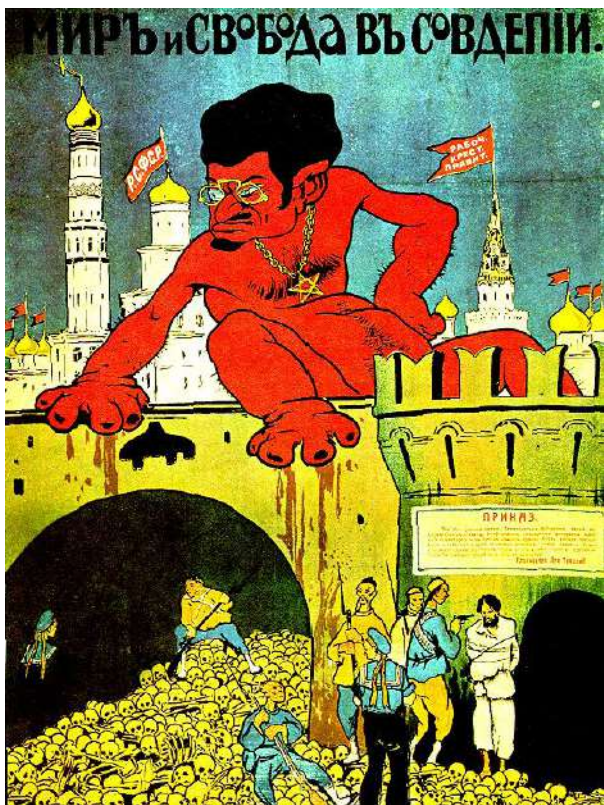


Imagem 2: Paz e Liberdade em Sovdepiá (c. 1919). Autor desconhecido.

Ao contrário do primeiro pôster, denso e simbolicamente rico, a representação veiculada em “Paz e Liberdade em Sovdepiá” se apresenta como muito simples para

o público ao qual se destinava: a demonização de Trotski expressa a equiparação do comunismo ao Mal absoluto. Sobre o ponto em análise, Rodrigo Patto Sá Motta assinalou que a associação entre o comunismo e o demônio foi um tema estruturante do imaginário anticomunista (especialmente no que concerne à matriz religiosa do fenômeno). Conforme os adversários do bolchevismo, as ideias defendidas pelos adeptos de Lenin opunham-se aos postulados centrais do Cristianismo: negavam a existência de Deus e professavam o materialismo ateu; propunham a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendiam substituir a moral cristã e destruir a família; advogavam a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem embasadas em Deus; e, no limite, levariam ao desaparecimento da Religião, um dos objetivos dos líderes revolucionários. Assim, o comunismo foi identificado por seus antagonistas como a imagem do Mal, causador do sofrimento, do pecado e da morte. Mais ainda: a ação dos comunistas traria diversas formas de sofrimento, como a fome, a miséria, a tortura e a escravidão. Conseqüentemente, a morte sempre acompanhava o rastro dos bolcheviques, a quem acusavam de assassinar em massa os seus oponentes e causar guerras sangrentas. Conforme os detratores, se os comunistas eram responsáveis por um cortejo tão grande de desgraças, por que não os relacionar ao “Príncipe das Trevas”, fonte suprema de todo o mal? À luz da interpretação aqui esboçada, “Sovdepiá” não passava de um Inferno Terrestre – o Inferno soviético⁴⁸.

48 MOTTA, op. cit., p. 18-21, 47-52, 69, 91-92.

Os evidentes limites do presente trabalho demandam uma conclusão provisória acerca das questões até então desenvolvidas. Assim, reitera-se que a Revolução de Outubro de 1917 foi um evento fundamental para a história do *breve século XX*⁴⁹. Por um lado, atraiu admiração, entusiasmo e adesão de milhões de homens e mulheres em todo o globo. Por outro, despertou também em milhões aversão, medo e oposição sistemática. No plano das ideias, um dos desdobramentos da Revolução Russa foi dar sentido ao imaginário anticomunista que caracterizou a *Era dos Extremos*. Em tese, o anticomunismo deveria ter sido sepultado pelo conjunto de fatos que marcaram o encerramento do século: a queda do Muro de Berlim, o fim dos regimes socialistas da Europa oriental e a extinção da União Soviética. Contudo, diria o poeta, “a vida é real e de viés”. E, eis que, no Brasil, ao longo dos últimos anos, nos mundos “real” e “virtual”, dissemina-se um virulento anticomunismo. Políticas públicas compensatórias são adjetivadas comunistas; a liberdade de cátedra (secularmente inscrita do ideário liberal) tronou-se sinônimo de “doutrinação comunista”; e, em nome da “ameaça comunista”, setores da opinião pública exigem uma “intervenção militar”, que liquidaria os fiapos do Estado democrático de Direito ainda existente. Ao que parece, o fantasma da Revolução de Outubro de 1917 ronda o Brasil ou, pelo menos, tem força suficiente para mobilizar as energias intelectuais dos seus antagonistas, em pleno século XXI.

49 HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

Oxalá os jovens historiadores e as jovens historiadoras que vivem nestes tempos sombrios possam compreender e dar sentido aos lúgubres fenômenos contemporâneos aludidos, ao tempo que revisitam temas clássicos (como a Revolução Russa), revisam interpretações consolidadas, recompõem trajetórias e propõem novas vias para o conhecimento histórico.

FONTES:

SACRIFICE to the International (c. 1919). Disponível em: <<http://m.vam.ac.uk/collections/item/O101949/sacrifice-to-the-international-poster-mv-or-vm/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PEACE and Freedom in Sovdepye (c.1919). Disponível em: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cf/WhiteArmyPropagandaPosterOfTrotsky.jpg>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

REFERÊNCIAS:

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). **Enciclopédia Einaudi** v. 5 (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BÉDARIDA, François. As responsabilidades do historiador *expert*. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998. p. 145-153.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand, 1990.

_____. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, n° 11 (5), p. 173-191, 1991.

DICIONÁRIO Político Marxist Internet Archives. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/index.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FERRO, Marc. **O Ocidente diante da Revolução Soviética**: a História e seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. **Os tabus da História**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GINZBURG, Carlo. GINZBURG, Carlo. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: _____. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 85-103.

_____. Representar o inimigo – Sobre a pré-história francesa dos *Protocolos*. In: _____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 189-209.

GIRARDET, Raoul. Para uma introdução ao imaginário político. In: _____. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 9-24.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. Profissões lícitas e profissões ilícitas no Ocidente Medieval. In: _____. **Para um novo conceito de Idade Média**: Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1980. p. 85-99.

_____. História. In: _____. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994. p. 11-165.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

REIS, José Carlos. Introdução. In: _____. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 7-20.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução Russa 1917-1921**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundos, RS: UPF, 2003.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Os protocolos dos sábios de Sião. In: _____. **Enciclopédia do Holocausto**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007058#>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Movimento sindical brasileiro e revolução russa: senso comum e verdade

Jersey oliveira de albuquerque⁵⁰

Nos parece que a interpretação da experiência revolucionária sofreu diversas inflexões ideológicas não só por parte de representantes da classe dominante, mas de inúmeros militantes de esquerda que a superestimaram e/ou dogmatizaram a figura dos trabalhadores russos, do partido bolchevique e de suas lideranças (SACHES, 2011)

Esta perspectiva foi usada para garantir, por exemplo, interesses do estado burocratizado soviético pós Segunda Guerra nos conflitos geopolíticos, reprimindo, inclusive, revoluções que muito se assemelhavam ao que os bolcheviques realizaram em 1917. Também foi utilizada em âmbito acadêmico para blindar a revolução de qualquer esforço crítico que permitisse realmente entender suas potencialidades e seus limites. Fazer a crítica ao senso comum e as posições ideológicas sobre a Revolução Russa torna-se central para fugir a essas armadilhas.

Inspirado por essas inquietações, desde 2011, o Núcleo de Estudos da Teoria Marxista, o NEMARX, realiza minicursos acadêmicos e para bases estudantis e operárias sobre a Revolução Russa. Foram realizados

⁵⁰ Jersey Oliveira é Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC. Estuda a área de sociologia urbana, educação popular e historiografia da revolução russa.

cinco cursos em locais diferentes: dois durante a disciplina de ciência política II no curso de sociologia da Universidade Estadual do Ceará, um curso junto ao movimento estudantil da referida instituição, um com trabalhadores de várias categorias e o último num seminário acadêmico sobre marxismo.

Percebemos que os participantes dos cursos apresentavam uma série de impressões comuns sobre a Revolução Russa que se repetiu em vários momentos da pesquisa. Porém segundo Gramsci (2002)⁵¹ a tendência de construção do senso comum é marcada por problemáticas:

Nota 1 – Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico do conformismo e do homem-massa do qual fazemos parte? **Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as históricas passadas, grosseiramente localistas e insti-**

51 Há muitas interpretações sobre o senso comum em Gramsci, nos baseamos na citação transcrita abaixo do caderno 11. De forma geral existe uma interpretação desse conceito ligado a “visão de mundo” onde o caráter de consciência comum grupal toma destaque. Uma outra interpretação, porém, além de afirmar isto, insiste que essa visão de mundo em sociedades de classes tende a ser fragmentária e bizarra e que é necessário um esforço para se romper com ela elevando-se ao pensamento mais avançado do período. Esse último ponto de vista do conceito nos pareceu, durante a pesquisa, mas condizente com as narrativas observadas pelos participantes dos cursos quando indagados sobre os eventos de 1917.

tuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torna-la unitária e coerente e eleva-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. (GRAMSCI, 2002, p. 253). Grifo nosso.

Em nossa experiência de pesquisa esse caráter bizarro se revelou quando percebemos a extrema falta de informações históricas, por parte dos participantes, sobre o evento da revolução acompanhada de absoluta certeza que a mesma “não funcionou” ou “não deu certo”. Isso nos levou a considerar que era preciso remontar com os participantes os processos por quais passou a Revolução Russa e seus impactos no Brasil.

Soma-se a essa dificuldade que a consciência social dominante de um período é o da classe dominante (MARX; ENGELS, 2012). Esta ordem tem se mostrado refratária à iniciativa, insistentemente desqualificando-a, taxando-a pejorativamente. Assim, boa parte do senso comum sobre a revolução é também marcada por esse ponto de vista dominante, que naturaliza uma visão de negatividade absoluta da experiência revolucionária.

Tal é a função da ideologia (MARX; ENGELS, 2012), que é uma relação social capitalista na forma de ideias. Suas características principais são: ocultar os fenômenos usando de meias verdades, universalizar pontos particulares da visão da classe dominante como se fossem de toda a sociedade, inverter a lógica da produção social humana, criando a figura de “grandes heróis” (ou vilões) negando o caráter social dessa produção:



As ideias dominantes em cada época são as ideias da classe dominante. As ideias da classe dominante nada mais são que a expressão ideal das relações sociais dominantes, as relações sociais dominantes concebidas como ideias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante, as ideias de sua dominação (MARX; ENGELS, 2012, p.48)

Atualmente o combate no Brasil contra essa ideologia da revolução encontra-se prejudicada pois, segundo Iasi (2013), somos herdeiros de um período de organização da classe trabalhadora, baseado em um projeto democrático popular⁵², que enfraqueceu a consciência de classe do proletariado. Este enfraquecimento não afetou apenas a capacidade de luta contra a burguesia brasileira, como também a memória dos grandes acontecimentos históricos que moldaram esta classe, a exemplo da Revolução Russa. Dela resultou um modo de lutar, baseado mais na representatividade, do que em formas diretas de enfrentamento e/ou tomada de poder. Mesmo agora, em que lutamos contra reformas que visam destruir o direito dos trabalhadores, discutir sobre os eventos de 1917, aparece para o senso comum como anacronismo, ideia absurda que “não tem e nunca teve a ver com o movimento sindical no Brasil”.

Nesse sentido o simples conhecer das lutas travadas em 1917 no Brasil parece ser um bom caminho para

52 Projeto hegemônico pelo PT e pela CUT a tática seria a construção de uma frente sindical contra a burguesia que pressionaria a ordem e outra frente baseada na disputa institucional por dentro da ordem através das eleições. Esta última acabou tomando todo o espaço de ação na estratégia (IASI, 2013).

colocar a prova essa interpretação vigente. Não apenas para comprovar a verdade ou não desta premissa, mas principalmente ver se ainda é possível tirar lições das lutas travadas em 1917 no Brasil. Inspiradas em grande parte no assalto dos bolcheviques ao poder, seu resgate pode contribuir para refletir sobre soluções para aparente deficiência das formas de reação da classe e a recente investida do capital.

O artigo segue a ordem das impressões sobre a Revolução Russa que apareceram durante o curso colocadas por seus participantes. Na primeira parte do trabalho nos debruçamos sobre 2 mitos: 1- “a revolução russa não deu certo” e 2- “Revolução Russa é stalinismo”. Já a terceira parte é voltada inteiramente para o mito de que “A revolução não teve influência no Brasil”, resgatando a experiência de 1917 no país e procurando as devidas lições. Com isso pretendemos, ao mesmo tempo que levantamos os fatos constitutivos do senso comum sobre o episódio, elucidar até que ponto são verdadeiros, ressaltando o contexto brasileiro em que são formadas essas impressões.

A revolução que “não deu certo”.

Em todos os cursos ministrados, quando perguntávamos o que os participantes achavam da Revolução Russa, a primeira impressão era: “ela não deu certo né?”, “uma revolução falha”, “infelizmente a ideia não deu certo”, “eles não souberam dividir os bens com o povo”, dentre outras aparentadas. Ressaltavam também nessas concepções que foi um problema de “más” ideias colo-



cadadas em prática, em detrimento de “boas” ideias que funcionariam.

Nesse senso comum detectamos a ausência de qualquer consideração das bases objetivas das mudanças revolucionárias que, em parte, escapam das escolhas racionais dos agentes envolvidos. No dizer de Marx:

Do que se trata é de uma sociedade comunista não como se desenvolveu sobre as bases que lhe são próprias, mas, pelo contrário, tal como acaba de sair da sociedade capitalista; uma sociedade que, por consequência, em todos os aspectos, econômico, moral, intelectual, apresenta ainda os estigmas da antiga sociedade que a engendrou (...). Mas esses defeitos são inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como acaba de sair da sociedade capitalista, após um longo e doloroso parto. O direito nunca pode ser mais elevado que o estado econômico da sociedade e o grau de civilização que lhe corresponde (MARX, 2012, p. 30-33)

Sem levar em conta essas heranças, tanto as objetivas quanto as subjetivas, fica impossível ter uma clareza do campo do possível e dos impasses que os trabalhadores russos e suas direções viveram. Nessa parte do curso revisitávamos com os participantes os principais problemas que os bolcheviques enfrentaram nos primeiros anos e pedíamos para que tentassem se colocar no lugar daqueles e dessem soluções para os problemas que iam aparecendo.

Este exercício ajudou a quebrar a visão idealista da revolução e a mostrar que esta é uma ação deveras difícil e complexa por que a reprodução da sociedade não



cessa, mesmo em meio a guerras. Em outras palavras, as pessoas continuam precisando de alimento, abrigo, água, etc. Vejamos quais foram os principais dilemas que deixaram dramática a garantia dessas necessidades na experiência soviética.

O primeiro impasse foi a própria revolução ter assumido um caráter socialista e não apenas democrático-burguês (SACHS⁵³, 2011). Os próprios bolcheviques até o início de 1917, não julgavam que aconteceria. Isso por que a Rússia era tida como um dos países mais atrasados em termos de capitalismo. Ela não conhecia a luta entre a cidade e o campo e o desenvolvimento de uma burguesia urbana independente dos interesses oligarcas. Havia vivido 4 séculos de dominação mongol que deixou marcas profundas no país.

Em síntese: maioria esmagadora de população no campo e um país de capitalismo atrasado com um desenvolvimento diferente da Europa Ocidental. Sobre o operariado russo: este era jovem, rebelde, altamente concentrado (40 mil em algumas fábricas, como a Putilov) e com capacidade de luta e sacrifício (SACHS, 2011). Não tinha, no entanto, experiência alguma de auto-gestão, não conhecia nenhuma das instituições democráticas que Engels (apud SACHS, 2011) afirmara serem as condições mais favoráveis para o amadurecimento da organiza-

53 Érico Sachs (1922- 1986). Judeu, nasceu em Viena e foi exilado ainda jovem para a URSS onde aprendeu sobre marxismo e se organizou nas oposições a Stalin. Devido a essas atividades foi exilado para Áustria, Bélgica, e em seguida para França onde teve contato com a Oposição ao Partido Comunista Alemão em Paris. Em 1939 é obrigado a fugir da perseguição aos judeus e se refugia no Brasil. Começa intenso trabalho como jornalista e funda nos anos 1960 a ORM POLOP (Política Operária), organização marxista que vai publicar diversos dos seus textos com o pseudônimo de Ernesto Martins(MEYER, 2010).

ção socialista. Desconheciam os sindicatos, por exemplo.

Assim, para os bolcheviques, a revolução russa apenas sobreviveria se os países de capitalismo avançado da Europa fizessem suas revoluções para compensar o atraso russo. E as greves que estouraram nesses países após 1917 (HOBSBAWM, 1997), algumas, inclusive, com caráter insurrecional, pareciam dar crédito a essa visão. Ao final de quatro anos de guerra civil e de tentativas de invasões por dezenas de exércitos financiados pelos aliados (EUA, Japão, dentre outros, chamados de exércitos brancos), tanto o país estava devastado economicamente como o ímpeto revolucionário havia deixado o continente europeu.

Nas palavras de Hobsbawm: “a revolução mundial, que justificou a decisão de Lenin de entregar a Rússia ao socialismo, não ocorreu, e com isso a Rússia soviética foi comprometida, por uma geração, com um isolamento empobrecido e atrasado. As opções para o seu desenvolvimento futuro estavam determinadas, ou pelo menos estreitamente circunscritas” (HOBSBAWM, 1997, pg. 71).

O autor completa:

Mesmo assim, a revolução sobreviveu. E o fez por três grandes razões: primeiro, possuía um instrumento de poder único, praticamente construtor de Estado, no centralizado e disciplinado Partido Comunista de 600 mil membros(...) Segundo, era, de forma evidente, o único governo capaz de manter a Rússia integral como Estado – e disposto a tanto -, desfrutando, portanto, de considerável apoio de patriotas russos à parte isso, com os oficiais sem os quais o novo Exército Vermelho não poderia ser construído(...) a opção

em 1917-1918 não era entre uma Rússia liberal democrática ou não liberal, mas entre a Rússia e a desintegração, que havia sido o destino de outros impérios arcaicos e derrotados, ou seja, a Áustria-Hungria e a Turquia. A terceira razão era que a revolução permitira ao campesinato tomar a terra (HOBSBAWM, 1997, p. 71).

Apontar, como o senso comum identifica, que a “revolução não deu certo” sem ter em mente essas condições iniciais, ou partindo do pressuposto que basta a “vontade individual” para que a história siga o curso desejado, só é possível apoiando-se em uma ocultação do processo revolucionário. Além disso, atualmente se esquece que não havia precedentes para guiar uma revolução como essa, pois nenhum Estado proletário havia durado tanto tempo. E mais, esperava-se, como ainda hoje, que os trabalhadores russos provassem o acerto da teoria clássica marxista sem as bases que esta teoria afirmava como garantia de uma transição socialista, no caso: um alto desenvolvimento das forças produtivas sociais.

Essas dificuldades prepararão o terreno para o crescimento das tensões dentro da direção soviética, a contradição entre operários e camponeses, o recuo da NEP⁵⁴, a consolidação da burocracia no país, a ascensão de Stalin e, posteriormente, do stalinismo.

54 Nova Política Econômica (NEP) política posta em prática pela URSS após 1921 até 1934, consistia na abertura de alguns setores da produção a iniciativa privada (REIS, 1999).



2- Revolução Russa e stalinismo são a “mesma coisa”.

Depois de relembradas a complexidade do processo revolucionário e os problemas pelos quais passou a revolução russa, discutíamos com os participantes os dilemas que os soviets e os comunistas tiveram que encarar para sobreviver após a guerra civil. Era comum o aparecimento das seguintes impressões nos participantes: “o stalinismo já deve ter começado ai então”, “tá vendendo, nessa situação eles tiveram que usar meios stalinistas para sobreviver” ou “o poder corrompe” e etc.

Essa visão parte do princípio da construção singular da história por indivíduos e não por uma coletividade social em luta. Enxerga o sujeito singular, mas não vê os grupos sociais, as classes em disputa que determinam suas ações e as consequências destas. Na verdade, o mistério sobre Stalin e o Stalinismo repousa na análise dos tensionamentos entre os diversos sujeitos da sociedade soviética, nas raízes da consolidação da burocracia (da qual Stalin foi mais produto que produtor) e dos conflitos internos do comitê central.

Começemos pela diferenciação entre Stalin e Stalinismo. Stalin foi um membro do partido bolchevique, um dos mais “russos” segundo Lenin (LENIN apud SACHS, 2011) devido sua origem camponesa pobre diferente da origem dos principais bolcheviques que vinham da *intelligentsia* russa. Stalinismo é fase da ditadura pessoal de Stalin, fase em que ele perseguiu os membros da direção soviética, reprimiu a organização espontânea dos trabalhadores russos e transformou o

partido em simples executor da vontade da burocracia. Este período começa apenas nos idos de 1934 e não pode ser estendido para o período anterior, o de consolidação da revolução. Como veremos, em todas as fases anteriores Stalin conseguiu aprovar suas medidas (uma parte delas necessárias a continuação do regime) com o apoio da maioria da direção do partido e seguindo os ritos democráticos internos. Abaixo expomos alguns episódios que explicam nossa posição.

2.1 – O conflito entre camponeses e operários.

Esta contradição teve início ao fim da guerra civil (1917-1921). Durante esta, houve coleta compulsória de grãos dos camponeses pelo governo. Estes aceitavam a requisição porque era a revolução que lhe assegurava a terra. Se derrotada os camponeses perderiam esse bem. Terminada a guerra civil, a situação havia de mudar. Acabara a necessidade de requisição forçada. De início o governo propôs a troca dos grãos por outras mercadorias. Porém, com a produção industrial equivalente a um quinto do que era antes da guerra, não havia como garantir esta troca.

O campo ameaçou cortar o suprimento das cidades e isso colocaria a revolução em risco. Lenin então propôs a NEP que consistia numa política para acalmar os camponeses, mas também significava retroceder em relação à planificação socialista reestabelecendo uma parte da política de mercado. Isso mesmo. Para salvar a



revolução isolada era preciso resgatar parte do mercado privado abolido nos primeiros anos.

Esses recuos necessários para que a revolução resistisse geravam novas contradições que acabaram por travar o retorno ao desenvolvimento socialista no campo e ainda afetava os operários da cidade. Vejamos as medidas que constituíam a NEP. A primeira delas era o fim das requisições forçadas no campo e sua troca por dinheiro. Para que isto ocorresse o Estado reprivatizou setores industriais que produziam os insumos que os camponeses precisavam. Mesmo que isso chegasse a representar apenas 20 % da indústria, (sendo o restante estatal, principalmente os setores primários e de energia) era essencial para o objetivo da NEP.

Em consequência dessas medidas mudou a estrutura de classes no campo. A distribuição de terra não tinha como ser igualitária, inevitavelmente alguns camponeses ficaram com terras melhores que outros. No início, os bolcheviques se apoiavam nos mujiques (camponeses pobres), porém o que estes produziam apenas servia para consumo familiar não sobrando para a troca com a cidade. Foram então obrigados a se apoiar nos agricultores médios e nos *Kulak's*, camponeses ricos que utilizavam força de trabalho assalariada. Por fim, para incentivar a produção, também foi permitido a eles arrendar as terras menos produtivas (SACHS, 2011).

Ao adotar tais medidas o Estado soviético se viu pressionado, não a superar, mas a reconstituir as bases econômicas pré-revolucionárias. No entanto, na penúria daquela república, qualquer benesse para uma classe ia



em detrimento da outra. Preços mais caros dos grãos que agradavam aos *Kulaks*, significava pão mais caro nas cidades e fome para os trabalhadores. Apesar de aceitarem a NEP, a maioria dos bolcheviques não tinha consciência ainda das contradições que ela criaria, sabiam que este era um recuo necessário, mas não sabiam quando nem como ela devia ser superada. As discussões e as medidas para garantir a NEP, vão dar origem às facções dentro do partido e a oposição entre Trotsky e Stalin.

2.2 – Duas facetas dos bolcheviques: Trotsky e Stalin

Trotsky foi uma grande dirigente bolchevique. Teve participação fundamental na montagem do exército vermelho, na tomada do palácio de inverno e na guerra civil. Porém, após a consolidação do poder e decepcionado com o fracasso da revolução na Alemanha em 1923, ao qual culpou a direção bolchevique, Trotsky assumiu posições idealistas na condução do governo. Estas acabaram o isolando dos trabalhadores russos e da direção do partido, fortalecendo indiretamente as posições do pragmático Stalin, que representou a outra face da forma soviética de resolver as dificuldades econômicas (SACHS, 2011).

Trotsky já havia demonstrado esses traços idealistas em pelo menos duas polêmicas com o resto da direção bolchevique e principalmente contra Lenin. Posteriormente Stalin resgatará as posições de Trotsky nesses conflitos e as colocara em prática. Uma dessas



polêmicas teve relação com a organização das fábricas pelos trabalhadores. Iniciada por Osinsky e Sapronov⁵⁵, constituiu-se num movimento contra a reestruturação das lideranças de um homem só nas fábricas que estava sendo colocada em prática pelo Estado (SACHS, 2011). Até então, as fábricas eram dirigidas por conselhos de operários, porém, devido ao atraso político da classe operária russa sua carência de técnicos e profissionais (muitos deles mortos durante a guerra civil), a produção das fábricas estancava. Kollontai⁵⁶ defendeu que fosse dada a direção para os sindicatos. Trotsky sugeriu o extremo oposto: a militarização do trabalho e a estatização dos sindicatos para a garantia da produção.

Lenin e o resto da direção foram contra aos dois extremos. Primeiro, por que os sindicatos eram novos e inexperientes. Segundo, por que a organização dos trabalhadores devia suplantar o Estado num período posterior e não era estatizando-os e militarizando-os que isso seria cultivado. A revolta dos marinheiros de Kronstadt⁵⁷ pôs por terra as ideias de Trotsky que foi derrotado mais uma vez.

Essas divergências foram resolvidas por meio de procedimentos da democracia interna do partido, sem criação de cisões sérias. Isso mudou após a morte de Le-

55 Membros da direção bolchevique.

56 Alexandra Mikháilovna (1872-1952). Filha de um general czarista tornou-se revolucionária. Obrigada a procurar segurança no exílio em 1908, regressou para participar na revolução bolchevique. Em 1920 foi nomeada comissária do povo da Previdência Social e, em anos posteriores, ministra e embaixadora na Noruega, no México e na Suécia (REED, 1967)

57 Revolta dos marinheiros em 1921 contra as péssimas condições de vida pós-guerra civil e contra o centralismo bolchevique nas decisões do governo. Estes tinham apoiado fortemente a revolução de 1917.

nin e com as disputas em torno da efetivação da NEP. Não se deve esquecer que quem assumiu no lugar de Lenin foi Stalin, que não foi indicação do antigo dirigente. Este tinha chamado Trotsky para substituí-lo e o mesmo recusou, talvez devido as derrotas que sofrera. Mais importante do que imaginar se o resultado mudaria com a direção de Trotsky é investigar qual foi o contexto em que Trotsky foi isolado e Stalin se consolidou com o apoio da maioria do partido.

O ano de 1927-1928 foi decisivo (HOBSBAWM, 1997; SACHS, 2011). Os camponeses ficaram muito fortalecidos com as concessões fornecidas pelo Estado e se negavam a seguir a tabela de preços definida pelo governo dos operários. Estes passavam fome nas cidades e se revoltavam com a direção do governo, estourando greves e motins. Trotsky montou uma oposição com uma minoria bolchevique apoiada por técnicos de media patente, herdeiros da *intelligentsia* russa. Em suas reivindicações estava o aumento dos salários operários, porém, ao preço que se fechasse as empresas menos rentáveis (SACHS, 2011). Mas qual empresa era rentável em meio à crise soviética? Os trabalhadores viram isso como ameaça a seus empregos e abandonaram Trotsky. Mas, o que indignou a direção bolchevique foi a forma como este dirigente conduziu a luta pela maioria dos votos dentro do partido:

A luta interna, desta vez, foi caracterizada por uma violência inédita. A oposição rompeu com as regras do jogo, procurando mobilizar o descontentamento latente das massas fora do Par-



tido. O que mais irritou os velhos bolcheviques foram os slogans oposicionistas que falavam de uma “aliança dos burocratas, homens da NEP e os Kulaks” para reestabelecer o capitalismo na União Soviética. Os velhos revolucionários (que estavam incluídos entre os “burocratas”), que haviam lutado pela revolução, que toleravam a NEP por motivos de força maior e que estavam procurando um caminho para superá-la, não perdoaram Trotsky nesses métodos de luta interna. Davam carta branca a Stalin para que aplicasse, por sua vez, medidas até então apenas usadas contra os inimigos de classe. Seria, todavia, totalmente irrealista querer explicar a derrota da oposição unida pelos métodos duvidosos do Secretário Geral. Este teve atrás de si a maioria do Partido e era justamente por esse fato que podia usar de métodos abertamente discriminatório e repressivos contra a oposição. E ele teve cuidado de lançar mão desses métodos apenas depois de a oposição ter ficado desmoralizada e isolada no seio do Partido (SACHS, 2011, p. 146- 147)

Assim, Stalin se colocou contra o exílio de Trotsky da URSS proposta pelo partido. Então usou da neutralização da oposição para se concentrar no problema que esta omitira em suas reivindicações: o de como resolver o impasse no campo. Momentos radicais exigem ações radicais. A NEP alcançara seu limite como política de transição e o aprofundamento das bases socialistas do regime necessitava do extermínio da propriedade privada no campo que chantageava as cidades com o alto preço dos alimentos. Stalin propôs a coletivização forçada, que foi aprovada pela maioria do comitê central.

Apenas Stalin assumiu os riscos da medida e foi o único que levou a herança da NEP até as últimas consequências. Em 4 anos todo o interior da Rússia vira a propriedade *Kulak* dar lugar a *colskoses* e *sovskoses* (fazendas estatais). Milhões de camponeses que resistiram foram mandados para a Sibéria. Outra medida não teria conseguido em tão pouco tempo resolver o problema nessa velocidade. O governo também não dispunha de recursos para convencer os camponeses antes do colapso. O círculo vicioso de dependência dos camponeses ricos apenas poderia ser quebrado por meios extra econômicos. Importante frisar que esta não tem que ser uma ação necessária em qualquer revolução, outras revoluções resolveram a questão de outra forma (HOBBSAWM, 1997), mas aqui trata-se das condições russas daquele período que não devem ser tomadas como regra dogmática.

Terminada essa fase, em meados de 1930, a produção industrial atingira o nível pré-guerra e 4 anos depois ela permitiu o aumento vertiginoso da indústria a partir dos planos quinquenais. As condições dos operários melhoraram e começaram a ser formados em grande escala técnicos em diversas áreas que deveriam ser o bastião da retomada socialista. Dez anos depois esse desenvolvimento permitiu vencer o imperialismo mais agressivo da Europa na Segunda Guerra: a Alemanha Nazista. A coletivização forçada, depois chamada de “acumulação socialista primitiva” e seu sucesso, acabaram com as oposições. Mesmo os aliados de Trotsky se colocaram a serviço de Stalin e o trotskismo virou apenas “bode expiatório” para as perseguições posteriores do stalinismo.



Entender essas figuras históricas e sua importância na conjuntura da época apenas pode completar-se relacionando com as tensões entre as classes sociais a época. Stalin e Trostsky, foram produtos das contradições russas, cada um ressaltando a polarização entre idealismo e pragmatismo. Os participantes dos cursos que ministramos ficavam atônitos com a quebra da dicotomia do senso comum entre essas duas personalidades marcada pela imagem de um Trotsky “injustiçado” e de um Stalin “assassino-ditador”. Também ficaram abalados ao conhecerem as sérias decisões de uma forma de economia não centralizada no lucro e suas consequências devastadoras para algumas classes.

2.3 - Os soviets, a burocracia e o Stalinismo

Durante o curso, quando perguntados sobre o que sabiam sobre os soviets as impressões dos participantes eram muito positivas. Os soviets apareciam como representantes da vontade dos trabalhadores que por causa do stalinismo haviam sido traídos. É comum nas análises do senso comum o trabalhador aparecer somente como sujeito passivo da história à mercê de lideranças carismáticas.

Parece não haver o questionamento contrário, a saber: que tipo de ser coletivo de classe na Rússia determinou o aparecimento de uma tutela estatal que se desenvolveu como stalinismo? Para explicitar essa questão, no curso expúnhamos sobre as bases em que se formou a burocracia soviética. Esta, em seu desenvolvimento,



substituiu a capacidade de direção do operariado russo. Além disso, apoiou Stalin que sem ela não teria alçado tanta influência no mando do Governo (SACHS, 2011). Para entender o surgimento da burocracia precisamos relembrar o papel dos próprios soviets.

Estes haviam se formado já em 1905, como resultado da primeira Revolução Russa⁵⁸, representavam a capacidade autônoma de organização dos trabalhadores que deveria substituir o Estado na sociedade dos produtores associados, posterior ao socialismo. Marx (2014) já havia apontado que era na sociedade capitalista que se desenvolviam as formas de organização dos trabalhadores que substituiriam o Estado como forma de dominação de uma classe sobre a outra.

Seria no organizar-se contra a ordem que os proletários criariam uma forma para além da ordem. O problema era que este preparo fora feito numa sociedade capitalista deveras atrasada até em relação às formas democráticas de luta. Somou-se a isso, intensos anos de guerra civil que vitimou os operários de consciência mais avançada forçando os que restaram a ocupar postos no governo, se afastando do cotidiano do local de trabalho.

Era de se esperar que os soviets, nessas circunstâncias, não conseguissem garantir a direção da produção de bens necessários à reprodução da vida soviética. Faltavam técnicos, profissionais, pedagogos, engenheiros e chefes militares. O protagonismo operário devia

58 Em 1905 uma passeata puxada pela igreja ortodoxa russa junto aos trabalhadores foi alvejada às portas do Palácio de Inverno. A revolta que se seguiu deu origem a primeira revolução russa que tomou o controle das cidades. O movimento, por seu caráter descentralizado e espontâneo, foi derrotado, porém, foi a base de criação dos soviets (REIS, 1999).

ser fomentado pelo Estado soviético (LENIN, 1983) que não dispunha de tempo para esperar o processo e tinha que garantir a revolução no presente. Nessa conjuntura, a utilização da burocracia (czarista) anterior a revolução não foi opção, mas necessidade.

A importância desta na guerra civil e nos anos posteriores era tão clara que até Trotsky defendia abertamente que ela devia ter privilégios, o que lhe custou a alcunha de “pai dos burocratas” feita por Stalin. Lenin colocava a questão em outro plano, dizia que o problema não era a burocracia, era saber, na verdade, quem controlava quem. Se os trabalhadores a controlavam ou se o contrário (LENIN apud SACHS, 2011). Isso complicava-se, pois, os novos burocratas oriundos do partido e dos soviets conviviam com os antigos burocratas e acabavam por aprender os vícios dos pares.

Para dirigir a burocracia, os trabalhadores deviam amadurecer, se formar, se capacitar, sair do perigo da fome e da miséria para poderem se concentrar em suas tarefas de auto-organização visando suplantam o Estado. Esse nível foi alcançado em meados de 1934 (SACHS, 2011). A URSS havia formado milhares de novos técnicos nas escolas, professores vermelhos, identificados com a revolução e oriundos da classe trabalhadora. O nível cultural aumentou, com a diminuição dos analfabetos e a popularização da arte. Era natural nessas condições que os trabalhadores russos exigissem a volta dos padrões de democracia operária dos primeiros anos de revolução. E nisso não havia hostilidade à pessoa de Stalin, pelo contrário, se acreditava que a direção do partido que foi



vitoriosa em melhorar a condição de vida do povo russo após tanto sofrimento encamparia também essa abertura nas decisões centralizadas do partido. Porém, chegada a hora, a burocracia soviética e Stalin não permitiram:

Não é raro na história do movimento operário (e na História em geral) que uma liderança criada em determinada época e sob determinadas condições de luta falhe e fique superada quando mudam as épocas e as condições. Raros, porém, são os casos em que tais lideranças tenham consciência das suas limitações(...) Tendo se tornado dirigente máximo do partido numa época crítica, e completada que estava a Revolução de Outubro com a socialização do campo e o início da economia planificada, não percebeu, ou não quis perceber, que sua ação na liderança do Partido e do Estado tinha gerado situações e condições novas, que requeriam novos métodos (...) A ditadura pessoal, por sua vez, tinha de marcar profundamente toda a estrutura da sociedade soviética. Apesar dos futuros progressos econômicos a superestrutura política e ideológica regrediu (SACHS, 2011, p. 159)

Apenas nesses termos que se pode falar em Stalinismo. O primeiro alvo foi o partido através de processos forjados que acusavam toda a velha guarda bolchevique de serem agentes a serviço da Alemanha ou Japão. O que importa aqui é a base para estas ações. Com certeza a marca pessoal de Stalin, avesso a teoria marxista e pragmático tiveram importância, porém só o fator pessoal não é suficiente. Lenin afirmara que a revolução russa deveria recorrer em última instância a métodos bárbaros

para superar a tradição bárbara do país (LENIN apud SACHS, 2011). O que era para ser exceção, acabou virando regra. Nos parece que as condições em que ocorreu a revolução, isolada de outros países, favoreceu a que métodos imediatistas ganhassem força e se tornassem determinantes no stalinismo.

Sem levar em conta essas condições torna-se fácil para o senso comum afirmar que toda a revolução russa é stalinismo. Com isso se apagam as fases por que passou a revolução, os dilemas e a reflexão necessária para se aventurar novamente no plano da tomada do poder. Esta é esquecida em meios a esses jargões universalizantes que descartam a ação revolucionária como saída atual e histórica para os problemas dos trabalhadores que não parecem tão distantes assim da Rússia de 1917.

3 - 1917 e o Brasil: greve geral e esquecimento.

Os participantes dos cursos quando indagados sobre as possíveis influências da revolução russa aqui no Brasil simplesmente não tinham o que dizer. Ao contrário das impressões anteriores onde tínhamos que desmontá-las através de dinâmicas e exposições, neste tema tínhamos que começar do zero. A nosso ver, esse “desconhecimento” por parte do senso comum dos participantes deriva do desconhecimento da história do movimento operário brasileiro.

Quando indagados especificamente sobre esse tema apareciam impressões, mas estas identificavam o movimento operário apenas com a luta sindical dos anos 1980. Outras impressões também foram comuns como: “o brasileiro não sabe lutar”, “temos uma tradição muito passiva por causa do nosso passado”, “é um povo frouxo” dentre outras aparentadas. Para contrapor essa visão explanávamos sobre o início da organização operária nos fins do sec. XIX até a grande greve geral de 1917. Seguiremos também esse caminho aqui.

Nesse sentido a revolução russa vai marcar três importantes influências no início da organização dos trabalhadores brasileiro: 1- a influências na greve de 1917 em São Paulo e a tentativa de criação de um “soviète do Rio, 2- a criação de inverdades por parte da imprensa da época tantos dos eventos de 1917 quanto das lutas que influenciou aqui e 3- a passagem da organização hegemônica dos trabalhadores da base anarquista para comunista. Daremos ênfase, por razões de espaço, a primeira influência.

3.1- Greve geral de 1917.

Em 1917 a guerra mundial começava e chegava no seu ponto crítico. Havia pelo mundo várias greves, exércitos amotinados, passeatas pela paz e etc. O Brasil sentia os efeitos da guerra em sua produção industrial (BANDEIRA, 1980). A maioria dos artigos manufaturados até a guerra vinham de fora tendo a indústria na-

cional participação de apenas 5% na produção nacional. Entre 1914-1919 a produção industrial dobrou e o proletariado brasileiro alcançou o considerável número de 200 mil trabalhadores. Os empresários de forma geral viveram uma época de bonança principalmente com os “negócios de guerra”: café, açúcar e algodão. Os compradores internacionais desses produtos investiam no país. Inglaterra, EUA, Itália ganhavam duas vezes utilizando a força de trabalho barata brasileira e comercializando os produtos extraídos aqui. Era o imperialismo do qual já falara Lenin (2012).

Já a classe trabalhadora brasileira passava por extremas condições de vida (BANDEIRA, 1980). Os artigos de sobrevivência eram muito caros perante os baixíssimos salários, uso intensivo da força de trabalho feminina e infantil com salários ainda menores. Os patrões às vezes seguravam o pagamento dos trabalhos, como na época em que se espalhou a gripe espanhola trazida pelos soldados brasileiros que lutaram na primeira guerra, afirmando terem tido prejuízo com a folga de empregados doentes. Além disso obrigavam os operários a comprarem em seus armazéns diminuindo ainda mais o poder de compra salarial. A jornada real em algumas fábricas chegava a 14 horas inclusive no sábado, somadas com o aumento constante do custo de vida, faziam a vida média do operário girar em torno de 25 anos.

1917 surpreendeu pela quantidade de revoltas operárias no Brasil a partir do anúncio da revolução russa e da piora das condições de trabalho e de vida. A classe trabalhadora brasileira já existia desde o início dos séc.

XVIII. Formada pelos primeiros assalariados em meio ao regime escravocrata: alfaiates, mestres, aprendizes, pescadores, tecelões, tipógrafos dentre outros. Receberam influência direta dos grandes acontecimentos da Europa, como o socialismo utópico, a criação da Internacional e da Comuna de Paris, tendo inclusive acolhido exilados dessa última. Já haviam participado de diversas revoltas contra a ordem como a Inconfidência Baiana (1790), a Revolução Praieira (1850), O motim contra o transporte de escravos no Ceará por pescadores, luta pela República, apenas para citar alguns.

Algumas categorias se organizavam em uniões e ligas já apontando o germe dos sindicatos. Uma das principais armas de mobilização delas eram os periódicos e centenas de pequenos jornais como: “O Socialista” (Salvador), “O Operário” (Fortaleza), “O Avanti” (São Paulo) e “O Nilista” (Rio de Janeiro) apenas para citar alguns. Informavam os trabalhadores e conclamavam para as primeiras grandes lutas políticas que giravam em torno do direito de protestar no 1º de Maio. Em 1905 realizaram uma campanha nacional de solidariedade aos trabalhadores russos massacrados pelo czarismo. Em 1906, já no II congresso Operário Brasileiro se criou a primeira Confederação Sindical Operária, o COB. No mesmo ano saiu a primeira lei que legalizava os Sindicatos, mas as organizações sindicais preferiram continuar na ilegalidade para fugir ao controle do Governo.

Em suma, a classe trabalhador brasileira foi beneficiada pela experiência já cultivada na Europa de organização que desembarcou aqui com os primeiros imi-

grantes operários e também com a política imperialista (LENIN, 2012) que abria as portas da revolução também pelo “elo mais fraco”, ou seja, em países dominados e atrasados como a Rússia ou o Brasil. Mas por que aqui as revoltas de 1917 não apontaram para a Revolução? Segundo alguns autores a resposta está na própria estratégia operária no período e nas organizações que tinham princípio anarquistas.

Estes foram a primeira liderança corajosa da classe brasileira (BANDEIRA, 1980). Foram torturados, enviados a “Sibéria brasileira” o Acre, enfrentaram as prisões e foram perseguidos. Sem os grandes organizadores do Anarco-sindicalismo e do Anarco-comunismo não teríamos tido as primeiras conquistas de direitos no País. Porém, a estratégia utilizada era extremamente voltada para os ganhos econômicos e a ação direta. A tomada de poder não estava a vista pois qualquer forma de tomada de poder que passasse pelo Estado, como fizeram os bolcheviques, estava fadado ao fracasso pois viam na opressão estatal a marca da escravidão humana. Assim:

[...]As massa estavam sob a liderança do Anarquistas que, embora heroicos e denodadamente combativos, não possuíam a organização necessária para destruir o regime latifundiário-burguês(...) As grandes greves e agitações de massa do período de 1917/1920 puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver todos os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica quando a situação objetiva do País(em conexão com a situação mundial criada pela guerra imperialista de 1914/1918 e

pela vitória da Revolução operária e camponesa na Rússia) abriu perspectivas favoráveis a radicais transformações na ordem política e social dominante(PEREIRA apud BANDEIRA, 1980, p. 51).

Essas condições objetivas de revoltas, greves e insurreições de 1917, independente das limitações do movimento da época prova que, diferente do pensa o senso comum, a classe brasileira não tem uma marca histórica natural de passividade ou amedrontamento. Apenas em São Paulo houveram nesse ano 14 greves, tendo uma abarcado todo o Estado e outra todo o país. Movimentos semelhantes acontecerem em Pernambuco, Mato Grosso, Bahia, Minas Gerais, Pará e no Rio de Janeiro. Neste último os trabalhadores tentaram junto com os marinheiros tomar o Governo (que há época funcionava no Rio de Janeiro) e conclamar o “Soviete do Rio”. A tentativa foi descoberta em cima da hora do ataque, porém várias fábricas aderiram ao chamado na hora combinada e pararam suas atividades. Isso deixou o Governo em pânico procurando uma forma de acalmar os subversivos (BANDEIRA, 1980)

Mas o movimento de maior proporção foi o de julho de 1917 em São Paulo. As fábricas e os estabelecimentos fecharam uma a uma. Em uma semana todo o estado estava parado, inclusive o transporte. Em alguns bairros a população demonstrava o apoio ao movimento construindo barricadas e as trabalhadoras do lar molhavam as ruas com sabão derretido para que os cavalos da polícia escorregassem. As autoridades, incapazes

de conter os motins apenas com a violência, cansaram e perderam a moral. O governo então fugiu da capital. Os trabalhadores assumiram e apenas permitiam que o leite e a carne chegassem aos hospitais. Depois que atracaram navios da marinha no porto de Santos recomeçou uma tentativa de retomar a cidade por parte das forças policiais. A revolta dos trabalhadores chegou ao ápice depois da morte do sapateiro Martinez numa batida policial. A massa grevista seguiu numa grande procissão até sua casa e após levar o caixão ao cemitério operou saques em diversos estabelecimentos. A massa faminta e desesperada, mulheres e crianças, forçou que os grandes empresários da cidade, a imprensa burguesa e governo se reunissem com uma representação de trabalhadores na sede do O Estado de São Paulo.

No acordo assinado entre as partes os patrões comprometeram-se a controlar os preços dos produtos de primeira necessidade, garantir o direito de reunião dos operários, garantir que nenhum líder fosse preso pela greve e a fazerem estudos sobre as demais reivindicações que incluíam maior cuidado com o trabalho infantil e feminino. Findada a greve o governo, apesar de um aumento salarial de 30%, não cumpriu nenhum dos outros acordos e ainda prendeu e deportou os principais dirigentes. A revolta acabara em meio a sangue a ao apelo de nacionalismo do governo motivado pelo ataque ao navio Paraná da Marinha pelos alemães no Oceano Atlântico. O movimento de greves pelo país ainda durou até dezembro e esmoreceu. Seria o fim do movimento?



Em 1919 os preços dos alimentos aumentaram mais uma vez anulando os ganhos salariais de 1917, além disso a revolução agora saía da Rússia e parecia se espalhar para outros países da Europa incentivando as organizações trabalhista no Brasil a se aproveitar do temor da classe dominante. O chamado veio dessa vez do Rio de Janeiro. Nas comemorações do primeiro de maio convocou uma greve geral que também foi seguida por São Paulo no mesmo dia. O Conselho Geral dos Operários, organização criada no lugar do COB, fechado durante as manifestações de 1917, apresentou as reivindicações para a saída da greve que agora já se espalhara também para Bahia e Pernambuco:

1-dia de oito horas de trabalho; 2- repouso semanal ininterrupto de 36 horas; 3- proibição do trabalho dos menores de 14 anos e do trabalho noturno das mulheres; 4- estabelecimento do salário mínimo, baseado sobre o custo atual dos víveres e pagamentos efetuados semanalmente; 5- igualdade do salário das mulheres e ao dos homens; 6 – completo respeito por parte dos poderes públicos às associações operárias e plena liberdade de pensamento; 7 – baixa efetiva e segura dos gêneros de primeira necessidade. Devendo organizar-se um conselho de alimentação fiscalizado pelas associações populares, aos quais deverão ser concedidos os direitos de requisição; 8- Confiar ao conselho de alimentação o encargo de impedir a falsificação dos gêneros de primeira necessidade; 9-redução imediata dos aluguéis. Deverá ser concedida moratória para os débitos atrasados, confinando ao conselho de alimentação e de aluguéis (BANDEIRA, 1980, p. 174)

As reivindicações foram respondidas em todos os estados onde haviam greve com repressão e prisões. Mesmo assim no estado de São Paulo a greve alcançou Campinas, Sorocaba, Riberão Preto, Jundiaí, Itu, Cruzeiro etc. O presidente do Estado foi então obrigado a libertar os grevistas presos além de firmar acordo com os patrões garantindo a jornada de 8 horas de trabalho em toda a região. Os trabalhadores de São Paulo foram então os primeiros a conseguirem essa conquista. Os outros movimentos grevistas viram a conquista dos paulistas como um sinal e intensificaram a greve. O Governo Geral do Brasil convocou uma comissão no congresso para promulgar as primeiras leis sociais do país aprovando a jornada de 8 horas para todo o território num documento conhecido com Código de Trabalho que garantia:

1° - direito de associação; 2° menores de 14 anos não serão admitidos em trabalhos na indústria e comércio; entre 14 e 18 somente trabalhos leves sem prejuízo para a educação profissional em geral; 4° - repouso hebdomadário; 5° - oito horas de trabalho por dia ou 48 horas semana; 6° - estrangeiros legalmente admitidos terão direito ao mesmo tratamento dos nacionais; 7° - todos os Estados organizarão serviços de inspeção do trabalho, o qual deverá compreender também as mulheres (PESSOA apud BANDEIRA, 1980, p. 175)

O governo também seguiu nesse caso orientação das potências vencedoras da primeira guerra que perceberam que para evitar o espalhar da revolução teriam que aprovar reivindicações dos trabalhadores nas nações



aliadas. Obviamente parte da burguesia brasileira relutou em aceitar os termos e os trabalhadores tiveram que continuar em luta nas décadas seguintes para garantir a efetivação das conquistas, mas é inegável que foi a fusão das reivindicações do proletariado brasileiro junto à conjuntura provocada pela Revolução Russa que permitiu um novo patamar na luta.

Esta ligação do movimento operário brasileiro com os acontecimentos de 1917 na Rússia nos parece deveras importante e é agravante seu desaparecimento no senso comum que identificamos nos participantes que passaram pelos cursos que ofertamos. Muito ajudou nessa ocultação a própria imprensa da época que deturpou tanto as notícias vindas da Rússia como a das mobilizações aqui no Brasil. Hoje nos parece que esse esquecimento foi agravado pela despolitização da classe trabalhadora nas últimas décadas. Reafirmamos que isso não é por acaso e responde a uma construção ideológica das classes dominantes que desde 1917 percebe o perigo que é o conhecer da classe trabalhadora de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Vimos, a partir de inquietações surgidas em curso ofertados sobre a História da Revolução Russa, mitos que envolvem esse acontecimento, as prováveis causas pra o surgimento desses mitos e o esquecimento da relação entre Revolução Russa e movimento operário brasi-



leiro. Feito esse trabalho de tentativa de negação desses mitos nos resta tirar possíveis lições desse processo.

Primeiramente nos parece que a revolução ainda continua uma questão atual para que os trabalhadores do país se libertem de sua condição de vida penosa. Temos um capitalismo altamente desenvolvido em nosso país com uma burguesia que inclusive toma uma faceta imperialista em outros locais (Paraguai, Bolívia, Haiti, etc.) com uma classe trabalhadora imensa que assiste suas condições de vida se deteriorar. Nas suas crises a burguesia brasileira aproveita para retirar direitos conquistados com muito esforço, o corte de direitos sociais e o aumento de financiamento público para seus interesses privados.

Nesse sentido o lembrar da estratégia revolucionária pode poupar a organização dos trabalhadores de nutrir esperanças com a gerência do Estado como opção para resolver os problemas. O ciclo de luta capitaneado pelo PT/CUT mostrou a falha dessa iniciativa, principalmente por que desarmou os trabalhadores brasileiros de sua autonomia histórica, transformando-os em um exército de eleitores, indefesos para o momento em que vivemos de avanço dos ataques à classe. Achamos que na origem dessa estratégia que nortearam os trabalhadores está uma negação da saída revolucionária devido ao que se pensa que aconteceu com o chamado “socialismo real”.

Acreditamos que nenhuma nova revolução está fadada a viver as mesmas deformações da Revolução Russa. No Brasil por exemplo, as condições econômicas seriam muita mais favoráveis que na república dos sovie-

tes. Por exemplo, a maior parte da população está nas cidades e a questão da terra não teria o peso dramático que teve para os bolcheviques. Também não devemos transpor os modelos mecanicamente de revoluções anteriores para o nosso caso. Como Lenin (LENIN apud SACHS, 2011) afirmou a Revolução Russa é *russa*. Isso significa que só as contradições concretas do país em que ocorre uma revolução vão poder guiar os trabalhadores no que tange a estratégia mais acertada. Fato é que com a Revolução Russa, a iniciativa revolucionária sai do mundo dos sonhos e assume a facete de uma possibilidade histórica concreta com todas as complicações resultantes.

Sobre as condições para uma revolução brasileira, estas deverão ser trabalhadas em outro artigo. Por hora afirmamos que sem o conhecimento da história da construção dos mitos sobre a luta dos trabalhadores no mundo e no nosso país será deveras difícil resistir ao ponto de vista dominante ao qual a história já teve fim e que esse fim é o capitalismo. Também nos tornaremos alvos fáceis para as tentativas de conciliação com os patrões e os acordos por dentro da ordem que tanto nos prejudicaram nos últimos tempos e nos tiraram o conhecimento do nosso potencial de mudar a história. Não nas condições que escolhemos, mas naqueles herdados do passado.



REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, M. **O ano vermelho**. São Paulo: Edições Brasiliense, 1980.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vols. 1 a 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1929-35] 2002.
- FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- HOBSBAWM, E. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- IASI, M. **Senso Comum e Conservadorismo: o PT entre o senso comum e a desconstrução da consciência**. Rio de Janeiro, 25 de abril de 2013. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2013/04/25/senso-comum-e-conservadorismo-o-pt-e-a-desconstrucao-da-consciencia/>>. Acesso em: 30 jan. 2017
- LENIN, V. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Editora Hucitec. 1983.
- LENIN, V. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.
- LOUREIRO, I. **A revolução alemã (1918-1923)**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- MARX, K. **Contribuição a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Editora Abril, 1982
- MARX, K. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-46)**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MEYER, V. *Ernesto Martins, Érico Csaszkes Sachs*. In: **Polop: uma trajetória de luta pela organização independente da classe operária no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2010.
- REED, J. **Dez dias que abalaram o mundo**. Lisboa: Edições Avante, 1967.
- REIS FILHO, D. A. **A Revolução Russa 1917-1921**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- SACHS, E. **Qual a herança da Revolução Russa. Conquistas e Impasses do Socialismo**. Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 1, 2011.

Ecoss de outubro. Notas sobre a influencia da Revolução Russa nos Estados Unidos (1917-1935).

*William J. Mello*⁵⁹

*Altemar da Costa Muniz*⁶⁰

INTRODUÇÃO

Indubitavelmente a Revolução Russa teve um impacto longo e duradouro em todo o mundo. No início do século XX, seu significado nos Estados Unidos era similar e se expandia de forma mais influente do que muitos reconheceriam prontamente. Desde o início, a política externa norte-americana lhe foi hostil e constantemente buscou sua derrota, mas ganhou proeminência nos anos seguintes, influenciando até mesmo a sociedade americana de maneira importante, desde o modelo de organização do movimento operário moderno, até as respostas às políticas liberais de esquerda durante a Grande Depressão de 1929. A Revolução foi certamente muito mais expressiva do que pode ser articulado em poucas páginas.

59 Professor Associado de História e Política no Departamento de Estudos do Trabalho da Universidade de Indiana. Membro do corpo docente afiliado do Centro para o Estudo da América Latina e do Caribe (CLACS) - Universidade de Indiana - Bloomington. Faculdade Afiliada do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

60 Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará (UECE) na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) e do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS-UECE).

Explorar o legado da Revolução Russa é essencial para entender o surgimento, a formação e a história do movimento sindical operário moderno em todos os continentes. É também axiomático para qualquer discussão sobre o surgimento da esquerda como uma força política, bem como as alternativas concorrentes ao capitalismo, gerando discussões teóricas mais profundas que acen- tuaram a organização da classe trabalhadora no início do século XX. Qualquer um e todos esses diálogos são importantes. A Revolução, no entanto, não pode ser entendida fora do contexto histórico em que ocorreu, sob pena de se ofuscar sua ampla influencia na formação da sociedade americana no século XX.

O debate histórico sobre a ascensão da revolução bolchevique normalmente é dividido em linhas distintas de investigação. Uma tendência é discuti-la como pano de fundo para a batalha de ideias sobre a validade e as possibilidades do socialismo a partir de conceitos teóri- cos e ideológicos concorrentes. Esta linha de investiga- ção tende a explorar a Revolução em parâmetros temá- ticos, como raça, gênero, etnia e classe. Uma segunda é examiná-la no contexto histórico do início do século XX, com suas implicações para o desenvolvimento da história da classe trabalhadora e do trabalho, o socialismo e a ascensão do movimento comunista internacional. Esses estudos normalmente concluem afirmando a importân- cia global das revoluções, mas raramente vão além dos pronunciamentos gerais de seu significado. Na melhor das hipóteses, estabelecem as bases para a compreensão do movimento comunista internacional, da Guerra Fria

e do surgimento de movimentos de libertação nacional na parte posterior do século. É importante lembrar que a Revolução Russa foi a primeira desse tipo e, como tal, alvo de interpretações e concepções errôneas dos primeiros defensores do proletariado que procuraram compreender suas profundas implicações políticas. Nesse sentido, o objetivo deste estudo não é recriar antigos e contínuos debates teóricos entre esquerda e progressistas, mas reconhecer as muitas maneiras pelas quais a Revolução ajudou a inspirar transformações políticas nos Estados Unidos. Não podemos entender sua influência fora do contexto histórico de ambos os países durante as primeiras décadas do século XX e certamente há muito mais neste debate do que pode ser veiculado em um único artigo. Espero que este texto possa fornecer uma visão geral de como a Rússia revolucionária influenciou aspectos importantes do desenvolvimento sócio-político e econômico dos Estados Unidos, acrescentando textura a um debate em andamento e que ressalta as lutas renovadas da classe trabalhadora contemporânea.

RÚSSIA E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Antes de outubro de 1917, a Rússia havia sido palco de uma série de revoltas e rebeliões fracassadas. Era uma economia essencialmente agrária com uma grande população camponesa. Segundo relatos era provavelmente o último lugar em que os proponentes do socialismo acreditariam ser possível uma revolução socialista bem-suce-



dida. Na época, a população era de aproximadamente 130 milhões, dos quais aproximadamente 80% eram camponeses. Antes da Revolução era uma nação empobrecida, controlada por um impiedoso regime czarista tirânico. O historiador do trabalho Phillip Foner argumentou:

Ao contrário das opiniões de Marx e Engels e do próprio Lênin, era a visão mais ou menos comum entre os socialistas americanos de que a Rússia não estava pronta para o socialismo e que antes que a classe trabalhadora pudesse assumir o governo, o país teria que seguir primeiro por um estado de capitalismo plenamente desenvolvido (1967, p. 13).

O entusiasmo revolucionário, no entanto, que se congelara no verão de 1917, provou que os trabalhadores russos não eram os “camponeses ignorantes” que muitos na época eram levados a acreditar. Como John Reed apontou:

Em 1917 haviam mais de 12 milhões de membros nas Sociedades Cooperativas de Consumidores Russos; e os *Soviets* são uma demonstração maravilhosa de seu gênio organizador. Além disso, provavelmente não há pessoas no mundo tão bem educadas na teoria socialista e sua aplicação prática. (1919, 1967, p. Xxxvi).

Deste modo, o fundamento organizacional para a Revolução desenvolveu-se bem antes de outubro de 1917 e atraiu uma classe trabalhadora altamente organizada e educada pela disseminação expansiva de idéias socialistas e uma pletera de organizações de classe, como *Soviets*, Conselhos Operários, Socialistas Revolucionários e o Partido Operário Social-Democrata da Rússia (que



em 1903 se dividiu em bolcheviques e mencheviques) entre outras organizações. A demanda que mobilizou milhões de trabalhadores russos foi Pão, Paz e Liberdade. Não foi uma demanda vaga pelo socialismo, mas sim o reconhecimento de que essa demanda fundamental não poderia ser alcançada sem o socialismo.

Em 1916, a sociedade russa foi marcada pela fome crescente, uma economia em declínio e uma repressão política expansiva, com milhares de exilados ou presos e crescente violência contra movimentos populares. Adicionado a isso houve o alto custo e as pressões da participação desastrosa da Rússia na Primeira Guerra Mundial. A crescente crise política proporcionou os meios para um movimento massivo de greve que se originou em Petrogrado em fevereiro de 1917 e se espalhou rapidamente pela Rússia, levando à queda do czarismo. O regime czarista repressivo foi inicialmente substituído por um governo provisório liderado pelo nobre príncipe George Lvov, e alguns meses depois daquele ano por um segundo governo provisório liderado por Alexander Kerensky. Para a maioria dos Estados Unidos, o fim do czarismo e a transferência de poder para as mãos dos liberais com aspirações políticas modeladas pelas democracias ocidentais foi motivo de comemoração. A ascensão dos regimes provisórios não pôde, no entanto, responder à profunda crise social, política e econômica. A decadência da legitimidade dos regimes provisórios e seu contínuo apoio à participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial ajudaram a criar o vácuo político que foi rapidamente preenchido pelos bolcheviques e pelas organizações populares russas.



Como Foner argumentou:

Era ingênuo imaginar que a Rússia, em meio a uma guerra brutal surgida de séculos de autocracia, com seu povo ansiando pela paz, com um campesinato faminto de terras, com uma classe trabalhadora militante e consciente, estaria satisfeita com um república liberal, especialmente quando cedeu à pressão aliada e prometeu continuar com a odiada guerra. (1967, p. 16)

Nesse sentido, a Revolução de Outubro foi tanto o resultado da incapacidade da democracia liberal de resolver a terrível situação enfrentada pelo povo russo, quanto os altos níveis de organização e educação socialista dos trabalhadores. O colapso do segundo governo provisório, a falta de um fim claro para a Primeira Guerra Mundial, a expansão da mobilização da classe trabalhadora lançaram as bases para imagens vistas em todo o mundo. Trabalhadores armados, camponeses e soldados invadiram os centros de poder, tomando o controle do aparato estatal. Durante a revolução muito poucas mortes foram relatadas. A maioria das fatalidades foi o resultado da violência perpetrada pelos contrarrevolucionários contra o governo recém-formado durante uma sangrenta guerra civil que foi reforçada pelas agressões das democracias ocidentais. A Revolução de Outubro substituiu os centros de poder dominados pela elite por organizações populares, como Comitês de Trabalhadores, Sindicatos e Soviets, todos criados bem antes da própria Revolução. O retrato emblemático dos trabalhadores rebeldes de Petrogrado, “invadindo o Palácio de Inverno”, simboliza

o que ocorreu em grande parte da Rússia. Pela primeira vez na história, os problemas do socialismo passaram dos domínios do discurso utópico para uma luta real pela sociedade igualitária.



Imagem 1 – Cartaz bolchevique que circulou durante a Guerra Civil na Rússia. Biblioteca Pública de Nova York.

Sem surpresa a Revolução encontrou forte resistência entre os que apoiaram a autocracia russa. Forças políticas liberais russas, assim como muitos líderes políticos nos Estados Unidos, viam os bolcheviques chegarem ao poder devido a excessos do processo revolucionário. Nos anos imediatamente posteriores à Revolução os trabalhadores russos e os bolcheviques enfrentaram uma guerra civil, períodos de fome generalizada, bem como sabotagem econômica e invasões por democracias ocidentais. Tentativas repetidas de derrotar a Revolução emergente tornaram-se desafios diários para a organização incipiente do Estado revolucionário e a consciência dos trabalhadores russos. Inicialmente a abdicação do Czar e os governos provisórios que sucederam a autocracia foram recebidos com entusiasmo nos Estados Unidos, como proclamava uma manchete do *New Republic* ao anunciar o fim do regime tirânico: “O governo mais corrupto do mundo moderno é por perecer” (Foner, 1967, p.15). Posteriormente a ascensão dos bolcheviques desencadeou a ira do governo dos EUA em relação à Rússia e forneceu um ponto de convergência para que outras nações europeias apoiassem os contrarrevolucionários.



Imagem II – Celebração do Primeiro de Maio em Petrogrado 1923. Biblioteca Pública de Nova York.



Imagem III – Sessão do Soviete de Petrogrado, 1923. Biblioteca Pública de Nova York.

Apesar da oposição e hostilidade do governo em relação aos bolcheviques, a revolução levou muitos dos Estados Unidos a repensarem o papel do Estado na sociedade e informaram movimentos que procuravam compensar os efeitos devastadores do desenvolvimento capitalista expansivo, impulsionado pelo desenvolvimento político-econômico do *laissez-faire*. O fim da Guerra Civil (1861-1865) nos Estados Unidos deu início a uma nova fase de desenvolvimento socioeconômico e político conhecido como “Era Dourada”, termo cunhado por Mark Twain. Como resultado, os EUA experimentaram um crescimento industrial maciço, impulsionado pela monopolização da indústria básica, que sustentou a expansão dos interesses econômicos dos EUA, tanto no país quanto no exterior. Foi também um período de pobreza generalizada e imigração maciça na Europa, incluindo desde a Rússia até grandes centros urbanos em todo o país. Como o American Social History Project analisou:

Ao longo da década de 1920. Industrialistas e banqueiros saudaram o que chamaram de “o novo capitalismo”. O banqueiro Charles E. Mitchell afirmou que essa nova era estava trazendo “todas as classes da população a uma participação mais igualitária nos frutos da indústria”. Mesmo o ciclo de negócios boom-bust foi conquistado, de acordo com outro banqueiro, Nelson A. Taylor. “Não precisamos temer a recorrência de condições que mergulharão a nação nas profundezas dos pânico financeiros mais violentos, como ocorreram no passado”. Mas a verdade era mais complicada do que as afirmações otimistas sugeriam. Em vez de di-



minuir a distância entre ricos e pobres, o crescimento econômico aumentou. Enquanto os lucros corporativos quase dobraram na década de 1920, os salários das fábricas aumentaram apenas modestamente. (Who Built America? Vol. II, 2000, p. 324)

Ao contrário do entusiasmo de banqueiros e industriais, para a maioria dos trabalhadores nos Estados Unidos, o ciclo econômico de expansão e contração continuou durante a maior parte da década e, como resultado, também aumentaram os níveis de pobreza. Foi nesse contexto que para muitos dos EUA a Revolução Russa desafiou as ações e premissas dos reformadores sociais, sindicatos, liberais e esquerda, com implicações duradouras para a vida social, econômica e política. O significado da revolução nos Estados Unidos não se limitou à organização da esquerda, foi muito mais expansivo tanto em escala quanto em escopo, e pode-se argumentar que sua influência na sociedade emergiu e existiu independentemente da esquerda organizada do período.

O LEGADO DE OUTUBRO NOS ESTADOS UNIDOS

Os Estados Unidos não estavam imunes à influência global da revolução de outubro. Lewis Feuer argumentou que: “Cada século nos tempos modernos tem um país ao qual parecia o que poderíamos chamar de “ modelo consciente ”... a França no século XIX ... A

União Soviética durante os quinze anos após a revolução de outubro se tornou o “modelo consciente” mais pesquisado pelos intelectuais no mundo. ”(1962, p.120) Viajantes dos Estados Unidos para a União Soviética eram uma parte importante desse processo e influenciariam indelevelmente muitos aspectos diferentes da sociedade nos próximos anos, tanto política como economicamente. Feuer argumentou com eloquência que, após a revolução, havia “ondas de viajantes” dos Estados Unidos para a URSS,

... Um breve interlúdio do pessoal de socorro americano levando comida para um país atingido pela fome em 1921 foi seguido por uma procissão crescente de assistentes sociais, artistas, líderes trabalhistas, educadores, cientistas sociais, empresários e representantes de minorias étnicas. A década fechou com mais de mil engenheiros americanos na União Soviética construindo suas primeiras grandes plantas industriais modernas ... sem a bênção do Departamento de Estado, mas com o apoio de uma seção influente da indústria americana. (1962, p. 120)

A influência da Revolução de Outubro nos EUA foi, em muitos aspectos, impulsionada pelo pragmatismo intelectual que ajudou a informar as noções dominantes de democracia, o papel do Estado na vida cotidiana, as noções de desigualdade de classe, racial, de gênero e étnica. Por exemplo, em 1928, o reformador liberal John Dewey⁶¹ escreveu uma série de artigos sobre a experiência soviética declarando que:

61 John Dewey foi um filósofo e reformador social liberal altamente influente na formação da educação pública americana nas primeiras décadas do século XX.

A essência da revolução foi a liberação de coragem, energia e confiança na vida ... A liberação de um povo para a consciência de si mesmo como um poder determinante na formação de seu destino final. ... O esforço principal é nobremente heróico, evidenciando uma fé na natureza humana que é democrática além das ambições das democracias do passado.” (Feuer, 1962, p. 122)

A visão entusiasta de Dewey sobre a revolução foi compartilhada por muitos outros progressistas e liberais do período. Da mesma forma, diferentes grupos de intelectuais americanos expressaram seu apoio e foram vistos por muitos como um experimento no pragmatismo político (Feuer, 1962, p. 123). Em 1927, os economistas Rexford G. Tugwell (Universidade de Columbia) e Paul Douglas (Universidade de Chicago) fizeram parte de uma delegação sindical que visitou a União Soviética. Ao retornar aos Estados Unidos, ambos expressaram seu apoio às transformações revolucionárias da economia soviética, como escreveu Tugwell: “Há uma nova vida que começa ali” (Feuer, 1962, p. 123). Certamente o contraste entre os EUA e a URSS deve ter sido inspirador para eles, para dizer o mínimo. A estrutura de uma economia planejada dedicada a erradicar a pobreza em vez de uma economia impulsionada pelas forças do mercado e pelo lucro, onde a pobreza e a doença dominavam a vida da classe trabalhadora, era sem dúvida um fator influente.



Imagem IV – Viajantes americanos para a União Soviética - 1923. Biblioteca Pública de Nova York.

Entre nenhum outro grupo profissional a Revolução teve um impacto maior do que nos assistentes sociais americanos, cujas frustrações diárias, geradas por ter que lidar com a grande pobreza impulsionada pelo capitalismo *laissez faire* e seu efeito sobre as massas de trabalhadores e os pobres, eram um fator importante.

Logo no início, como escreveu Feuer, Jane Adams chamou a Revolução Russa de “a maior experiência social da história...” Esse entusiasmo se tornou universal entre seus colegas durante os anos seguintes. Na nova sociedade soviética, como eles a viam, a assistente social não era a “benfeitora” condescendentemente tolerada por um mundo egoísta, mas sim o principal participante e definidor dos objetivos da sociedade. (1962, p. 126).

Em 1929, quando a Grande Depressão tomou conta da sociedade americana, forçando milhões de americanos ao desemprego massivo e à pobreza, a revolução russa forneceu um importante exemplo de responsabilidade estatal na luta contra a pobreza e a miséria. Com a eleição de Franklin D. Roosevelt (1933-1945) para a presidência dos Estados Unidos, Harry Hopkins, um assistente social, foi encarregado da maior iniciativa anti-pobreza do New Deal, a Works Progress Administration (WPA). O WPA foi uma iniciativa central do governo federal, responsável por colocar milhões de volta ao trabalho organizando “projetos socialmente úteis”. (Feuer, 1962, p. 126) Feuer raciocinou:

“Um eminente trabalhador social em suas atitudes, Hopkins foi o porta-voz de um ponto de vista que nasceu nos assentamentos de Jane Adams e Lilian D. Wald, agora amadurecidos, e estava convertendo o governo nacional à filosofia de bem-estar social. A prática soviética tornou-se o modelo experimental dos líderes dos assistentes sociais ... Os bolcheviques, para eles, eram assistentes sociais em armas”.

Sob a liderança de Hopkins, o WPA também foi influente na redefinição dos aspectos culturais da sociedade americana, com o surgimento da cultura de frente popular. Com o apoio financeiro e político da WPA, a vida da cotidiana da classe trabalhadora tornou-se cada vez mais proeminente na música, no cinema e na arte. A administração Roosevelt, através do Projeto Federal de Artes da WPA, financiou atividades culturais que buscavam,

... Criar e divulgar obras de cultura de massa democráticas. No início da década de 1930, o drama, a cor e os temas políticos dos grandes muralistas mexicanos de esquerda, Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros ... tiveram tal apelo que até a família Rockefeller⁶² os encomendou para produzir murais para Dartmouth College e Rockefeller Center, em Nova York, enquanto o filho de Henry Ford, Edsel, patrocinou um mural de Rivera sobre o trabalho industrial no Instituto de Arte de Detroit. (ASHP, 2000, p.453).

62 Mais tarde, Nelson Rockefeller ordenou que o mural de Diego Rivera fosse removido do Rockefeller Center porque incluía um retrato de Lenine.

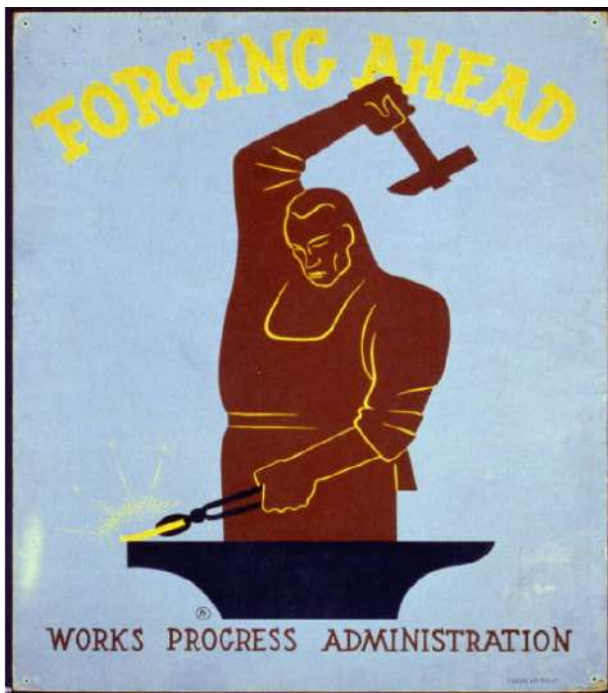


Imagem V – Cartaz WPA. Biblioteca do Congresso Americano.

Durante a depressão obras de arte e atividades culturais populares financiadas pelo governo federal, criaram murais em prédios públicos nos Estados Unidos, como estações ferroviárias e agências dos correios, retratando as atividades cotidianas dos trabalhadores americanos. Outras atividades culturais financiadas pelo governo federal, como o Federal Writers Project

e o Federal Music Project, também concentraram sua atividade na produção de cinema, arte e música. As atividades culturais da WPA projetaram uma sociedade democrática elevando o papel da classe trabalhadora na sociedade americana. Um bom exemplo de como a política de frente popular inspirou os ideais socialistas pode ser visto na vida e obra do muralista público Victor Arnautoff, cujo trabalho ganhou fama nos Estados Unidos durante o início da década de 1930. Arnautoff era um oficial militar czarista, um russo branco que migrou para os EUA durante a diáspora russa do final da década de 1920 e provavelmente o mais improvável defensor da Revolução. Ele foi treinado como muralista por Diego Rivera, um comunista convicto, e testemunhou em primeira mão os efeitos desastrosos da depressão. Como resultado, suas visões políticas mudaram lentamente para a esquerda e no final da década de 1930 ele se juntou ao Partido Comunista dos EUA. Seus murais retratavam a vida da classe trabalhadora e sua obra tornou-se ilustrativa de seus ideais socialistas. Durante sua vida nos Estados Unidos, tornou-se professor de arte na Universidade de Stanford e, depois de se aposentar, retornou à União Soviética, onde continuou a produzir murais públicos⁶³. Até o final de sua vida, ele era um firme defensor do socialismo e da União Soviética (Cherny, 2017).

Como influência direta do movimento revolucionário na Rússia, a questão da raça, do racismo e da desigualdade tornou-se uma característica central da esquer-

63 Para um exame mais abrangente desse período e a relação entre política e arte, ver *Victor Arnautoff and the Politics of Art*, de Robert Cherny.

da americana - enquanto política progressista no final da década de 1920 até o início de 1930 - e continua até hoje. De muitas maneiras, a revolução ajudou a informar e moldar as primeiras noções de raça e gênero e a luta contra a desigualdade nos Estados Unidos. Em 1926, W.E.B. Dubois⁶⁴ foi um dos muitos visitantes da União Soviética e suas impressões sobre a resposta soviética à desigualdade étnica, racial e de gênero fizeram dele um dos primeiros defensores da Revolução. Ele escreveu na revista *The Crisis*: “Estou sentado na Praça da Revolução... fico em espanto e me admiro com a revelação da Rússia que veio a mim... se o que vi com meus olhos e ouvi com meus ouvidos na Rússia é bolchevique, Sou bolchevique.” (Feuer, 1962, p. 132). A experiência soviética exemplificava a importância da ação governamental para erradicar as disparidades de gênero, étnicas e raciais. Oscar Berland também apontou:

O envolvimento da esquerda liberal americana nas questões dos direitos afro-americanos, que agora parece quase um dado sociológico, na verdade remonta à década de 1930, manifestando-se pela primeira vez na campanha para defender os “Scottsboro Boys”. pois essa nova preocupação vinha se construindo há mais de uma década. ... Quando o Partido Comunista Americano aceitou o caso dos “Scottsboro Boys” (nove jovens do Alabama acusados de estupro de duas mulheres brancas) em 1931, estava respondendo a uma diretriz emitida pela Interna-

64 W.E.B. DuBois (1868-1963) foi um intelectual afro-americano que ganhou destaque nos anos 1920-30. Seu trabalho concentrou-se em identificar as características da desigualdade racial nos Estados Unidos e o impacto histórico do racismo para os negros americanos. Ele foi membro fundador da the National Association for the Advancement for Colored People (NAACP) e editor de sua revista *The Crisis*.

cional Comunista alguns anos antes de colocar a “Questão Negra” no topo de sua agenda. Depois de vários falsos começos, o Partido conseguiu organizar uma campanha sobre os Scottsboro desde a Guerra Civil, trazendo a situação dos negros na América para a atenção internacional e incorporou-a firmemente na preocupação política liberal / radical americana. ... Os comunistas americanos e a Internacional Comunista que levaram à diretiva de 1928 ... efetivamente tornaram os direitos civis dos negros uma questão importante na política americana.

A diretiva da Internacional Comunista (IC), no entanto, também levou a equívocos grosseiros em relação à questão nacional, raça e racismo nos Estados Unidos. No início, a visão do Partido Comunista caracterizava os afro-americanos como um grupo nacional distinto e oprimido nos Estados Unidos. Essa análise levou o PC a defender o que ficou conhecido como a “Thesis Black Belt”, onde argumentaram que um aspecto essencial da luta contra o racismo deveria se concentrar na autodeterminação negra e na fundação de uma nação separada para afro-americanos no sul dos Estados Unidos. Em meados da década de 1930, com a consolidação da política de frente popular, o PC abandonou a tese da faixa negra.

A luta das mulheres contra a desigualdade de gênero sob o capitalismo foi, desde cedo, uma característica importante do experimento soviético, espelhada nos escritos de Lenin, Clara Zetkin e Alexandra Kollontai, entre outras. A Revolução serviu como um exemplo real de direitos políticos e sociais expansivos, e deu alavancagem para intensificar movimentos que combatiam a

desigualdade de gênero nas democracias ocidentais liberais. Os historiadores Bryan D. Palmer e Joan Sangster argumentaram: “A revolução eletrizou as mulheres socialistas, comunistas e até algumas liberais que viam isso como prova de que a mudança transformadora era possível; se um país subdesenvolvido poderia dar passos tão extraordinários [para a igualdade de gênero], por que não industrializados?” (in Pantich e Albo, ed., 2016, p. 3). A Revolução Russa proporcionou amplos direitos políticos e sociais em um momento em que mulheres da maioria das democracias ocidentais ainda estava lutando pelo direito de votar⁶⁵. Nesse sentido serviu como uma pressão constante que forneceu alternativas viáveis à vida das trabalhadoras no capitalismo.



Imagem VI – Trabalhadoras do início do século XX em greve. Biblioteca do Congresso Americano.

⁶⁵ O direito de votar em algumas das principais democracias ocidentais só ocorreu após a Revolução Russa. Nos EUA em 1920, na França em 1945 e na Grã-Bretanha (sufrágio total) em 1928.

INFLUENCIA NO TRABALHO E ESQUERDA NOS ESTADOS UNIDOS.

O movimento trabalhista organizado nos Estados Unidos é, provavelmente, um setor da sociedade em que as premissas da Revolução Russa, como a solidariedade de classe, a organização sindical e a organização política da classe trabalhadora, tiveram maior expressão. A Revolução também teve profundas repercussões sobre a esquerda organizada. A vitória bolchevique contestou características significativas da política do Partido Socialista (SP). Entre as muitas questões, estava o apoio inflexível da liderança do SP ao envolvimento dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Enquanto muitos dentro do Partido Socialista apoiaram a Revolução, a pressão dos setores de esquerda dentro do Partido se mostrou insuficiente para mudar sua direção política e, por fim, levou a uma divisão interna e à formação do Partido Comunista (PC)⁶⁶. A divisão entre os socialistas, no entanto, não diminuiu o apoio à revolução soviética entre os leais ao SP. Durante o segundo aniversário da Revolução Russa, os socialistas, os comunistas e as organizações trabalhistas radicais continuaram a manifestar seu apoio, ainda que alguns apenas retoricamente, ao Estado operário em ascensão (Foner, p.215). Muitos da esquerda dentro do SP mais tarde se juntaram ao PC. O membro do Partido Socialista e fundador do Partido Comunista William Weinstone recordou mais tarde:

66 Inicialmente, uma divisão de esquerda dentro do Partido Socialista levou à criação de dois partidos comunistas. Um grupo que se chamava o Partido Comunista da América (CPA) e um segundo grupo denominado Partido Comunista Trabalhista (CLP). Seguindo uma diretriz do CI, ambas as organizações foram instruídas a se fundir o que ocorreu em 1921.

A Guerra e a Revolução proletária na Rússia, foram seguidas por revoluções no continente e tiveram um grande impacto sobre os trabalhadores nos EUA. Seu espírito de luta aumentou, embora não tenha atingido as alturas tumultuadas da Europa, e foi expresso em um vasto movimento de greve. Isso incluiu uma greve militante de 365.000 operários siderúrgicos, liderada por William Z. Foster [mais tarde secretário-geral do PC], a greve geral em Seattle, a greve dos mineradores de cobre em Butte, Montana, os 500.000 mineradores de carvão e outros. Houve amplo apoio à Revolução Russa e forte oposição à ação de Wilson em enviar tropas americanas à Rússia para ajudar na contra revolução. O descontentamento era alto entre os trabalhadores que estavam profundamente desiludidos com a Guerra. A Rússia Soviética havia exposto totalmente o caráter imperialista da Guerra. (...) A principal questão que levou a uma divisão dentro do Partido Socialista foi o agudo descontentamento, entre os mais graduados, no modo como a liderança oportunista havia enfrentado a questão da Guerra. (1979, p.11).



Early CP symbol ca. 1921

A ascensão bolchevique ao poder também desafiou as noções prevaletentes de organização sindical nos Estados Unidos. Na época, a maior organização sindical dos Estados Unidos era a Federação Americana do Trabalho (AFL), liderada por Samuel Gompers, que organizava os trabalhadores com base na distinção artesanal. À esquerda, alguns setores da classe trabalhadora foram atraídos pelo sindicalismo revolucionário, e os Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW) organizaram o sindicalismo industrial. Apesar do apoio crescente à Revolução por importantes sindicatos dentro da AFL sua liderança permaneceu firme em seu apoio à política externa dos EUA e ao isolamento do governo soviético. Enquanto o líder da AFL, Samuel Gompers, saudou a abdicação do regime czarista, o mesmo não pode ser dito para a ascensão bolchevique ao poder. Indo contra as pressões de importantes federações regionais e grandes sindicatos locais, que exigiam que o governo dos EUA abrisse relações comerciais e diplomáticas com a Rússia, a liderança da AFL trabalhou incansavelmente para apoiar a pressão econômica e política do governo com o objetivo de provocar a morte rápida da revolução. (Foner, 1967, pp. 47-49).

A posição adotada por Gompers e pela liderança do sindicato, no entanto, não conseguiu impedir alguns setores da AFL, favoráveis à revolução, de organizar apoio econômico, e de outra forma, para o governo bolchevique. Um bom exemplo foi o apoio oferecido por Sidney Hillman, presidente da Amalgamated Clothing Workers of America. Hillman, ele próprio um imigrante russo, escreveu Feuer, “participara da Revolução Russa de 1905...



em 1921, dizendo que esperava visitar seus pais ortodoxos na Lituânia, viajou para a Rússia atingida pela fome. Horrorizado pelo sofrimento que testemunhou, ele começou a mandar cabogramas para seu sindicato para enviar ajuda imediatamente”(1962, p. 134). Após seu retorno, foi recebido por centenas de membros do sindicato e declarou: “O grupo bolchevique é o único grupo com força e vigor suficientes para governar a Rússia” (Feuer, 1962, p. 134). Hillman encontrou-se com Lênin em três ocasiões diferentes e seus sindicatos organizaram continuamente o apoio à Revolução. O apoio dos sindicatos mais tarde se tornou a base para a criação de uma corporação que forneceu ajuda à produção de roupas soviéticas, com “um acordo assinado” entre Hillman e Lenin (Feuer, 1962, p. 134).



Imagem VIII – Manifestantes membros do CIO em Nova York, por volta de 1937. Biblioteca do Congresso Americano.

Para muitos da esquerda dentro do movimento trabalhista, a Revolução era a prova de que apenas o sindicalismo, revolucionário ou não, era insuficiente e que o poder de classe só poderia ser alcançado através da organização política. Este debate surgiu entre muitos da esquerda e, finalmente, levou ao declínio do IWW radical. Depois de 1919, alguns dos líderes mais influentes da IWW, como Elizabeth Gurley Flynn e William Z. Foster, bem como outros membros, migraram para o Partido Comunista. Big Bill Haywood, perseguido pelo governo dos EUA, mais tarde buscaria refúgio na União Soviética e se tornou um dos conselheiros de Lênin. O recém-formado governo soviético reconheceu as contribuições dos comunistas e líderes trabalhistas americanos para o nascente movimento comunista internacional. Após a sua morte, John Reed, Charles Ruthenberg (CP) e Big Bill Haywood (IWW) foram enterrados na Necrópole da Muralha do Kremlin.

Igualmente a Sidney Hillman muitos jovens líderes trabalhistas da década de 1920 se tornaram influentes formuladores de políticas durante a era do New Deal de Roosevelt. Políticas trabalhistas nacionais como a National Labor Relations Act (1935), são algumas das poucas proteções que os trabalhadores nos Estados Unidos continuam desfrutando até hoje. Líderes como Walter Reuther, presidente da United Auto Workers of America (UAW), Powers Hapgood (dirigente sindical dos mineiros e organizador sindical nacional do trabalho) ou James H. Mauer, presidente da Federação do Trabalho da Pensilvânia, viajaram todos para a Rússia depois da



Revolução, seja em delegações sindicais, ou como “trabalhadores voluntários” (Feuer, 1962, p.135). Dessa forma é fácil entender como anos depois eles se tornaram influentes na fundação do CIO⁶⁷. “Assim”, como argumentou Feuer, “à medida que a depressão se aprofundava e o operário americano sentia que o contrato mínimo de existência social estava sendo violado, os relatos de uma terra baseada na vontade unida dos trabalhadores causaram uma impressão cada vez mais intensa” (1962, p. 136).

A influência da Revolução nos líderes sindicais ressaltou o renascimento do movimento trabalhista norte-americano durante a década de 1930. Impulsionado pelas legislações trabalhistas do New Deal, que incentivavam a organização do trabalho, ativistas comunistas, socialistas e esquerda em geral, desempenharam um papel proeminente e expandiram sua influência entre os trabalhadores americanos. O ASHP observou que:

Em 1933, no entanto, os trabalhadores de repente abraçaram a ação coletiva. O número de greves aumentou drasticamente e os sindicatos iniciaram a organização de greves, indústria após indústria ... Muitos vieram de famílias de sindicalistas e muitas vezes eram filhos de imigrantes do leste ou sul da Europa. Rose Pesotta, por exemplo, juntou-se ao Sindicato Internacional de Trabalhadores de Garment logo depois de emigrar da Rússia em 1913. No início da década de 1930, ela se tornara uma das principais

67 O CIO desafiou o modelo sindicalista da AFL e propôs uma organização sindical baseada no sindicalismo industrial. Os sindicatos do CIO eram de toda a indústria, sem distinção de ofício e forneciam os meios para a organização expansiva da classe nos principais setores da economia dos EUA, como as indústrias automobilística e siderúrgica durante a depressão.

organizadoras desse sindicato e em 1933 ajudou a organizar operários têxteis em Los Angeles. Entre os que ingressaram no sindicato durante essa campanha estava a jovem imigrante mexicana Anita Andrade Castro, que se tornou ativista sindical ao longo da vida (pp. 405-407).



Imagem VIII – Manifestantes membros do CIO em Nova York, por volta de 1937. Biblioteca do Congresso Americano.

O significado da Revolução Russa não pode ser entendido sem levar em conta a enorme imigração europeia para os EUA durante o início do século XX. Chegando nos Estados Unidos os imigrantes criaram uma infinidade de federações de línguas estrangeiras e cooperativas de trabalhadores em centros rurais e urbanos. Organizações

como a Federação Russa ou a Liga Cooperativa Finlandesa-Americana dos Estados do Norte (NSCL) uniam suas atividades como centros de identificação nacional com noções de solidariedade socialista e eram ímãs influentes para o ativismo da classe trabalhadora e apoio à Revolução. Em alguns casos, como o NSCL (localizado na região centro-oeste dos EUA), criativamente entrelaçavam sua política socialista com a promoção de seus produtos agrícolas, como o “Red Star Coffee”.



Imagem IX – Red Star Coffee – Northern States Cooperative League.

O LEGADO DE OUTUBRO HOJE - ECOS DE 1917

Apesar de sua influência direta na sociedade, a Revolução Russa não deve ser vista como um modelo, mas como uma experiência de mudança social radical, provavelmente a mais importante até hoje. De muitas maneiras as demandas dos trabalhadores russos em 1917 pela Paz, Pão e Liberdade, continuam a mobilizar milhões de trabalhadores em todos os continentes. Sem desconsiderar as características nacionais específicas, as amplas demandas dos trabalhadores revolucionários refletem-se nas atuais lutas dos trabalhadores. A demanda por Liberdade ecoa na luta histórica de controle operário de seu próprio destino, pela liberdade de associação, ou seja, o direito de organizar sindicatos, e contra as legislações anti-trabalhadoras sob o neoliberalismo. O pão simboliza o direito a um emprego com renda decente, saúde universal, educação superior gratuita, isto é, o direito a condições básicas de desenvolvimento humano. A paz é emblemática da luta contra as guerras injustas que permeiam grande parte da segunda metade do século XX. A demanda por paz não é apenas uma postura contra a morte e a destruição, mas dos recursos que as guerras consomem e que poderiam ser usados para criar empregos, moradia e saúde para todos. A rica e expansiva influência da Revolução reverbera nas ideias, movimentos e organizações que continuam a aparecer e desafiam a desigualdade de maneiras importantes. Embora as formas de movimentos e organizações da classe



trabalhadora possam mudar ao longo do tempo, o que fica claro, apesar dos retrocessos atuais, é que as demandas apresentadas pelos trabalhadores rebeldes da Rússia de 1917 continuam a inspirar milhões de trabalhadores à ação.

Bibliografia

Bart, Phillip. et.al. **Highlights of a Fighting History. 60 Years of the Communist Party USA.** International Publishers, New York, (1979).

Berland, Oscar. **The Emergence of the Communist Perspective of the “Negro Question” in America, 1919-1931** – part one, in *Science & Society*, Vol. 63 -#4 Winter 1999/2000, pp. 411-432.

Cherny, Robert, W. **Victor Arnautoff and the Politics of Art.** University of Illinois Press, Illinois, (2017).

Foner, Phillip, S. **The Bolshevik Revolution. It’s impact on American radicals, liberals and labor.** International Publishers, New York, (1967, 2017).

Freeman, Joshua. et.al. **Who Built America? Working People and the Nation’s Economy, Politics, Culture and Society**, vol. II, since 1877. American Social History Project, City University of New York, Bedford/St. Martins Press, New York, (2000).

Fuer, Lewis. **American Travelers to the Soviet Union 1917-1932: The Formation of a Component of New Deal Ideology**, in *American Quarterly*, Vol 14 #2, summer 1962, pp. 119-149.

Reed, John. **10 Days that Shook the World.** International Publishers, New York, (1919, 1971).

Images:

Image I- NYPL Digital Collection: Slavic and East European Collections, the New York Public Library. (1917 - 1921). *Proletarii vsekh stran soediniaites’!* Retrieved from <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47de-83e5-a3d9-e040-e00a18064a99>

Image II- NYPL Digital Collection: Slavic and East European Collections, the New York Public Library. (1923). *May-day, 1920, in Petrograd*. Retrieved from <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47db-a7f4-a3d9-e040-e00a18064a99>

Image III- NYPL Digital Collection: Slavic and East European Collections, the New York Public Library. (1923). *Session of the Petrograd Soviet*. Retrieved from <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47db-a7e1-a3d9-e040-e00a18064a99>

Image IV- NYPL Digital Collection: Slavic and East European Collections, the New York Public Library. (1923). *Americans in Russia*. Retrieved from <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47db-a808-a3d9-e040-e00a18064a99>

Image V- Library of Congress, Digital Archive: WPA Poster Collection, “Forging Ahead”. Retrieved from <http://hdl.loc.gov/loc.pnp/cph.3b49016> Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA

Image VI- Library of Congress, Digital Archive: Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA, Retrieved from <http://www.loc.gov/pictures/item/2014684498/> Publisher Bain New Service Collection.

Image VII- National Archives, Protest of Triangle Shirtwaist Factory Fire. Unknown Photographer, March 25, 1911, lower east side, New York. Retrieved: http://recordsofrights.org/assets/record/000/000/382/382_original.jpg

Image VIII- Library of Congress, Digital Archive: Library of Congress, Prints & Photographs Division, FSA/OWI Collection, [reproduction number, LC-DIG-fsa-8a09257 (digital file from original neg.). Retrieved from <http://www.loc.gov>

Image IX- Fourth Northern States Cooperative League (NSCL) Yearbook, 1939, p. 296.

KRONSTADT.

*Natalia Monzón Montebello*⁶⁸

Sentir todas as fibras do espírito
tangidas, uma a uma,
por misteriosos dedos.

Sentir o mundo exterior sufocado
ao jugo poderoso desta música interior.

Não poder reter a imaginação
que galopa sem freios por estradas absurdas.

Agonizar sobre o dorso da loucura
como um Mazepa inconsciente –
sofrer nesta corrida sem limites,
beirar a linha divisória da compreensão,
ver – sobretudo ver e ouvir e sentir
o escuro que sobe das trincheiras
onde a razão humana mal dardeja ainda
os fogos trêmulos do entendimento.

Lúcio Cardoso, Mazepa

1 [revolta]

Momento essencial e fundador da emancipação, quando as forças dominadas escapam brutal e radicalmente das armadilhas das relações de dominação, rejeitam qualquer solução no âmago dessas relações, afirmam outro possível e criam as condições para uma recomposi-

⁶⁸ Professora Adjunta no curso de Ciências Sociais (área de Ciência Política) na Universidade Estadual do Ceará, coordenadora do Observatório das Nacionalidades, integrante da equipe editorial da Revista Tensões Mundiais, na mesma instituição.

ção radical da realidade. Nas palavras de René Furth, a revolta é sempre afirmativa:

‘Através dela o homem se inscreve como adversário. No nível mais espontâneo, significa a explosão de uma força, a irrupção de um dinamismo vital que interrompe a ordem estabelecida. [...] A negação que assim explode na revolta desvela uma afirmação mais profunda, a afirmação de uma liberdade constitutiva da realidade humana’. Por isso, o anarquismo pode tornar sua a frase de Jean Genet: ‘Não amo os oprimidos. Amo os que amo, que sempre são belos e às vezes oprimidos, mas que estão em pé na revolta’ (COLSON, 2003, p. 220).

Nas lutas revolucionárias de 1905 e de 1917, os marinheiros da base naval de Kronstadt foram reconhecidos pela bravura guerreira. Em 1905, foram severamente castigados pela ordem czarista. Os bolcheviques, logo após 1917, lhes dedicaram as honrarias dos heróis. No final das contas, esses marinheiros haviam defendido a sangue e fogo os ideais proclamados, e logo monopolizados, pelo partido da revolução. Mas em 1921 foram de novo castigados, dessa vez pela fúria bolchevique: diferentemente dos revolucionários no poder, os marinheiros de Kronstadt talvez fossem movidos, mais do que tudo, pela mesma urgência ética - livre da forma Estado - que fez de Nestor Makhno o grande guerreiro da revolução de 1917 na Ucrânia. E talvez por isso foram também movidos, em 1921, pela mesma força, e com a mesma bravura, contra os bolcheviques, assim como Makhno. Alguns dias depois de se insurgirem contra o que ha-



via se tornado o mundo que ajudaram com seu notório heroísmo a fundar, os marinheiros de Kronstadt foram tratados, oficialmente, como contrarrevolucionários.

Entre 3 e 18 de março de 1921, o novo mundo prometido pelos revolucionários bolcheviques tinha, mais uma vez, escancarado seu princípio: sentado no trono do Estado, Lenin comandava, nem mais nem menos, uma tirania. Que fosse do partido, ou mesmo do proletariado, isso não passava de retórica: ainda se tratava de uma tirania. Virando do avesso o slogan da revolução, “todo poder aos soviets!”, Lenin decretava contrarrevolucionário o que não lhe era idêntico, isto é, quem não fosse seu súdito. Os marinheiros revoltados, assim como Makhno, não deixavam o tirano esquecer o detalhe: o poder dos soviets não aconteceria no Estado, nem no partido, muito menos nele, o novo Senhor.

Os marinheiros de Kronstadt criticavam a formação de uma nova burocracia, a quem chamavam de comissocracia, e também a estatização dos sindicatos. Inúmeros membros do Partido Bolchevique que residiam em Kronstadt pedem publicamente demissão do partido, aceitando a crítica dos marinheiros ao governo soviético. Kronstadt mesmo se autodenominava a ‘Terceira Revolução Russa’ (TRAGTENBERG, 1988, p. 90).

Se em 1905 os marinheiros de Kronstadt foram soldados mártires da revolução, e em 1917 foram seus soldados heróis, em 1921 fizeram-se guerreiros: revoltaram-se contra a revolução. Cem anos depois de 1917, comemora-se uma grande história, a da revolução e seus episódios. E tanto quanto é importante, numa história exemplar, isto é,



didática, justificar perdas e ganhos, importa também habitar os silêncios, ou melhor, o sussurrar do que foi esquecido, do que não foi coroado como exemplar. Kronstadt, a cidade da coroa, deveria servir à causa bolchevique: os revoltados de Kronstadt, para os defensores dessa causa, tornaram-se contrarrevolucionários - essa imperdoável espécie de traidor ; entretanto, para os que dispensam a revolução política, Kronstadt acontece como intempestivo de liberdades. Hoje, cabe tanto celebrar cem anos (ou os que forem) de história, acertando, mais uma vez, as verdades, quanto habitar um tempo não-histórico, intempestivo, da revolta, quando a memória se desvencilha do passado exemplar e compõe, hoje, novas vitalidades.

É possível descrever toda revolta como uma suspensão do tempo histórico. A maior parte daqueles que participam de uma revolta escolhem comprometer sua própria individualidade em uma ação cujas consequências não sabem nem podem prever. No momento do confronto, só uma minoria é consciente de todo o desenho estratégico em que esse confronto se coloca (se é que esse desenho existe), como de uma precisa, mesmo se hipotética, concatenação de causas e efeitos. No confronto da revolta se decantam os componentes simbólicos da ideologia que colocou em movimento a estratégia, e apenas tais componentes são verdadeiramente percebidos pelos combatentes. O adversário do momento se torna verdadeiramente o inimigo; o fuzil, o bastão ou a correia de bicicleta se tornam verdadeiramente a arma; a vitória do momento - parcial ou total - se torna verdadeiramente, por si mesma, um ato justo e bom para a defesa da liberdade, a defesa da própria classe, a hegemonia da própria classe (JESI, 2018, p. 70).



Mas os juízes retornam. Aparecem vestidos no rigor, malhete em mão, uma sentença na ponta da língua. Bastará um golpe seco para que o veredito seja pronunciado e compreendido por todos. Entre inocentes e culpados, enfileiram-se os sujeitos da história, à esquerda ou à direita do tribunal. Todos, mais uma vez, reunidos: os que acusam, os que defendem, os que políciam, os que escutam, os que declaram, os que registram, os que contam, os que sentenciam, os sentenciados. Os que se lembram. Eles voltarão, como sempre, a cada ano, a cada cinco, ou dez, ou vinte, ou cem anos. Ou mais, tanto faz. A linha é reta e o sentido único, para o futuro (que é em essência histórico), para os que virão, para os tribunais que virão. Mas para que tudo aconteça como deve acontecer, é indispensável saber, conhecer os dados, os fatos, as provas. Os especialistas serão convocados e se apresentarão, do alto de sua proclamada neutralidade, para interpretar corretamente.

Como o romano da época imperial tornou-se a-romano em relação ao mundo que se encontrava a seu serviço, como ele mesmo se perdeu em meio às ondas migratórias estrangeiras e se degradou num carnaval cosmopolita de deuses, hábitos e artes, então o mesmo deve suceder ao homem moderno, que prepara continuamente a festa de uma exposição universal através de seus artistas históricos; ele se tornou o espectador errante e fruidor, transposto para uma condição na qual mesmo grandes guerras e grandes revoluções raramente possibilitam mudar algo mais do que um instante. A guerra nem bem acabou e já se transformou em cem mil páginas impressas, já foi oferecida como o mais novo meio de excitação aos paladares cansados dos viciados em história (NIETZSCHE, 2003, p. 31).

Entre videntes, profetas e fiéis, a história acusa, condena e absolve, e reconforta. Herdeiros e órfãos são, de tempos em tempos, ungidos com a graça de uma grande memória. São autorizados a falar, para o bem da humanidade. Encerrada a cerimônia, o mundo volta aos seus eixos, ao abrigo do seu tempo - para que a justiça seja feita. Só depois, um pouco de silêncio, um tempo para o esquecimento, um tempo outro. Longe das cívicas sagrações ressoa o que escapou da história... para os que têm pequenas orelhas.

Esta não será uma história sobre a Revolução Russa, nem mesmo uma história sobre a revolta de Kronstadt. Nada a interpretar, a justificar, a verificar. Não será um manifesto da memória coletiva, de um ou de outro lado da história, reivindicando um tempo exemplar. Não se trata de juízo. Assim, embora utilize a noção de revolução social ao problematizar, de um ponto de vista libertário, a ideia de revolução política partidária e estatal, tampouco se trata aqui de uma história do anarquismo. Apenas ensaio uma questão, a-histórica: com urgência ética, dispensar a formalidade do pensamento que legítima, e apologiza, na revolução político-institucional moderna, uma certa maneira de tomar o Estado; nesse deslizamento, pensar a revolução social enquanto revolta. Enfim, ruminar a questão ética, política, já colocada por Roland Barthes (2004) pensando o ensinar: “(...) sob que condições e segundo que operações o discurso pode despojar-se de todo desejo de agarrar”, pois “(...) o poder (a libido dominandi) aí está, emboscado em todo e em qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder” (p. 10).

O acontecimento da revolta resiste à formatação ideológica que anima a revolução e a projeta como utopia. Não se trata de ocupar um espaço para, daí, fundar e executar uma nova ordem. Não se trata, então, de espaço algum a ser conquistado, mas da irrupção da diferença, que escapa ao espaço (da ordem) e ao tempo (da história). De maneira que a revolta, pensada aqui na companhia de Furio Jesi (2018), instala-se na suspensão do tempo histórico. Ao olhar para o movimento espartaquista na Berlim de 1919, Jesi se detém precisamente no gesto que diferencia a revolta da revolução, a suspensão do tempo que pode irromper, intempestivo, na empreitada revolucionária.

A diferença entre revolta e revolução não deve ser procurada nas finalidades de uma ou de outra; ambas podem ter o mesmo objetivo: tomar o poder. O que mais distingue a revolta da revolução é uma diversa experiência do tempo. Se, com base no significado corrente das duas palavras, a revolta é um repentino foco insurrecional que pode ser inserido dentro de um desenho estratégico, mas que por si só não implica uma estratégia de longo prazo, e a revolução é, por sua vez, um complexo estratégico de movimentos insurrecionais coordenados e orientados relativamente a longo prazo em direção a objetivos finais, seria possível dizer que a revolta suspende o tempo histórico e instaura repentinamente um tempo em que tudo isso que se realiza vale por si só, independentemente de suas consequências e de suas relações com o complexo de transitoriedade ou de perenidade no qual consiste a história. A revolução estaria, ao contrário, inteira e deliberadamente inserida no tempo histórico (JESI, 2018, p. 63).



Situada no golfo da Finlândia, a 30 quilómetros de São Petersburgo/Petrogrado, a fortaleza fora construída na ilha de Kotlin. Tratava-se de uma longa e estreita faixa de terra onde, em 1917, viviam mais ou menos 50 mil pessoas. Viviam, entre marinheiros e camponeses, entre as diversas fortificações e as célebres embarcações guerreiras, que com louvada bravura tinham, em outros tempos, defendido a grandeza da pátria russa. Em Kronstadt ancorava-se o encouraçado Potemkin, a “glória da revolução de 1917”, como bradavam Lenin e Troski antes de ordenar e comandar (respectivamente) o ataque contra Kronstadt, é claro. Perto de Kotlin, duas fortificações, Gorka e Lisy Nos, somavam-se a Kronstadt no complexo naval de defesa diante dos perigos externos. Mas o perigo dispensa fronteiras. Muito mais do que nos exércitos invasores ou nos banidos defensores de outra ordem, o perigo morava (e mora) nos inconformados, nos desobedientes, nos intempestivos. Em fevereiro de 1917, os marinheiros de Kronstadt insurgiram-se contra a ordem czarista, lutaram a favor da revolução que em breve seria reclamada, a ferro e fogo, pelos bolcheviques como sendo exclusivamente sua.

Pletóricos de entusiasmo revolucionário e combativo ardor, ricos em força e audácia, conscientes de seu papel, prodigavam à Revolução quanto podiam, quanto ela precisava: seu entusiasmo e sua fé, sua consciência e sua força, militantes abnegados até o sacrifício da vida e propagandistas populares, difusores da literatura revolucionária por todo o país, toda classe de técnicos e, acima de tudo, incomparáveis combatentes (VOLIN, 1954, pp. 255-256).

Se há, ou pode ser encontrada, no trabalho de Volin sobre a Revolução Russa, uma certa euforia dramática (que seria perceptível nas linhas acima), e se uma tal euforia pode ser atribuída não só ao estilo, mas também aos ânimos de quem “estava lá”, o que me interessa neste ensaio é desenhar, com os revoltados de Kronstadt, uma singularidade. Singularidade da revolta, diante do universal da revolução (e do seu duplo, o Estado). Mas para tanto, mais uma vez, não se trata de julgar: no caso, de julgar no acontecimento de Kronstadt, por exemplo, um suposto caráter verdadeiramente revolucionário, ou libertário, ou anarquista, ou mesmo contrarrevolucionário (como sentenciaram os bolcheviques a serviço de Trotski, por sua vez a serviço de Lenin). É ainda com Volin que arrisco um primeiro traçado dessa singularidade:

Em todo tempo, os marinheiros eram recrutados de preferência entre os operários, sendo escolhidos os mais qualificados, letrados e esclarecidos, precisamente aqueles que, no geral, eram politicamente mais avançados. Com frequência já eram, antes de servir na marinha, revolucionários no âmago, ou mesmo militantes, e não deixavam de exercer, apesar da disciplina e da vigilância, forte influência sobre seus companheiros de tripulação (Idem, p. 254).

Ainda, continua Volin, esses marinheiros potencialmente revolucionários vêm essa potência (talvez facilitada pela alta qualificação) certamente ampliada pelas recorrentes viagens a outros lugares os mais diversos e longínquos, assim como pela vizinhança com a intensidade urbana da próxima São Petersburgo. De qualquer modo,

há uma vida cultural caleidoscópica, singular em sua multiplicidade e permeabilidade, quando voltada para as forças de fora (do estrangeiro, de São Petersburgo), e ao unísono comunitária, atravessada por relações diretas e antigas, quando desdobrada sobre si, seus costumes, seu cotidiano cercado pelo mar, pelos muros, pelas embarcações.

Todo ano, entre novembro e abril, a água que separa Kronstadt de São Petersburgo torna-se um caminho de gelo. É o tempo do trânsito entre esses dois lugares: um, que olha para a grandeza do império; outro, que desliza para fora. Foi por esse caminho intermitente que a partir do dia 7 de março de 1921 as forças repressivas do Estado bolchevique investiram contra os revoltados. E o ataque foi fulminante: “A contundência da resposta bolchevique diante da sublevação tinha estreita relação com uma circunstância importante: a insurreição não aconteceu em nome do ‘povo’, mas, antes, em nome dos princípios que tinham guiado a revolução de outubro” (TAIBO, 2017, p. 196). A insurreição retomava, mas desde fora, o grito de guerra revolucionário: “todo poder aos soviets!”.

2 [revolução]

Antiga concepção do século XIX, surgida na Revolução Francesa, em que a transformação do mundo se concebe sob a forma de golpe de Estado ou de jornadas populares defendendo uma mudança de Constituição ou de regime que afeta a cúpula do Estado (república, império, monarquia absoluta, monarquia constitucional). Depois de substituída, em meados

do século XIX, pela ideia da revolução social, uma maneira totalmente diferente de conceber a transformação da sociedade, a velha revolução política será totalmente atualizada um século mais tarde, no contexto do marxismo e do marxismo leninismo. A questão do Estado voltava a ser o problema chave da mudança, e a ditadura do proletariado vinha a se somar, junto ao fascismo e ao nazismo, ao longo cortejo de massacramentos que os Estados nunca deixaram de inventar para perpetuar sua dominação (COLSON, 2003, p. 229).

Encerrada a guerra civil, o ano de 1921 abria-se com a expectativa de uma retomada: daquela sonhada sociedade para o proletariado, governada pelo proletariado. “Se esperava que os comunistas, terminando a guerra civil, aliviassem as pesadas cargas, abolissem as restrições introduzidas durante a guerra, instaurassem certas liberdades fundamentais e comesçassem a organização normal da vida” (BERKMAN, 2011a, p. 1). Era chegada a hora, aos bolcheviques, de retribuir ao povo os sacrifícios decretados desde 1917, ao calor dos fervorosos apelos revolucionários. Era chegada a hora de entregar, de fato, todo o poder aos soviets. Mas “Longe de ser popular, o governo bolchevique era, pelo contrário, suportado pelos operários devido ao seu plano, frequentemente anunciado, de empreender a reconstrução econômica do país logo que cessassem as operações militares” (Ibidem). O ano de 1921, de fato, abriu-se para a continuidade da ditadura do partido bolchevique, investindo com renovada voracidade contra quem quer que lhe fosse um outro, um sublevado, um contrarrevolucionário.

O Estado comunista não evidenciou, de nenhum modo, ter a intenção de debilitar o jugo. Continuava a mesma política. A militarização do trabalho escravizava ainda mais o povo, e isso se exacerbava mais e mais pela opressão crescente e pela tirania. Tal estado de coisas paralisava toda possibilidade de um renascimento industrial. Desaparecia a última esperança e se reforçava a convicção de que o partido comunista estava mais interessado em conservar o poder político do que em salvar a revolução (Ibidem).

Assim, encerrada a guerra civil, operários e camponeses da república bolchevique em breve não mais esperariam pelo fim das políticas de fome, miséria e violência implementadas, desde 1917, sob a alegação oficial de combater os inimigos da revolução pelo mundo e pela Rússia afora. Contra a fome, a miséria e a violência implementadas pelo Estado bolchevique e multiplicadas por sua miríade de burocratas e soldados juramentados, os operários de Petrogrado declararam greves nas fábricas de Patronny, de Laferm, de Trubotchny e do Báltico. Como resposta imediata, o governo de Lenin criou o Komitet Oborony [Comitê de Defesa], retomando os tempos de uma guerra atualizada, desse modo, contra os camponeses e operários cuja salvação havia, tão poucos anos antes, motivado a grande Revolução.

24 de fevereiro: operários em greve, em Petrogrado, reúnem-se em Vassilievsky Ostrov, bairro operário da cidade. Lá são dispersados pelos kursanti, enviados prontamente pelos bolcheviques. 25 de fevereiro: os grevistas vão aos estaleiros do Almirantado e às docas da Galernaya, convocando novos operários para a gre-



ve. Os kursanti dispersam a manifestação nas ruas. 26 de fevereiro: os operários da fábrica de Trubotchny são acusados de contrarrevolucionários por um representante do recém reativado Comitê de Defesa e do Conselho Militar Soviético da República. O representante clama por um castigo: propõe o fechamento da fábrica. Zinoviev, conhecido entre os operários como o homem mais odiado de Petrogrado, chefe do Comitê de Defesa e presidente do soviete de Petrogrado, decreta o castigo, que implicará na supressão imediata da parca ração de víveres que o Estado destinava a seus trabalhadores. 27 de fevereiro: lê-se, pelos muros da cidade:

Se tornou necessário uma mudança completa na política do governo. Em primeiro lugar, os operários e camponeses têm necessidade de liberdade. Não querem viver segundo os decretos dos bolcheviques: querem controlar seus próprios destinos! Camaradas, mantenham a ordem revolucionária! Exijam de um modo organizado e decidido: - A libertação de todos os socialistas e dos operários sem partido presos; - A abolição do estado de sítio; a liberdade de expressão, de imprensa e de reunião para todos os que trabalham; - A eleição livre dos comitês de fábrica e dos representantes aos sindicatos e aos sovietes. rganize reuniões, adote resoluções, envie vossos delegados às autoridades e trabalhe na realização de vossas exigências! (Ibidem, p. 2).

É na pele, não na história, que se diz: “Em primeiro lugar, operários e camponeses têm necessidade de liberdade”. Em primeiro lugar, temos necessidade de liberdade. E só depois cabe a certa questão, que se encontra no Zaratustra de Nietzsche, mas que aparece toda

vez que a política escapa ao Estado: liberdade para quê? Diante do que não tem medida, o Estado impõe suas medidas: mais, sempre mais repressão. No final de fevereiro de 1921, Petrogrado estava, oficialmente, em estado de exceção. E, no final das contas, mais uma variação de um mesmo tema: “Os grevistas foram subjugados pela força, e a agitação operária esmagada com mãos de ferro”, tal como anota Alexander Berkman (Ibidem, p. 3).

Os marinheiros de Kronstadt queriam os soviets, mas dispensavam o partido. Soviets livres. 28 de fevereiro, em Kronstadt: uma comissão de marinheiros é enviada a Petrogrado. A tripulação do Petropavlovsk, com o apoio dos marinheiros do Sevastopol, elabora uma resolução: entre outros pontos, exigiam eleições livres para o soviete de Kronstadt. 1º. de março, na praça da Âncora, o espaço coletivo mais importante do povoado: lá estavam 16 mil pessoas. Escutaram o relato da comissão que voltava de Petrogrado. Depois aprovaram, por unanimidade, a resolução apresentada pelos marinheiros do Petropavlovsk:

Resolução da reunião geral da Primeira e Segunda Esquadra da frota do Báltico, celebrada em 1º. de março de 1921

Tendo ouvido o informe dos representantes enviados a Petrogrado pela reunião geral das tripulações para examinar ali a situação,

Decide:

1. dado que os Soviets atuais não expressam a vontade dos operários e dos camponeses, celebrar imediatamente as novas eleições por voto secreto, tendo completa liberdade de agitação entre os operários e camponeses na campanha eleitoral;

2. estabelecer a liberdade de expressão e de imprensa para todos os operários e camponeses, para os anarquistas e para os partidários socialistas da esquerda;
3. assegurar a liberdade de reunião para os sindicatos e para as organizações camponesas;
4. convocar uma conferência independente dos operários, soldados do Exército Vermelho e marinheiros de Petrogrado, Kronstadt e da província de Kronstadt, antes de 10 de março de 1921;
5. libertação de todos os presos políticos socialistas e também de todos os operários, camponeses, soldados e marinheiros encarcerados pelo delito de participação nos movimentos operários e camponeses;
6. eleger uma comissão de revisão dos casos daqueles que se encontram nas prisões e nos campos de concentração;
7. abolir todos os politotdeli (gabinetes políticos), porque nenhum partido deve ter privilégios para a propaganda de seus ideais, nem receber ajuda financeira do governo para tais fins. Em seu lugar será necessário instituir comissões de educação e de cultura social, eleitas localmente e sustentadas materialmente pelo governo;
8. abolir imediatamente os zagryaditelniye otryadi (destacamentos de pedágio);
9. igualar as rações para todos aqueles que trabalham em ofícios perigosos para saúde;
10. abolição dos destacamentos comunistas de guerra em todas as seções do exército, assim como da guarda comunista colocadas nas oficinas e nas fábricas; em caso de necessidade, estes destacamentos ou pelotões de guarda deverão ser designados pelo exército a partir das fileiras do mesmo, e nas fábricas segundo os desejos dos operários;
11. dar aos camponeses plena liberdade de ação no que diz respeito às suas terras, e também o direito a possuir gado, na condição de que os próprios camponeses administrem com seus próprios meios; isto é, sem contratar trabalho empregado;

12. pedir a todas as seções do exército e a nossos camaradas militares kursanti que aceitem nossas resoluções;
 13. pedir à imprensa que dê a maior publicidade a nossas resoluções;
 14. designar uma Comissão Itinerante de Controle;
 15. permitir livre kustarnoye (pequena indústria doméstica) que não empregue trabalho contratado.
- Resolução aprovada por unanimidade pela reunião da brigada, abstendo-se de votar somente duas pessoas (Ibidem, p. 5).

Entre a tomada do Estado pelos bolcheviques, em 1917, e a revolta de Kronstadt, nos primeiros dias de março de 1921, o projeto revolucionário de governo tinha se cristalizado em ditadura. Do partido ou de quem for, não há meio termo: toda ditadura é sem medida, é a institucionalização da exceção no interior do próprio Estado, e com isso a interdição de todo gesto político, a negação absoluta e sistemática da política. Não há ditadura melhor ou pior; não há causa que justifica uma ditadura.

O que significa a ditadura? É uma certa forma de tomada de poder do Estado, é o Estado submetido ao estado de sítio. Os defensores da ditadura, como quaisquer partidários do Estado, pretendem impor ao povo sua vontade em nome da 'transição' do capitalismo ao socialismo. Essa concepção é a maior inimiga da revolução social, na medida em que a participação construtiva e direta das massas é bloqueada, controlada, supervisionada. Está vinculada à ideologia da ignorância das massas e de sua incapacidade congênita em formular um projeto político-social (TRAGTENBERG, 1988, p. 103).

Guerra, revolução, guerra civil... A revolução bolchevique foi demarcada por um tempo antes, da Primeira Guerra Mundial e outro depois, da guerra civil. Entre um e outro limiar histórico, o Estado consolidou-se consignando a um só tempo, no plano político, no econômico e no social, a ditadura do proletariado. No plano político, com a repressão comandada, já desde 1917, pela tcheka, a nova polícia secreta. No plano econômico, a ditadura inscreveu-se no comunismo de guerra derivando, após a guerra civil, em capitalismo de Estado. E, no plano social, a ditadura bolchevique desdobrou-se na intensiva burocratização da vida coletiva - isto é, sua captura pelo Estado. De maneira que quando, em março de 1921, os marinheiros de Kronstadt insurgiram-se, a prometida sociedade do soviets livres não passava de uma sarcástica lembrança a não ser evocada, sob risco de ser acusado de contrarrevolucionário. Mas a sociedade dos soviets livres, no acontecimento da revolta, ainda desfaz a revolução em revolução social, que também é política e econômica, como vida livre da forma Estado: é o insuportável da revolta.

3 [insurreição]

Aspecto militar ou (de maneira mais exata) dimensão guerreira das experiências e do imaginário das revoltas libertárias, desde o século XIX até as experiências coletivas (cronologicamente atípicas) da revolução espanhola de 1936, passando pelo importante movimento que foi a in-

surreição anarquista ucraniana de 1917. Às vezes estigmatizada, por suas conotações viris, e devido à crescente e discutível hegemonia de certas correntes que declaram pertencer à não-violência, a insurreição constitui, não obstante, se não um conceito essencial do pensamento libertário, ao menos a expressão mais direta e mais justa da revolta, assim como do caráter polimorfo do projeto e dos movimentos de dimensão libertária. Deslumbrante e espetacular nos grandes movimentos de revolta coletiva, a insurreição e sua dimensão guerreira ou agressiva atuam na totalidade das relações que compõem o que de fato é, das mais amplas às menores, dos levantamentos populares à revolta por vezes imperceptível que exige qualquer relação imediata de trabalho, qualquer relação amorosa, a vida individual mais íntima (COLSON, 2003, p. 135).

Não era a primeira insurgência, em 1921: os marinheiros da fortaleza de Kronstadt já tinham se insurgido em 1905, depois em 1910, e em 1917. Uma e outra vez, pagaram a ousadia em vidas, muitas. Muitas ceifadas, muitas julgadas e condenadas, encarceradas, vigiadas, perseguidas, interdidas. As revoltas em Kronstadt, todas, sob o czarismo ou sobre o bolchevismo, foram reprimidas com irretocável ferocidade. Esses marinheiros, entretanto, não foram capturados pelo juízo político. Foram aos poucos entretecendo relações sociais livres, tanto da centralização estatal que legitima a burocratização da existência, quanto da hierarquização das relações sociais, que a burocracia implementa e multiplica.

Com a vitória política na revolução de fevereiro de 1917, constitui-se em Kronstadt um primeiro soviete. Moderado e provisório tal qual o governo central, “vaga-



mente socialista”, como dizia Volin de Kerensky, o primeiro soviete de Kronstadt congregou, em sua maioria, socialistas revolucionários de direita e mencheviques. Também assim como o governo provisório de Kerensky, o primeiro soviete de Kronstadt não soube compor forças com os ânimos revolucionários das pessoas. E esses ânimos, segundo Volin (1954), desdobravam-se, a cada dia mais, numa revolução social que, a cada dia mais, diferenciava-se do sentido e das disposições da revolução política. Em breve, mais do que se diferenciar, a revolução social em curso em Kronstadt se contraporía à revolução política bolchevique, o que lhe custaria um fim imposto a golpe de chumbo e violência legítima. Logo mais, em 1921. Mas antes, em Kronstadt, sucumbiu o primeiro soviete por efeito de sua complacência com o poder provisório de Kerensky. E foi antes do que em qualquer outro canto da (quase) nova Rússia, que em Kronstadt foram eleitos novos delegados. Um novo soviete. Este, agora composto primordialmente por bolcheviques, e por maximalistas e anarquistas. Se houve, em comparação ao primeiro, uma ampliação da força política (no sentido das relações sociais cotidianas) no segundo soviete de Kronstadt, este ainda se via mergulhado na extraordinária rede burocrática comandada pelo partido. Mesmo assim, observa Volin (1954) que

(...) a atividade do soviete e suas lutas internas inevitáveis entre as diversas facções pouco contavam em relação ao imenso trabalho no próprio âmago das massas, em navios, quartéis e oficinas. Os atos públicos na praça da Âncora eram

bastante frequentes, e neles todos os problemas da Revolução eram examinados desde todos os pontos de vista. A população vivia jornadas intensas e apaixonadas. Assim Kronstadt se educava e se preparava para o papel excepcionalmente ativo que em breve assumiria em todas as lutas, em todas as etapas da Revolução e, em seu conjunto, em toda a extensão do país (p. 257).

Diferenciação radical, contundente: de um lado, a ampliação da revolução no campo das relações sociais cotidianas, moleculares, de uma revolução social que escapa à captura do partido, da história, do Estado e da consequente burocratização e hierarquização da existência; de outro, a revolução política e suas medidas, a conquista do poder, a imposição de uma nova ordem, a polícia, a repressão, a conduta revolucionária. Diferenciação ética, apontando antes para mundos, e tempos, diferentes, do que para distintas concepções de revolução: desencontro essencial entre a ampliação de liberdades na multiplicidade incomensurável das relações e associações diretas (não institucionalizadas) e a formalização institucional e modelar da vida de todos, os súditos, por decreto. Diferenciação que cria o novo, isto é, o intempestivo. Ou ainda: de um lado, recorrendo aqui às palavras de Deleuze (2013), um devir revolucionário que surpreende pela força intempestiva; e de outro, inscrevendo-se, necessariamente, na história, o futuro da revolução. Por exemplo:



Os habitantes de Kronstadt decidiram cultivar o terreno livre entre a costa e a cidade, e para tanto criaram hortas coletivas. Cada grupo de 50 pessoas, do mesmo bairro e lugar de trabalho, recebia um lote por sorteio, para ser trabalhado em comum, assistidos por especialistas: agrimensores e agrônomos. As questões gerais eram tratadas em reuniões de delegados ou em assembleias gerais. Das sementes encarregava-se um comitê de provisionamento e as ferramentas de lavoura eram fornecidas pela cidade, que também fornecia esterco, único adubo disponível. Essas hortas foram muito úteis à população de Kronstadt, sobretudo nas épocas de fome, 1918 e depois. E o trabalho em coletividade estreitou vínculos solidários, não apenas entre os membros de uma mesma horta coletiva, nem entre os membros de todas as hortas, mas entre a totalidade da população, que sempre colaborou. Por isso, precisamente, tiveram grande vitalidade e ainda funcionavam em 1921, chegando a ser durante bastante tempo a única organização independente que os bolcheviques não conseguiam destruir (VOLIN, 1954, p. 262).

Volin descreve uma progressiva autogestão da vida coletiva em Kronstadt, dos serviços públicos à administração das moradias. Assim, em 1918 foi proposta pelos habitantes de Kronstadt a socialização dos edifícios em geral e das moradias. “Tratava-se, primeiro, de obter o consentimento e participação do soviete local; depois, de criar um organismo competente, encarregado da recepção e exame dos imóveis, da equitativa distribuição dos alojamentos, de seu conserto e cuidado, e das novas construções” (Ibidem, p. 264). Como seria de se espe-

rar, no entanto, a proposta, levada ao soviete majoritariamente bolchevique, foi postergada e finalmente (após consulta dos delegados bolcheviques locais às autoridades centrais) denegada, sob a burocrática declaração de que “(...) um problema de tal importância somente deveria ser resolvido pelo conjunto do país, [de] que Lenin preparava um projeto a esse respeito e [de] que, em benefício da questão, o soviete de Kronstadt deveria esperar as instruções do Centro” (Ibidem, p. 265).

Conclusão: quando se trata de tempos revolucionários, os novos (ou renovados) sujeitos históricos devem ater-se a seus papéis, inscritos num destino previamente concebido, a ser imposto a todos, custe o que custar. Se em 1921, em Kronstadt, colocou-se em questão o destino previamente concebido pela cúpula bolchevique, ou melhor, a implementação desse destino, essa insurgência recolhia um tempo anterior de experimentações de sociabilidades livres da hierarquia e da centralização que definem a política institucional. Um tempo anterior, que transborda do tempo histórico do projeto revolucionário bolchevique, no qual a vida coletiva ampliava-se em práticas cotidianas de liberdade, uma vida produzida fora do Estado. E, também, uma vida que ia de encontro ao modelo revolucionário partidário estatal dos bolcheviques. Mais uma vez, por exemplo:

Os bolcheviques não perceberam que, com a importação do taylorismo, importavam também seu conteúdo repressivo: o desconhecimento do sujeito ou sua negação. Contudo, seja dito de passagem que o que se conheceu no mundo

como método taylorista surgira na própria Rússia, com a criação da Escola Imperial Técnica de Moscou, em 1878, tendo como diretor o engenheiro Della Voce. Ali se ensinava o que posteriormente se chamou organização científica do trabalho ou taylorismo, e seus resultados foram apresentados na Exposição de Filadélfia, daí se difundindo às escolas norte-americanas. A utilização do taylorismo pelos bolcheviques, na verdade, foi uma readaptação do método ensinado pela Escola Imperial de Moscou, tendo como fim o arranco industrial (TRAGTENBERG, 1988, p. 86).

Não estavam os camponeses, em Kronstadt, assim como na Ucrânia, diretamente comprometidos no desenvolvimento nacional, no projeto bolchevique de fazer de Rússia uma grande nação no mundo, (mais) uma potência. Não estavam diretamente comprometidos na grandeza e na força do partido bolchevique, embora suas vidas estivessem enredadas por decreto no programa de governo ditatorial desse partido. Não estavam sequer comprometidos nos novos tempos anunciados por uma revolução que olhava para um glorioso futuro planetário, ao abrigo dos sonhos de grandeza acalentados, desde o século XIX, pelo fervoroso socialismo científico que prometia a (única, verdadeira) salvação da humanidade, aqui na terra, com a espada da justiça forjada pela classe operária (ou melhor, por seus representantes-sacerdotes).

Em Kronstadt, como na Ucrânia, camponeses, artesãos, comerciantes, líderes religiosos..., as pessoas transitavam embaladas em memórias vivas, em costumes atravessando a história e suas grandezas, embaladas



em afetos a-históricos, a-estatais, a-partidários, mesmo a-revolucionários (se por revolução entende-se a tomada do poder político institucional). Mas o projeto bolchevique impunha uma vida formatada na linha de produção, no regime industrial da economia de guerra, na apropriação da força política de cada um sob o emblema do partido da revolução. Um comunismo decretado por uma ditadura que, no fim das contas, implementava um capitalismo de Estado que apenas renomeava os privilégios e a violência legítima.

[bibliografia]

- AVRICH, Paul (2006). *Kronstadt 1921*. Buenos Aires: Anarres.
- ANARQUISTAS RUSSOS EXILADOS NA ALEMANHA (2011). *A repressão ao anarquismo na Rússia Soviética*. Verve, n. 11. Trad. Dorothea Voegeli Passetti. São Paulo; Nu-Sol/PUC-SP, pp. 95-108.
- BARTHES, Roland (2004). *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix.
- BERKMAN, Alexander. *A rebelião de Kronstadt* (2011a). BERKMAN, A. & GOLDMAN, E. *Kronstadt*. Piracicaba; Ateneu Diego Giménez.
- _____ (2011b). *Lições e significâncias de Kronstadt*. BERKMAN, A. & GOLDMAN, E. *Kronstadt*. Piracicaba; Ateneu Diego Giménez.
- _____ (2013). *El mito bolchevique [Diário 1920-19220]*. Tenerife/Madrid: Tierra de Fuego/LaMalatesta Editorial.
- COLSON, Daniel (2003). *Pequeno léxico filosófico del anarquismo: de Proudhon a Deleuze*. Trad. Heber Cardoso. Buenos Aires: Nueva visión.
- DELEUZE, Gilles (2013). *Controle e devir. Conversações (1972-1990)*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, pp. 213-222.



GOLDMAN, Emma (2007). *Minha outra desilusão na Rússia*. Verve, n. 11. Trad. Anamaria Salles. São Paulo: Nu-Sol/PUC-SP, pp. 109-122.

_____ (2011). *Kronstadt*. BERKMAN, A. & GOLDMAN, E. *Kronstadt*. Piracicaba; Ateneo Diego Giménez.

JESI, Furio (2018). *Spartakus: simbologia da revolta*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: N-1 Edições.

METT, Ida (2006). *La comuna de Cronstadt: crepúsculo sangriento de los soviets*. Trad. Emilio Madrid Expósito. Ediciones Espartaco Internacional. Disponível em: <http://grupgerminal.org/?q=system/files/comuna_0.pdf>. Consulta em abril 2018.

MONTEBELLO, Natalia (2017). *Anarquistas e a revolta na revolução russa: Nestor Makhno*. Revista *Tensões Mundiais*, v. 13, n. 25 jul/dez. Fortaleza: Observatório das Nacionalidades/PPGS-UECE, pp. 99-121.

NIETZSCHE, Friedrich (2003). *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____ (2005). *Así habló Zaratustra*. Trad. José Rafael Fernández Arias. Madri: Valdemar.

PETRITCHENKO, Stepan (2011). *A verdade sobre Kronstadt*. BERKMAN, A. & GOLDMAN, E. *Kronstadt*. Piracicaba; Ateneo Diego Giménez.

WEIL, Simone (s/d). *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*. Rio de Janeiro: Achiamé.

PIPES, Richard (2008). *História concisa da Revolução Russa*. Trad. T. Reis. Rio de Janeiro: BestBolso.

REIS, Daniel Aarão (2017). *A revolução que mudou o mundo: Rússia, 1917*. São Paulo: Companhia das Letras.

ROCKER, Rudolph (2007). *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra.

TAIBO, Carlos (2017). *Anarquismo y revolución en Rusia (1917-1921)*. Madri: Los Libros de la Catarata.

TRAGTENBERG, Maurício (1988). *A Revolução Russa*. São Paulo: Atual.

VOLIN. *La revolución desconocida (1954)*. Buenos Aires: Ediciones FORA/Americalee.

